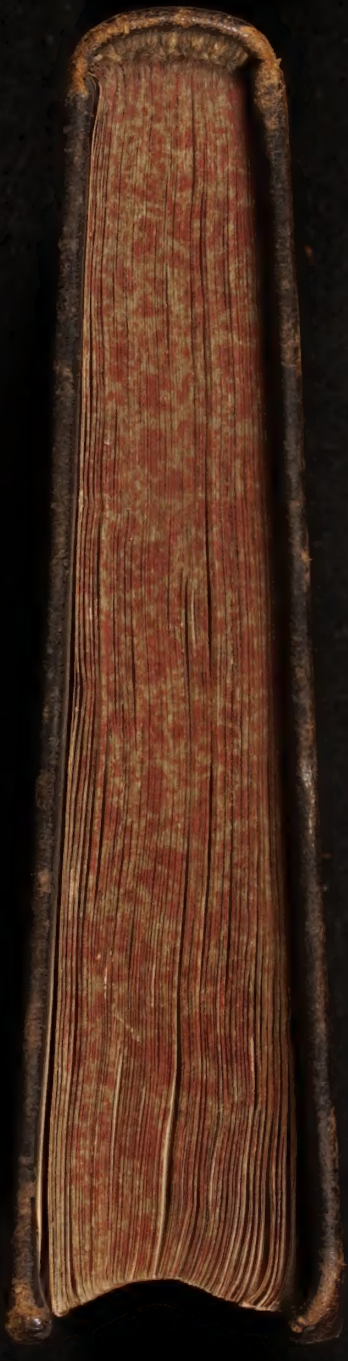
VIDA
DE S.
JOANNA



Antonia da Silveira

Verdad.º Retrato de S. Joanna Princeza de Portugal da ordem de S. Domingos.
Nicos. fecit.
et impressit
Viana

EPITOME
DA VIDA
DE
S.TA JOANNA,
PRINCEZA DE PORTUGAL.

EPITOME
DA VIDA
DE
S.TA JOANNA,
PRINCEZA DE PORTUGAL,
Religioſa da Ordem de S. Domingos,
CHAMADA VULGARMENTE
A
SANTA PRINCEZA.
TRADUZIDO DO ITALIANO
em Portuguez, e accreſcentado
POR
HUM SEU DEVOTO.

LISBOA:
Na Officina de MANOEL SOARES,
Anno de MDCCLV.
Com todas as licenças neceſſarias.

ORAÇAÕ
DEDICATORIA
Aª
Sta PRINCEZA.

VÓS, Conſtantiſſima Virgem, e Inclyta Heroîna, he dedicado eſte livro, no qual com toſcos, mas devotos, caracteres vaõ eſcritas as glorioſas, e heroicas acçoens,

ções , que na voſſa Santiſſima Vida maravilhoſamente reſplandeceraõ. He voſſa a dadiva , aſſim como he voſſa a Vida ; mas nem por iſſo deixa de ſer menos precioza , como naõ ſaõ menos eſtimaveis as oblações , que ſe fazem a Deos , ao qual nada ſe póde dar , que naõ ſeja ſeu , como confeſſou o Profeta Regio na Oração , que fez a Deos com aquellas palavras : Tua ſunt omnia , & quæ de manu tua accepimus , dedimus tibi. *Vós pois, Amabiliſſima Eſpoza do Senhor , naõ vos moſtrareis agradecida a quem vos conſagra , em dadiva a voſſa meſma Vida; aquella Vida , pela qual mereceſtes ſer adorada na terra ſobre os altares , e depois de morta elevada no Ceo ao ſublime Throno da Gloria , em comparaçaõ do qual reputaſtes por nada os Thronos Reaes do mundo , e ſó dignos dos voſſos generozos deſprezos ? Porêm , ſe agradeceis a dadiva , naõ deixe a voſſa magnanima clemencia de recompenſar juntamente quem a offerece com*

a ſó

a ſó intençaõ de implorar a voſſa potentiſſima interceſſaõ para com Deos; para que, pela ſua mizericordia, lhe conceda a graça de naõ errar no difficil caminho da prezente vida, ſeguindo a ſegura eſtrada da perfeiçaõ, que ſó conduz as almas á dezejada patria do Paraizo.

AMEN.

PRO-

PROLOGO AO LEYTOR.

Sahe á luz, amigo Leitor, traduzida do Idioma Italiano para o Portuguez, a Vida da Princeza Santa Joanna, precioziſſimo eſmalte da Real Coroa Portugueza, luzîdo Aſtro do firmamento Dominicano, e credito immortal do Moſteiro de JESUS de Aveyro. Bem conheço que me notarás de ſuperfluo, e menos neceſſario, o trabalho de ir mendigar Authores eſtrangeiros, para fazer publicas por meyo da eſtampa as excellencias deſta Famoza Heroîna, quando houveraõ tantos, e taõ celebres hiſtoriadores nacionaes, que as eſcre-

eſcrevêraõ : porèm has de ſaber , que ſe hum , ou outro tem algumas deſtas Obras, a mayor parte das peſſoas devotas carecem dellas ; ou já porque andaõ eſcritas em tomos volumoſos , a que nem todos chegaõ , ou porque os muitos annos , que tem paſſado deſde que ſe imprimiraõ , as conſumio com a ſua natural voracidade. A'lèm de que , em algumas deſtas hiſtorias ſe achaõ naõ pequenos deſcuidos , os quaes, pela ſua incoherencia com a chronologîa , expõem a huma manifeſta incredulidade os principaes accidentes da Vida da Santa Princeza ; falta , que póde evitar o incanſavel deſvelo do Auctor , a quem ſigo , conformando-ſe em tudo , e por tudo, com a chronologia mais exacta.

Confeſſo naõ ir ornada eſta hiſtoria com cores rhetoricas , e com os bellos matizes da eloquencia , de que tanto ſe paga a curiozidade de muitos; pois ſó me empenhey na verdade , e na mais natural expreſſaõ dos conceitos : mas ſe te naõ contentar neſte pobre traje , confio ſerá do agrado da Santa , por ſer taõ amante da pobreza , que por ella chegou a deixar

as tres mayores Coroas do mundo. Todos os defeitos, em fim, que descobrires nesta Obra, espero que suppraõ as glorioſas, e heroicas acçoens, que nella vaõ escritas, protestando, que o animo, e dezejo, com que a offereço ao publico, he por satisfazer a minha, e a alheya devoçaõ; para que seja louvado o Senhor, a Santa exaltada, e reformado quem ler a sua Vida.

VALE.

LI-

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

APPROVAC,AM DO MUYTO R. P. M.Fr.Antonio da Annunciaçaõ, Religioſo no Convento dos Agoſtinhos Deſcalços de N.S. da Boa-hora, Qualificador do Santo Officio &c.

ILL^MOS. E R^MOS. SENHORES.

POr ordem de Voſſas Illuſtriſſimas vi o Epitome da Vida de Santa Joanna, Princeza de Portugal, traduzida de Italiano, e accreſcentada por hum ſeu devoto, a qual pertende dar ao prélo o P. Manoel Joze Martins dos Santos, Presbytero do habito de S. Pedro. He eſta Obra hum fiel rezumo da vida deſta Santa: com eſte Epitome ſe publicaõ com menos

cuſto as ſingulares virtudes da Santa Princeza, para edificaçaõ, e exemplo de quem as ler; e porque naõ contêm couza, que ſe encontre á noſſa Santa Fé, e bons coſtumes, parece digna da licença, que ſe pede. Voſſas Illuſtriſſimas mandaraõ o que forem ſervidos, Convento dos Agoſtinhos Deſcalços de N. S. da Boa-hora de Lisboa. 25. de Outubro de 1754.

Fr. Antonio da Annunciaçaõ.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir a Obra, de que ſe trata; e depois voltará conferida, para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 29. de Outubro de 1754.

Alencaſtro. Silva. Paes. Trigozo.

DO

DO ORDINARIO.

APPROVAÇAM DO MUYTO R. P. M. Fr. Jozé de Oliveira, Religioso da Santiſſima Srindade &c.

EXMO E RMO SENHOR.

VI, como V. Excellencia me manda, o livro, de que eſta petiçaõ trata: naõ tem nada contra a Fé, e bons coſtumes, para que V. Excellencia lhe naõ conceda a licença, que pede. Convento da Santiſſima Trindade de Lisboa 7. de Novembro de 1754.

Fr. Jozé de Oliveira.

VIſta a informaçaõ, pode-ſe imprimir o livro, de que a petiçaõ trata, e depois de impreſſo, torne conferido para ſe dar licença para correr, e ſem ella naõ corerá. Lisboa 13. de Novembro de 1754.

Silva.

DO

DO PAÇO.

APPROVAÇAM DO MUYTO R. P. M. Manoel Monteiro da Congregaçaõ do Oratorio &c.

SENHOR:

VI, como V. Mageſtade me ordena, o livro intitulado: Epitome da Vida de Santa Joanna, que, traduzido da lingua Italiana, pertende imprimir o P. Manoel Jozé Martins dos Santos, e naõ achey neſta Obra couza alguma, que ſe opponha á pureza da Fé, ou bons coſtumes, e decoro deſte Reyno; antes me parece que ſerá muito decorozo á Naçaõ Portugueza, ver-ſe que houve nella huma Santa, que ſoube adornar a Coroa do ſeu Real ſangue com o eſmalte de taõ heroica virtude: pelo que julgo eſte livro digno de eſtamparſe, V. Mageſtade mandará o que for ſervido. Lisboa Congregaçaõ do Oratorio 22. Novembro de 1754.

Manoel Monteyro.

Que

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario; e depois de impreſſo tornará á Meſa para ſe conferir, e taxar, e dar licença para que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 23. de Novembro de 1754.

M. P. Ataide. Caſtro. Emmaûs. D. Velho.

IN-

INTRODUCÇAM
Á VIDA
DE
Sta JOANNA,
PRINCEZA DE PORTUGAL,
da Ordem de S. Domingos.

A Real Caza de Portugal ſe póde gloriar com razaõ de ter alcançado de Deos, como Auctor da natureza, a grande prerogativa de hum incomparavel valor, com o qual tem dilatado os limites do ſeu Auguſto Imperio pelas quatro partes do mundo, depois de ter alcançado as mais aſſignaladas victorias dentro dos confins do ſeu Reino, pelas quaes ſe chegou a libertar da formidavel tyrannia dos Mouros Africanos: porèm o meſmo Deos, como Auctor da graça, naõ tem ſido menos liberal em communicar a eſta Real Eſtirpe as ſuas celeſtiaes dadivas, eſcolhendo-a, entre as mais naçoens, para com o ſeu valor dilatar por todo o mundo

do o nome Chriſtaõ, e converter Reynos inteiros do Paganiſmo á verdadeira Fé de JESU Chriſto.

No tronco, de Affonſo I. fallo, de quem reconhece a origem a Real Caza Portugueza, ſempre favorecida do Ceo, ſe admirou a bella uniaõ do valor nas armas, e da ſantidade na vida; porque elle foy quem com hum limitado numero de combatentes em huma ſó peleja desbaratou, como outro Abraham, os poderoſos exercitos de cinco Reis Barbaros, naõ offerecendo jamais batalha ao campo inimigo, ainda que incomparavelmente ſuperior no numero, que naõ pudeſſe dizer com Cezar: *Veni, vidi, & vici.* Elle foy quem, pela ſua eximia piedade, mereceo alcançar de JESU Chriſto Crucificado, apparecendo-lhe vizivelmente, a inveſtidura do titulo Regio, e com elle oReal Brazaõ, ennobrecido com as cinco Chagas, para que tiveſſe hum penhor Divino por ſegurança, que a ſua poſteridade ſeria ſempre favorecida de celeſtiaes inundaçoens de graças; pois ſe lhe appropriava o manancial, donde todas ſe communicaõ.

Pouco tardou, que ſe naõ viſſem brotar deſte tronco ramos de heroica Santidade nas tres Infantas, dignas Netas do grande Affonſo, e filhas de D. Sancho, immediato herdeiro do Reino, as quaes foraõ Thereza, Sancha, e Mafalda, que das delicias dos Palacios paſſaraõ a viver nas ſolidoens dos Moſteiros, com taõ raro exemplo de perfeiçaõ Chriſtaã, que ainda hoje permanece viva a ſua glorioſa memoria, chamando-ſe vulgarmente as Rainhas Santas. Confirmou-ſe na meſma RealCaza a indole dedicada á Chriſtaã piedade pelo matrimonio de D. Diniz I., Rey de Portugal, com Izabel Infanta de Aragaõ, a qual entre os faſtos, e as Reaes pompas reſplandeceo com rayos de taõ rara, e excelſa virtude, que mereceo ſer em vida venerada ſobre o Throno, e depois de morta adorada ſobre os altares por Santa.

Deſta conjunçaõ, verdadeiramente maxima, ſe produziraõ dous fructos de exquizito goſto para a Meza do Paraizo, quaes foraõ os Infantes D. Fernando, e D. Jaime, aquelle filho, e eſ-

te

te Neto deD. Joaõ I. ;Rey de Portugal , de coſtumes taõ exemplares , que ſempre foraõ venerados por clariſſimos eſpelhos da Santidade. D. Fernando morreo captivo entre os Mouros Africanos, pelos crueis tratos daquelles barbaros ; porèm recreado na morte de celeſtiaes appariçoens, que lhe ſeguráraõ o ſeu feliz tranzito para o Paraizo.

D. Jaime foy Arcebiſpo de Liſboa , e Cardeal promovido á Purpura por Caliſto III. ;e emFlorença deixou os ſeus deſpojos, venerados athé hoje como reliquias. Affirmaõ delle as hiſtorias, que na ſua ultima enfermidade aconſelhado dos Medicos a manchar a pureza para recuperar a perdida ſaude, com generoſa conſtãcia lhes reſpõdeo:*Malo mori,quam fœdari.*

Ja aqui ſe offerece á viſta hum precioſo ramo , ornado de admiraveis fructos de heroicas acçoens , que no decurſo dos ſeculos ſe contemplou brotar do Real tronco Portuguez , para que ſe viſſe verificado o dito do Apoſtolo : *Si radix ſancta , & rami.* Será pois Santa Joanna , Princeza de Portugal , digno ramo

mo deſte Regio tronco, o Sujeito deſte livro, no qual ſe narrará ſuccintamente a hiſtoria da ſua Vida, para que ſe forme huma perfeita idéa da perfeiçaõ Chriſtaã, bem digna de ſer admirada; e quizera Deos que foſſe imitada tambem.

VIDA

VIDA
DE
S.ta JOANNA,
PRINCEZA DE PORTUGAL,
Da Ordem de S. Domingos.

NE sem duvida, que nem todos aquelles, que foraõ gerados de pays eſtereis, foraõ Santos, como ſe vio em Eſaú, e em outros muitos; mas com tudo, regularmente accontece que os partos, que vieraõ á luz por interpoſiçaõ de Oraçoens, e

A de-

devotos rogos, tem conſeguido do Ceo huma, e outra bençaõ; a da natureza com o ſer, e a da graça com a participaçaõ de copioſos dons ſobrenaturaes, pelos quaes, excedendo a vulgar condiçaõ dos homens, ſerviraõ aos mais de exemplar de huma perfeiçaõ heroica, como ſuccedeo na Ley antiga a Samuel, e na Ley nova a S. Nicolao Biſpo de Mira, e a outros.

Naõ de outra ſorte o que acconteceo á Santa Princeza, a qual teve por pay D. Affonſo V., Rey de Portugal, filho de El-Rey D. Duarte I., e neto de El-Rey D. Joaõ I., o qual pelas ſuas raras qualidades, e pelo amor, com que tratou os ſeus Vaſſallos, mereceo o titulo de Pay da Patria. Por mãy teve a Iſabel, filha de D. Pedro, Duque de Coimbra, e irmaõ de El-Rey D. Duarte I., a qual, vendo-ſe por muitos annos infecunda, inceſſantemente, com Affonſo ſeu eſpoſo, pedia a Deos, que com Celeſtiaes bençoens lhe déſſe ſucceſſaõ.

Para

Para eſte effeito recorreo ao ſeu eſpecial Protector S. Joaõ Evangeliſta, e juntamente ao Patriarcha S. Domingos; e ſabendo que no Biſpado de Lamego havia huma Imagem milagroſa deſte Santo, por cuja interceſſaõ alcançavaõ as eſtereis ſimilhantes graças, ſe reſolveo a viſitá-la peſſoalmente, o que executou, expondo-lhe as mais efficazes rogativas, e offerecendo-lhe precioſas dadivas.

Foraõ as ſupplicas da piedoſa Rainha promptamente ouvidas da Divina Clemencia; porque, paſſados nove mezes, dêo á luz na grande Cidade de Lisboa eſta portentoza filha, a os ſeis de Fevereiro de mil quatrocentos e cincoenta e dous, á qual, pela devoçaõ, que tinhaõ os Regios pays a S. Joaõ Evangeliſta, foi poſto no Bautiſmo o nome de Joanna: e porque era o unico fructo de Affonſo, pareceo ao ſeu Real Conſelho, que poucos dias depois do naſcimento da Infanta foſſe reconhecida por unica herdeira da Coroa, fazendo-a jurar, ainda

nas mantilhas, por todos os Eſtados, e de todos os Grandes do Reyno. Paſſados tres annos, deo á luz a Rainha D. Izabel hum filho varaõ, que, pela meſma devoçaõ ao Evangeliſta, foi chamado Joaõ no ſagrado Bautiſmo, o qual, depois ſuccedeo na Coroa, para immortal credito da Naçaõ Portugueza, paſſando logo á outra vida a Rainha mãy.

Determinou o Rey, que foſſem deputados para ſervirem a Infanta, ainda menina, todos aquelles Officiaes da Corte, que tinhaõ tambem ſervido a Rainha defunta, por falta da qual, deſtinou para educar a filha huma aya, que entre as mais illuſtres Damas do Reyno foſſe a mais diſcreta, e a mais ſábia: eſta foi D. Beatriz de Menezes, nobiliſſima de ſangue, e virtuoſiſſima de coſtumes, a qual, pelas ſuas relevantes qualidades, tendo inſpirado deſde a infancia no animo da Princeza penſamentos de devoçaõ, e de piedade, naõ contribuhio pouco a diſpô-la na puericia, para

ſe

ſe conſervar hum vivo templo do Eſpirito Santo na terra. Apenas no claro Ceo do ſeu entendimento amanheceo a alva da razaõ, quando logo ſe admirou como brilhante aurora, convertendo-ſe em poucos annos em hum Sol dos mais brilhantes rayos, para illuſtrar com exemplos de heroicas virtudes naõ ſó a Portugal, mas ao mundo todo.

Chegando á adoleſcencia, ſe privou ainda dos mais innocentes divertimentos, entretendo-ſe ſó em procurar os mais proporcionados meyos de agradar a Deos, e a MARIA Santiſſima, a quem dedicou os actos mais devotos, que podia executar naquella tenra idade, rezando particularmente, com a poſſivel attençaõ, o ſeu menor Officio, e outras devotas Oraçoens, conforme a ſua virtuoſa Meſtra lhe tinha enſinado. Recreava-ſe em extremo com a liçaõ dos livros ſagrados, como da vida do noſſo Salvador, dos Santos, e das Virgens, que tinhaõ padecido martyrio;

mas

mas naõ ſe empregava neſta liçaõ tanto por curioſidade, quanto por alcançar a norma da mais perfeita vida, e para ſe animar com eſtes exemplos a caminhar pela ſegura eſtrada da Santidade.

Para que lhe ficaſſe mais impreſſo na memoria aquillo, que lîa, praticava com as ſuas familiares ſobre as meſmas materias devotos diſcurſos, com os quaes mais ſe inflammava no propoſito de ſe exercitar naquella virtude, que lhe parecia reſplandecera mais na vida dos Santos. Aſſiſtia ao Sacroſanto Sacrificio da Miſſa com hum ſemblante taõ devoto, que quem a via, pudera crer que eſtava arrebatada em extatica contemplaçaõ dos divinos Myſterios. Nos mais exercicios quotidianos de devoçaõ ſe empregava com tal recolhimento, que, para naõ ſer delles divertida, tinha ordenado, que, em quanto eſtiveſſe no Oratorio, nenhuma peſſoa, ſe atreveſſe a fallar-lhe.

Deſde eſte tempo ſe coſtumou a hum

hum quotidiano exercicio, do qual ſe póde muito bem arguir o fino daquelle amor, que tinha a JESU Chriſto Crucificado: eſſe foy, que naõ abria jamais os olhos, quando de manhãa deſpertava do ſomno, que naõ tomaſſe logo nas ſuas mãos hum Crucifixo, que tinha collocado á cabeceira; para que as ſuas primeiras viſtas ſe naõ empregaſſem em outro objecto, que no ſeu ſummo Bem. Da meſma ſorte de tarde, quando deſcançava ſobre o leito, tinha ſempre fitos os olhos no meſmo Crucifixo, até ſe ver obrigada do ſomno a fechá-los. Que mais clara prova de ſer ſempre Deos o *Alpha*, e *Omega*: *Primus*, *& noviſſimus* no centro do ſeu coraçaõ!

A eſte modo de vida ſe achava applicada a menina Princeza, naõ contando mais que doze annos de idade. Neſte meſmo tempo, tendo-ſe feito celebre pelo mundo naõ ſó a belleza extraordinaria da ſua peſſoa, mas tambem a ſabedoria do ſeu Real eſpirito, foi com a mayor inſ-

tancia

tancia pedida por Luiz XII. Rey de França a ElRey D. Affonſo ſeu pay para eſpoſa, naõ ja, como crem alguns, do Delfim Carlos ſeu filho, que ainda naõ era naſcido naquelle tempo; mãs ſim para Carlos Duque de Ordeans irmaõ do meſmo Rey, tendo entaõ o Duque quinze para deſaſeis annos de ídade, o qual ſe ſuppunha ſeria herdeiro da Coroa de França; porque o Rey Luiz, depois da morte de dous filhos na idade mais tenra, divorciado da Rainha Carlota de Saboya, dava moſtras de que naõ cuidava de ſucceſſaõ. Moveo-ſe a fazer eſta inſtancia a ElRey D. Affonſo por ter viſto o retrato da Princeza, que agradou tanto a eſte Monarcha, que, poſto dejoelhos para o admirar, dêo rendidas gragas a Deos por ter produzido no mundo huma creatura taõ bella.

Teve ElRey D. Affonſo o mayor contentamento com eſta embaixada, parecendo-lhe que ſeria naõ ſó decoroſa, mas tambem utiliſſima para o ſeu Reyno

ño huma taõ eſtreita alliança com a França ; pelo que naõ deixon de perſuadir á filha com fortes razoens, moſtrando-lhe o quanto convinha que ella condeſcendeſſe ao matrimonio, que ſe lhe propunha.

A Princeza porèm, ſábiamente advertida, pedio ao pay algum tempo para reſponder o que lhe parecia melhor ſobre huma taõ improviſa inſtancia ; e como ja entaõ tinha concebido no ſeu entendimento a idéa de conſagrar a ſua virginal pureza ao Eſpoſo Celeſtial, de poucas horas neceſſitou para dar ao Rey huma reſpoſta naõ menos reſoluta, que ſábia. Diſſe pois a Princeza : que ſe devia nella mais maduramente ponderar aſſim os ſeus poucos annos, como a pouca experiencia das couſas do mundo ; que era neceſſario tambem reflectir nas continuas indiſpoſiçoens do Principe D. Joaõ ſeu irmaõ, das quaes ſe podia temer que naõ chegaſſe á idade de poder dar ſucceſſaõ ao Reyno : vindo ultima-

mente a concluir, que naõ era util á Monarchia deſpoſá-la com tanta acceleraçaõ com hum Principe eſtrangeiro; que podia ſucceder, que o Reyno vieſſe a cahir na ſua peſſoa.

Com eſtas, e outras razoens pode a Princeza defender-ſe das inſtancias do Rey, que admirou a prudencia da filha; e communicando depois o ſeu parecer com o Conſelho de Eſtado, reſolveo concordemente eſte, que naõ convinha por entaõ caſar a Princeza com Principe eſtrangeiro.

Tanto que foi notificada á ſábia menina eſta reſoluçaõ, rendeo a Deos as graças de ſe ver livre de taõ arduo empenho. Dahi em diante começou a reconhecer em ſi hum augmento prodigioſo de virtude, applicando-ſe toda á pratica dos exercicios de mortificaçaõ, e penitencia, tendo tirado eſte fructo da liçaõ dos livros eſpirituaes, e das ſuas continuas meditaçoens. Tambem começou a rezar deſde eſte meſmo tempo com hum

hum exemplariſſimo Sacerdote, que tinha ſido Capellaõ da Rainha D. Izabel, todos os dias as horas Canonicas, como ſe fora obrigada ao Officio Divino; e para melhor gozar da leitura das vidas dos Santos, fazia verter no proprio idioma os paſſos, que naõ entendia, para mover tanto mais os affectos para com o Author dos Divinos louvores, quanto melhor penetrava o ſentido das palavras, que lîa.

Teve ſempre eſpecial cuidado a Princeza de ter occultos os ſeus devotos exercicios, por ter aprendido no Evangelho aquelle documento de Chriſto: *Clauſo oſtio, ora Patrem tuum.* Porèm vio-ſe neceſſitada a confiar os deſignios da ſua piedade a duas Damas de Honor, que tinhaõ ſervido á Rainha D. Izabel ſua mãy, como tambem a hum Gentilhomem da Camara de ElRey D. Affonſo ſeu pay, os quaes, juntamente ſeguindo as pias inclinaçoens da devota Princeza, lhe guardáraõ hum ſegredo inviolavel.

Por elles foi provîda de certa groſſeira laã para fazer camizas conforme o coſtume das Religioſas mais obſervantes, e tambem de aſperos cilicios, que, á imitaçaõ de Santa Cecilia, trazia debaixo dos precioſos veſtidos junto á nua carne.

Retirava-ſe, quanto podia, das converſaçoens, e divertimentos, que coſtumaõ ter as Damas de Palacio, ſem attender a que devia aſſiſtir entre ellas como Princeza: e ſe por a caſo alguma vez condeſcendia aos ſeus rogos, era por naõ deſgoſtar á Mageſtade, de quem lhe deo o ſer; porque, ſuppoſto goſtaſſe de ver a Princeza taõ devota, naõ queria que fugiſſe tanto dos divertimentos honeſtos, pela ſuſpeita de que eſte coſtume lhe imprimiſſe no coraçaõ hũa reſoluta vontade de deixar o mundo, e ſe metter Religioſa. De tarde, licenciadas as Damas de Palacio, ſe retirava ao ſeu Oratorio, no qual empregava muitas horas da noite no exercicio da Oraçaõ. A graça, que com mais lagrimas, e ſuſ-

piros

piros pedia ao Senhor, era eſta: que lhe déſſe modo de ſe poder retirar a hum Moſteiro, naõ aſpirando a outra couſa, que a huma perfeita renuncia de todas as grandezas da terra, para ſe dedicar inteiramente a Deos.

Acabada a Oraçaõ, atormentava o ſeu innocente corpo com aſperas diciplinas; e depois, obrigada da neceſſidade ao deſcanço, proſtrada por terra, e com a cabeça inclinada ſobre hum duro tronco, deſcançava tanto tempo, quanto lhe permittiaõ as ſuas dilatadas devoçoens. Mas conhecendo que naõ podia continuar tanto rigor, ſem manifeſto riſco da ſaude, teve por conveniente moderá-lo; e para aſſim o executar, ordenou a hum ſeu fiel criado, que lhe mandaſſe fabricar hum leito, e que ſobre as taboas lhe puzeſſe hum duro colchaõ, por lançois cubertas de laã, por colcha hum aſpero cobertor, e por traveſſeiro hum ſacco de eſtopa. Executada pontualmente a Ordem da Princeza, foi

poſto

posto o leito em hum quarto, ao qual passava da Regia Camara guarnecida com o mais pomposo apparato: neste se recostava de tarde servida das Damas de Palacio; mas quando observava que naõ seria sentida de alguma, se levantava daquelle leito magestoso, e passando ao seu quarto, primeiramente se entretinha muitas horas em Oraçaõ, e logo se mettia no pobre leito para dar o necessario descanço ao corpo, depois do qual tornava á Camara Regia para acabar de vestir-se, e logo ao Oratorio para ouvir Missa, e cumprir com as suas costumadas devoçoens.

Accrescentou a estas austeridades no dormir, rigorosos jejuns de paõ, e agoa, particularmente nas Sextas feiras, nas quaes tambem se diciplinava até correr copioso sangue: o mesmo praticava no primeiro dia do anno, em memoria do primeiro Sangue, que o Menino Deos derramou na Circuncisaõ; persuadindo-se que o sangue, que por primicia do

anno

anno podia offerecer ao Salvador, era o que derramava naquelle dia em ſatisfaçaõ de taõ grande fineza.

Quando eſtava ſentada á Regia meſa, ainda que ſe lhe puzeſſem diante os mais exquiſitos, e goſtoſos manjares, contentava-ſe taõ ſómente com os provar, e moſtrando que lhe naõ agradavaõ, os deixava, dando a entender que ſe ſatisfazia mais com os ordinarios, e menos delicados. Muitas vezes na auſencia de ElRey, fingindo nauſear-ſe de todos, paſſava ſó com paõ, e agoa; e para diſſimular melhor que naõ fazia iſto para ſe mortificar, dizia que o eſtomago gravado lhe naõ podia conſentir aquelle dia outro ſuſtento.

Tinha hum taõ vivo ſentimento da Paixaõ de JESU Chriſto, que quando della ouvia fallar, naõ podia contêr as lagrimas. Todos os dias meditava pelo eſpaço de huma hora a agonia do Redemptor no Horto; e para participar daquella anguſtia, ſe proſtrava por terra a re-

a repetir com hum coraçaõ cheyo de amargura, e de reſignaçaõ nas mãos de Deos, as meſmas palavras, que diſſe o Salvador ao Eterno Pay, conformandoſe com a ſua eterna diſpoſiçaõ. Meditando a dor, que teve a Santiſſima Virgem, quando tomou nos Braços a ſeu Unigenito, e Bendito Filho deſpregado da Cruz, e o pôs no regaço todo transfigurado, e cuberto de chagas, ſe ſentia occupar de tal exceſſo de compaixaõ, que de pura dor lhe parecia ſe lhe atraveſſava o coraçaõ com huma cruel lança; nem deſcobria allivio algum em tanta pena, ſenaõ em derramar dos olhos abundantes rios de lagrimas.

Deſde a Dominga de Ramos até o Sabbado ſanto eſtava como abſorta na conſideraçaõ dos Myſterios, que a Igreja naquelles dias propõem aos Fieis; e deſde a Quinta feira ſanta até dia de Paſcoa naõ ſe deitava em cama, mas paſſava os dias, e as noites em Oraçaõ quaſi contînua. No meſmo dia da Quinta

ta feira ſanta, para imitar a humildade do Redemptor, e obedecer ao preceito intimado pelo meſmo Senhor aos Apoſtolos de lavarem os pés huns aos outros, mandava procurar doze pobres mulheres eſtrangeiras, ás quaes, com huma incomparavel humildade, poſta de joelhos, lavava os pés, mas com o roſto cuberto com hum véo, e com o traje disfarçado, a fim de naõ ſer dellas conhecida. Depois lhes mandava dar huma conſideravel eſmóla, para comprarem os veſtidos preciſos. Quiz que eſta ſingular devoçaõ á Paixaõ do noſſo Redemptor foſſe eſtampada, e reconhecida nas ſuas Armas, naõ querendo que tiveſſem outra diviſa, mais que a Coroa de eſpinhos, da qual ſe ſervia para diſtinguir tudo aquillo, que era deſtinado ao ſeu uſo.

Foi couſa verdadeiramente maravilhoſa, que tantos jejuns, tantas vigilias, tantas abſtinencias, tantas diciplinas, e tantas maceraçoens corporaes

naõ alteraſſem a ſua ſaude, antes, ſuſtentando a graça a natureza, obrou nella aquelle meſmo effeito, que ſe admirou no tempo de Nabuco em Daniel, e nos mais companheiros; e no tempo de Holofernes na valoroſa Judith, quando das abſtinencias, e dos jejuns ſe augmentou nella certa amavel formozura, que parecia mais Celeſtial, que terrena.

Em ordem aos proximos, ſe reconheceraõ nella entranhas de verdadeira piedade; porque ſoccorria com largas eſmólas todos aquelles, que imploravaõ ſua miſericordia, para ſerem ſoccorridos nas mayores neceſſidades, commettendo a diſtribuiçaõ do dinheiro a peſſoas fieis, e diſcretas, ás quaes dava tambem o cuidado de viſitar as cadêas, os Hoſpitaes, os Conventos dos Religioſos pobres; obrigando-os tambem a informarem-ſe das viuvas abandonadas, dos orfaõs deſamparados, e de outras peſſoas, que, por vergonha de mendigar,

gar, ſoffrem toda a miſeria; para que a todos ſe extendeſſem os ſeus caritativos ſoccorros: razaõ porque, ſendo ainda menina, era chamada de todos a mãy dos pobres.

Outra obra de miſericordia de naõ menor conſideraçaõ fazia, e eſta era de pacificar aquelles, que ſabia acharem-ſe em diſcordia, e particularmente ſe empenhava em reconciliar as inimizades, que haviaõ entre os Grandes; aos quaes tratava tambem de conſolar, quando por algum ſiniſtro acaſo incorriaõ na deſgraça de ElRey ſeu pay. Daqui naſcia ſer em extremo amada de toda a qualidade de peſſoas; e o meſmo Rey, que admirava o prudente ſyſtema da filha, tudo, que ella lhe pedia, lho naõ negava, convencendo-ſe, que todas as ſuas ſupplicas naõ tinhaõ outro fim, mais que o beneficio do Reyno, e o bem dos ſeus vaſſallos.

Tanto que chegou á idade de deſaſeis annos para deſaſette, toda a

Corte fez publicas demonſtraçoens do deſejo, que tinha, de que logo ſe principiaſſe a tratar do ſeu matrimonio, procurando-ſe-lhe hum Monarcha digno da ſua virtude, e do ſeu Regio naſcimento. ElRey ſeu pay naõ tinha para iſto neceſſidade de eſtimulo, eſtando todo applicado ao decoroſo commodo da filha; a qual porèm, tendo o mayor horror aos deſpoſorios terrenos, de dia, e de noite pedia a Deos pela conſervaçaõ da ſua virgindade, reſoluta de a dedicar a Deos em huma Clauſura, reſoluçaõ, que naõ ſabia como a manifeſtaſſe a ElRey: mas Deos, que queria ouvir as ſuas inceſſantes rogativas, lhe fez conhecer huma das mais nobres, e virtuoſas Damas de Portugal, chamada D. Leonor de Menezes, filha do Conde de Vianna, a qual, pelo ardente deſejo, que tinha de ſer Religioſa, recuſou deſpoſar-ſe com o Duque de Bragança, com grande deſprazer de todos os ſeus conſanguineos, e fazia huma vida exemplariſſima

emplariſſima em certo Lugar diſtante da Corte de Lisboa. A Princeza lhe eſcreveo, e lhe communicou o mais recondito dos ſeus devotos penſamentos, e o ſeu verdadeiro deſignio, que naõ era ſómente de procurar huma ſolidaõ para viver com deſcanço, e paſſar com ſocego a vida, livre das perturbaçoens, e embaraços do mundo; mas para abraçar a cruz da Religiaõ, e fazer vida auſtera, e penitente, trabalhando com todas as forças, para fazer progreſſos na perfeiçaõ com a pratica das virtudes. Pedio-lhe, que ſe informaſſe exactamente do eſtado dos Moſteiros do Reyno, e aonde ſe vivia com mais retiro do ſeculo, e com mayor applicaçaõ aos exercicios de mortificaçaõ, para tomar depois as medidas adequadas em ordem a a conduzir ao deſejado fim do ſeu ſanto propoſito. D. Leonor eſtava ja baſtantemente informada de todas eſtas couſas; razaõ porque, ſem demora, lhe pode reſponder, que, entre todos os

Moſ-

Moſteiros do Reyno, o mais obſervante, e auſtero era o de JESUS, que novamente ſe tinha fundado em Aveiro da Ordem do Patriarcha S. Domingos. Naõ deſagradará ao pio leytor huma digreſſaõ, que agora pertendo fazer, para dar alguma noticia da fundaçaõ deſte Moſteiro, que foi tanto do agrado da Santa Princeza.

Deve-ſe pois ſaber que, ſendo Aveyro huma terra muito populoſa, e nobre, do Biſpado de Coimbra, diſtante de Lisboa quarenta e tres legoas; nas viſinhanças deſta grande Villa, junto ás margens do Rio Vouga, na parte, em que ſe vay metter no mar Oceano, eſtá ſituada huma pequena Aldea por nome *Occa*, e nella huma quinta delicioſa, que era naquelles tempos dos Senhores de Attaide, á qual ſe retiraraõ na juvenil idade D. Diogo de Attaide, e D. Brites Leytôa, ſua mulher, ambos de ſangue illuſtre, e ornados de excellentes qualidades, para viverem diſtantes dos eſtre-

eſtrepitos da Corte, naõ obſtante o ſerem nella bem acceitos, e para gozarem, no recinto daquella quinta, o ſocego de huma vida ſolitaria, e quaſi eremitica.

Paſſou D. Diogo nos annos mais floridos da ſua idade a melhor vida, como piamente ſe deve crer, deixando a ſua conſorte viuva na idade de vinte e ſette annos, com duas filhas. Foy com grande inſtancia rogada pela Rainha D. Izabel, mulher de Affonſo V., para que, paſſando á Corte, ſe contentaſſe de celebrar ſegundos deſpoſorios; pois a queria ennobrecer com o emprego de primeira Dama de Palacio: eſteve porèm taõ longe de acceitar eſte Regio offerecimento, que, depois de terem paſſado quatro annos da ſua exemplar viuvez, deſejoza de mayor perfeiçaõ, ſe conduzio ao Convento dos Padres Prégadores de Aveyro, para conferir os intereſſes de ſua alma com o Prelado daquelle Convento, reputado univerſalmente

mente por homem de insigne bondade, e doutrina, e de naõ menor prudencia na direcçaõ de negocios graves, o qual se chamava Fr. Joaõ de Guimaraens. Manifestou a este bom Religioso D. Brites os internos segredos do seu coraçaõ: e tendo elle divisado na nobre, e devota Senhora as claras luzes, com que Deos lhe illustrava o entendimento, e juntamente hum abrasado desejo de seguir o direito caminho da perfeiçaõ; a exhortou a deixar a quinta, de que era senhora, e a fazer a sua habitaçaõ em Aveyro, junto ao Convento de S. Domingos, para ter mayor commodidade de frequentar os Sacramentos, e ouvir mais vezes a divina palavra.

Depois de alguma repugnancia, que experimentou alguns dias em seguir similhante conselho, se dispôs finalmente a bõa Senhora, por impulsso do Espirito Santo, a executar o dictame deste grande Padre; procurou huma habitaçaõ junto ao Convento dos Padres Pré-

Prégadores, a qual em breve tempo ſe reduzio em fórma de humilde, e Religioſo Hoſpicio, no qual aſſiſtia D. Brites Leytôa com as ſuas duas filhas, e huma ſerva, obſervando huma vida taõ penitente, e retirada, que jamais ſahiraõ fóra, ſenaõ para irem á Igreja dos Padres Dominîcos, que lhes ficava viſinha. Viviaõ com tanta humildade, e moderaçaõ, e com taõ grande caridade, que, ainda que houveſſe entre ellas tanta improporçaõ, quanta ſe acha entre mãy, e filhas, ſenhora, e ſerva, com tudo iſto naõ ſe atreveraõ dahi em diante a tratarem-ſe com outro nome, que de irmaãs; para moſtrarem, que ſe tinhaõ deſpido de todo o affecto, que coſtuma imprimir nos coraçoens o ſangue, e que todo o ſeu amor tinhaõ poſto em JESU Chriſto.

Divulgou-ſe por todo o Reyno de Portugal a fama da innocente vida, que paſſavaõ neſte retiro eſtas bõas

Senhoras; e por este motivo naõ faltaraõ filhas de Senhoras da primeira Grandeza, que com instancia pediaõ á D. Brites as quizesse admittir na sua companhia: porèm ella, temendo que, com mayor numero de companheiras, perderia o seu appetecido descanço, álèm de que o limitado do lugar naõ lhe parecendo muito accommodado para mais numerosa familia, deo repulsa ás supplicas, que todos os dias lhe faziaõ; mas ou fosse por Divina inspiraçaõ, ou pelo affecto, que tinha á pessoa, se vio finalmente obrigada a admittir na sua companhia a D. Mecia Pereira, irmãa do Conde da Feira, mulher que fora de D. Martinho Mendes de Berredo, morto com o caracter de Embaixador em França.

Ficando D. Mecia viuva na mais florente idade, e estando em certa occasiaõ rezando o Officio Divino, como tinha todos os dias por costume; lhe succedeo ler em certa Sexta feira, nas

Matinas

Matinas do meſmo dia, o Pſalmo: *Miſericordias Domini in æternum cantabo*; e chegando áquelle Verſo: *Quis eſt homo, qui vivit, & non videbit mortem?* movida do Divino Eſpirito, principiou a reflectir na inevitabilidade, e juntamente na incerteza da hora da morte, e arrebatada de huma conſideraçaõ profunda aſſim dizia comſigo meſma: *O' morte, naõ me accommetterás tu de improviſo: agora, que eſtou ſaã, quero morrer para o mundo, para me rir de ti, quando tu com a tua cortadora fouce vieres a deſcarregar ſobre mim o teu golpe.* Deſde aquelle inſtante ſe reſolveo a deixar o ſeculo, e a retirarſe a huma apertada Religiaõ, para conſagrar a Deos a flor da ſua idade, a belleza, as delicias, as riquezas, e tudo aquillo, que ao eſcuro parece eſtimavel, naõ ſendo á luz outra couſa mais, que méra vaidade, como coſtuma acontecer com as joyas fingidas, que, brilhando de noite, parecem de grande valor,

e examinadas de dia, se descobre nellas manifestamente o engano.

A esta espiritosa Dama com outras tres companheiras, assim no sangue, como nos pensamentos, recebeo D. Brites no seu pobre Hospicio; e foi forçosa alguma dilaçaõ, para que pudessem ter lugar oito pessoas, o que promptamente se fez a expensas de D. Mecia, dispondo-o em fórma de pequeno Mosteiro. Todas as outras companheiras se vestiraõ, sem alguma differença, do habito de S. Domingos, observando todas vida commûa perfeitissima. Regulavaõ-se em tudo, e por tudo, nos seus exercicios, e devoçoens, pelos sinaes, que ouviaõ fazerem-se nos Padres do Convento vizinho: mas porque repugnava ao seu retiro a necessidade de haverem de sahir da Clausura, tres, ou quatro vezes ao dia, para irem á Igreja dos Padres assistir aos Divinos Officios; se resolveraõ a edificar huma Capella propria dentro do seu pequeno Mosteiro, aonde

de pudeſſem rezar o Officio Divino, e celebrar-ſe a ſanta Miſſa; mas naõ ſem muitas difficuldades, e grandes preces, feitas primeiramente a Deos, e depois aos Superiores, dos quaes finalmente conſeguiraõ o ſeu intento.

Quanto era o lugar apertado, tanto era auſtéro o ſeu modo de vida, obſervando, com toda a exacçaõ, tudo aquillo, que ſe praticava nos mais rigidos, e obſervantes Moſteiros da Ordem. Introduzio-ſe pelo zelo da bõa Fundadora, com a direcçaõ do Prior do Convento dos Padres Prégadores, o deſprezo no veſtir, a parcimonia no ſuſtento, a continua abſtinencia da carne, a frequencia dos jejuns, das Oraçoens, dos Sacramentos, das diciplinas, dos ſilencios, a aſpereza de dormir ſobre palha, e em fim hum total retiro das communicaçoens do ſeculo.

Naõ eſtavaõ com tudo iſto completamente ſatisfeitas eſtas bõas Servas de Deos, conſiderando que lhes fal-

tava

tava a ſubſtancia da Religiaõ, que ſe naõ póde alcançar ſem a profiſſaõ dos votos ſolemnes. Para poderem chegar á felicidade de ſe conſagrarem a Deos com eſtes taõ ſagrados vinculos, recorreo-ſe da ſua parte ao Papa Pio II., que entaõ reynava no Vaticano, o qual, tendo plena informaçaõ da exemplariſſima religioſidade daquellas illuſtres Senhoras, benignamente condeſcendeo a ſatisfazê-las com a expediçaõ de hum Breve, pelo qual ſe lhes concedia, que no Moſteyro principiado em Aveyro, quando eſtiveſſe reduzido a perfeita Clauſura, ſe admittiſſem as Religioſas a ſolemne profiſſaõ, ſujeitando-as ao governo do Meſtre Geral da Ordem dos Prégadores, que naquelle tempo era Marçal Auribello de Avinhaõ.

Com inexplicavel alegria foi recebido das bõas Servas de Deos o Breve Apoſtolico; e ſem dilaçaõ ſe cuidou em augmentar o Moſteyro, edificando-ſe tudo aquillo, que era neceſſario para

ficar

ficar reduzido a huma perfeita Clauſura, para a qual contribuîo muito a Real, e generoſa piedade de ElRey D. Affonſo V., que quiz achar-ſe preſente, quando ſe principiaraõ a lançar os fundamentos da nova fabrica, dignando-ſe a Mageſtade daquelle Principe de collocar a primeira pedra, no meſmo dia, em que a Corte celebrava o anniverſario do ſeu naſcimento. Seguio o Biſpo de Coimbra o exemplo do Rey, em lançar a ſegunda pedra. Proſeguio-ſe depois com eſtes venturoſos auſpicios a fabrica com toda a poſſivel brevidade, naõ faltando em trabalhar com as proprias mãos D. Brites, e D. Mecia, conduzindo pedras, cal, arêa, e outros materiaes, que eraõ neceſſarios para a Obra.

Naõ ha pouco fundamento para crermos, que ſe empregavaõ tambem mãos Angelicas neſte edificio; porque foi fama conſtante, que a Obra ſe achava de manhãa naõ pouco augmentada ſobre o final, com que os Artifices a deixavaõ de

de tarde. Acabado pois o Moſteiro, e poſto em eſtreita clauſura, ordenou a bõa Fundadora que todas as companheiras principiaſſem o ſeu Noviciado, para fazerem depois a ſua ſolemne profiſſaõ no principio do anno. Ella foi a primeira, que a fez, preparando-ſe para eſta ſagrada funçaõ com hum fervor de eſpirito verdadeiramente Seráphico: e porque iſto ſuccedeo no primeiro dia do anno, na feſta da Circunciſâõ de Chriſto, ordenou-ſe que o Moſteyro dahi em diante tiveſſe o glorioſo appellido de JESUS.

Conferio-ſe á meſma D. Brites, depois da profiſſaõ, o governo do Moſteiro com o titulo de Vigaria, e logo as outras Religioſas na Dominga infra Octavam Epiphaniæ foraõ admittidas á ſanta profiſſaõ. Deſde aquelle tempo entrou a praticar-ſe no novo Moſteyro a diſciplina Regular com hum taõ exemplar rigor de ſanta Obſervancia, que em doze annos ſe augmentou com hum bom

bom numero de Religioſas, pelas inſtancias, que faziaõ as Senhoras mais qualificadas do Reyno, para ſerem admittidas a retirarem-ſe, naquelle Santuario, do ſeculo, e entregarem-ſe todas a Deos. Neſte meſmo tempo he que ſuccedeo, informada D. Leonor de Menezes de todos os Moſteyros de Portugal, certificar á Santa Princeza, como acima ſe diſſe, que o Moſteyro de JESUS de Aveyro, pela ſantidade, com que florecia, devia preferir-ſe a todos os outros.

Mas he ja tempo de ſeguirmos o fio da noſſa hiſtoria. Ouvidas taõ bõas relaçoens do Moſteyro de JESUS de Aveyro, a Santa Princeza ſe ſentio logo inflammada de hum ſanto deſejo, que a impellia a unir-ſe com D. Leonor, para irem ambas viver naquelle Santuario, e naõ cuidar em outra couſa mais, que em agradar ao Celeſtial Eſpoſo, que a chamava para hum eſtado taõ perfeito. Mas D. Leonor, conhecendo muito bem

que a Princeza, como filha do Rey, naõ alcançaria aquella liberdade, que era neceſſaria para pôr em execuçâõ hum deſignio de tal importancia, de repente ſe reſolveo a naõ a eſperar, e ſe retirou ſó ao Moſteyro de JESUS de Aveyro. Admittida ſem demora na companhia daquellas ſantas Religioſas, paſſados poucos dias, fez avizo á Princeza, que tinha achado naquelle Moſteiro huma ſantidade muito mayor do que aquella, que a fama tinha divulgado. Eſte avizo inflammou muito mais a Princeza no deſejo da Religiaõ, de tal ſorte, que naõ diſcorria em outra couſa, que em deſcobrir occaſiaõ opportuna, para pedir a ElRey a permiſſaõ de ſe retirar do mundo, para ſervir ſómente a Deos no Obſervantiſſimo Moſteiro de JESUS de Aveyro.

Firme a Princeza em taõ ſanta reſoluçaõ, para remover todo o embaraço, que ſe lhe pudeſſe interpor, cuidou em accommodar as ſuas Damas, caſando-as

do-as com peſſoas, que ao eſplendor do ſangue, e á abundancia de riquezas ajuntaſſem a exemplaridade dos coſtumes, liſonjeando-as com os mais precioſos donativos de veſtidos, e de joyas; o que tambem fez com as Damas, q̃ tinhaõ ſervido os mais conſideraveis empregos da ſua Corte: naõ deyxou na ſua Camera alguma daquellas magnificas, e ſoberbas alfayas, com que ſe ornava; dando a entender com iſto o ſolemne deſprezo, que fazia de todos os bens caducos.

Finalmente, naõ podendo ſopportar mais dilatada demora em Palacio, ſe reſolveo a manifeſtar logo o ſeu deſignio a ElRey ſeu pay. Animada, e fortalecida com a força da Divina Graça, lhe fallou reſolutamente, e com breves palavras lhe pedio quizeſſe conceder-lhe que deixaſſe o mundo, para ſervir a Deos em alguma Religiaõ, tendo-lhe feito conhecer o Divino Eſpirito, que ella, vivendo no ſeculo, jamais ſeria

ditoſa ; e ſó o ſeria, quando, retirada em hum Moſteyro, tiveſſe reynado Deos na ſua alma.

Eſta ſupplica da Princeza foi huma aguda eſpada, que traſpaſſou o coraçaõ do pay, o qual, preoccupado do mais exceſſivo ſentimento, naõ pode de modo algum ſatisfazer os deſejos da filha. Só lhe diſſe: que podia ſervir a Deos no Palacio, e que lhe promettia de lhe naõ impedir os ſeus devotos exercicios: que o ſeu goſto devia ceder á obediencia, que lhe devia ; que para o bom governo do Reyno era neceſſario que ſe naõ apartaſſe da ſua preſença: e em concluſaõ, que lhe naõ fallaſſe mais em ſimilhante materia, ſe o naõ queria fazer acabar de pena.

Huma reſpoſta taõ abſoluta, como eſta, naõ admittia mais replica ; e aſſim vio-ſe a Princeza obrigada a retirar-ſe confuza, e afflicta, naõ tanto pelo deſgoſto, que cauſou ao pay, quanto pela repulſa, que encontrou aos ſeus deſejos.

En-

Encaminhou-ſe ao ſeu Oratorio, e proſtrada diante de huma Imagem de Chriſto Crucificado, lhe manifeſtou, mais com lagrimas, que com palavras, o intenſo da ſua magoa, por lhe naõ poder fazer companhia nos atrozes tormentos do Calvario, vivendo em Clauſura; implorando juntamente, mais que nunca, a Divina miſericordia com ardentes ſuſpiros, para que quizeſſe com a ſua infinita virtude mudar o coraçaõ do pay, podendo-o fazer com a meſma facilidade, com a qual ſe dividem as agoas de hum rio: tanto eſperava alcançar da ſua immenſſa piedade, a qual ſe provê as meſmas féras de grutas, para q̃ ſe ſalvem dos caçadores, que lhe querem tirar a vida; naõ podia crer que a ella houveſſe de faltar hum lugar ſeguro, para ſe guardar do feroz leaõ, o qual anda em hum continuo giro, para devorar as creaturas. Bem ſe vê quanto foſſem acceitas a Deos as ſuas fervoroſas rogativas; porque naõ tardou muito o ſeu effeito,

alcan-

alcançando do pay tudo aquillo, que taõ ancioſamente deſejava: o que ſuccedeo em huma occaſiaõ taõ opportuna, como naõ podia haver outra.

Determinou ElRey D. Affonſo com hum exercito de trinta mil combatentes paſſar o mar, e fazer cruel guerra aos Mouros de Africa, levando em ſua companhia o Principe D. Joaõ ſeu filho. Quando ſe fez á véla em Lisboa, deixou a regencia, e o governo do Reyno á Princeza, ſendo entaõ de dezoyto para dezanove annos. A prudencia, que moſtrou no exercicio deſte governo, foi verdadeiramente incomparavel; porque, guiada da Divina Sabedoria, naõ ſe póde cabalmente dizer o conſideravel fructo, que fez no Reyno nos poucos mezes, que o governou. Deſejava que a Juſtiça ſe conſervaſſe incorrupta, e que com o caſtigo de poucos delinquentes ſe conſeguiſſe a emenda de muitos, e ſe proveſſe a ſegurança de todos. Naõ ſoffria que os pobres foſſem maltratados dos ricos,

ricos, nem os plebeos dos nobres; ouvia as queixas de todos, com facil acceſſo ao ſeu Throno, para implorarem a conveniente providencia ás proprias neceſſidades: naõ reſolvia couſa alguma ſem o parecer de ſábios Conſelheiros: eſmerou-ſe em tirar os abuſos, que conhecia ſerem contra as Leys de Deos, e contra os dictames do Evangelho; empenhou-ſe tambem em extirpar os vicios, e em introduzir nos coraçoens dos ſeus vaſſallos melhores habitos de reformados coſtumes, deſorte, que em pouco tempo com o auxilio Divino veyo a encher de ſalutiferos fructos de virtude naõ ſó a ſua Corte, mas tambem Lisboa, Capital do Reyno.

Prohibio o demaziado luxo no veſtir, tanto, que, deſde o dia da partida de ElRey D. Affonſo, mandou que toda a Corte appareceſſe em publico com traje modeſto, e ſem gallas: e, primeiro que todos, ella ſe fez ver com roupas humildes, eſtimando muito neſta occaſiaõ

ſiaõ exercitar hum acto de pobreza; porque, eſtando ElRey nos perigos da guerra, parecia pouco acertado qualquer genero de luxo: e pela meſma razaõ perſuadia aos Aulicos, e aos Grandes do Reyno a deixarem os recreyos, e divertimentos, exhortando-os a alcançarem de Deos com as Oraçoens, e com os jejuns, proſperos ſucceſſos, e huma feliz viagem a ElRey ſeu pay, e ao Principe ſeu irmaõ. O que finalmente aſſim ſuccedeo, e com tanta gloria, que naõ ſe podia deſejar mayor; ficando ſempre victorioſo em muitas batalhas dadas áquelles Barbaros, e tendo mettido com o valor Portuguez hum grande eſpanto a toda a Africa com a conquiſta de duas grandes Fortalezas, Tangere, e Arzila, tomadas por aſſalto, as quaes eraõ as chaves do Reyno de Fez.

Quando a Princeza teve o avizo, que de Lisboa ſe via a Armada Real, e que ElRey antes de poucas horas deſembarcaria em terra, depôs o veſtido, de

que

que uſava, e que apenas ſe diſtinguia de hum pobre ſayal, e ſe tornou a veſtir do mais pompozo traje, ornando os cabellos de ouro de diamantes, e de outras pedras precioſas de tal ſorte, que, a quem a via, ſe lhe repreſentava hum brilhante Sol matizado de Eſtrellas, perſuadindo-ſe, que aſſim era conveniente em hum dia taõ feſtivo, no qual hia a cumprimentar ElRey, que voltava com a gloria de Conquiſtador da barbaridade Africana. Chegando pois neſta fórma á preſença de ElRey, quando deſembarcava em terra da Real Capitania, depois de eſtar reverentemente de joelhos, e de lhe ter carinhoſamente beijado a maõ, recebida com ternos abraços do pay, lhe fallou deſta ſorte:

Senhor, naõ poſſo, nem ſei baſtantemente expreſſar-vos o jubilo, que ſinto no intimo do meu coraçaõ pela voſſa feliz viagem; e a parte, que tomo neſte ſucceſſo, no qual ſe dignou Deos de abençoar as voſſas gloriozas emprezas: e bem poſſo certi-

 ficar-vos,

ficar-vos, que depois da voſſa partida naõ tenho ceſſado de offerecer a Deos ardentes votos, e fervoroſos ſupplicas pela felicidade da Voſſa Real Peſſoa, e de todo o voſſo exercito: mas ja que a Divina bondade me quiz ouvir, fazendo que tornaſſeis com perfeita ſaude, cheyo de gloria, e digno de triunfos pelas Victorias alcançadas contra os inimigos da noſſa ſanta Fé, e da voſſa Coroa; naõ ſeria juſto que Voſſa Mageſtade lhe offereceſſe em acçaõ de graças aquella prenda, que lhe foſſe mais grata?

Eu, Senhor, que evidentemente conheço ſer tratada com eſpecial ternura do voſſo amor, quizera ſer o ſujeito deſte ſacrificio. E ſe algum dia Jephté, aquelle grande Capitaõ do povo eſcolhido, depois de ter alcançado huma aſſignalada Victoria contra os Amonitas, offereceo a Deos em ſacrificio ſua filha unica; Voſſa Mageſtade quererá deixar de lhe offerecer tambem eſta ſua filha, naõ ja fazendo-a morrer de huma morte violenta, mas dando-lhe

do-lhe a liberdade de ſe retirar a hum Moſteiro, para paſſar nelle Religioſamente a vida, e pedir inceſſantemente a Deos pela feliz conſervaçaõ de Voſſa Mageſtade, e pelo bem commum dos voſſos Reynos? Eſpero, Senhor, eſta graça da voſſa clemencia; e ſe for do voſſo agrado conceder-ma, ſerei a mais affortunada, e ditoſa Princeza do mundo.

Ficou ElRey naõ pouco confuſo deſta naõ eſperada petiçaõ: com tudo, o motivo, que a Princeza lhe propôs com tanta graça, e bizarria de eſpirito, pareceo-lhe taõ forçoſo, que lhe naõ pode negar o ſeu conſentimento, para ella conſeguir o que taõ ardentemente deſejava: e por mais que o Principe D. Joaõ, e os Senhores da Corte ſe empenharaõ em induzir ElRey ao contrario, naõ foi poſſivel retractar-ſe do que ja tinha concedido.

Paſſaraõ-ſe dous mezes em feſtas pela vinda de ElRey, e pelas Victorias alcançadas; no qual tempo a Princeza

naõ fallou huma só palavra ſobre o ſeu retiro, por naõ perturbar as publicas feſtas, temendo, que daqui pudeſſe naſcer algum obſtaculo á execuçaõ dos ſeus deſejos.

He verdade, que deſta demora ſe occaſionou hum novo embaraço aos projectos da Santa Princeza; porque Federico IV., Imperador dos Romanos, que tinha caſado com D. Leonor, irmãa de ElRey D. Affonſo, pay da meſma Princeza, ſabendo da feliz chegada de ElRey a Portugal, e das famoſas Victorias, que tinha conſeguido dos Mouros Africanos, com cartas chêas de jubilo o ſaudou, congratulando-ſe com a proſperidade de taõ feliz ſucceſſo; e com eſta occaſiaõ ſe declarou, que deſejava muito que a Princeza D. Joanna, ſua ſobrinha, que governara com tanto valor, e prudencia a Portugal em auſencia de Sua Mageſtade, foſſe eſpoſa do Archiduque Maximiliano ſeu filho, que entaõ ſe achava na idade treze annos. Agradou ſobre modo a

ElRey

ElRey D. Affonſo o partido, que lhe propunha o Imperador, mediante o qual, ſe duplicava a alliança de Portugal com a Caſa de Auſtria, e noticiou á Princeza a pertençaõ de Federico, para ver ſe a podia inclinar a huma conveniente demora, naõ podendo ſopportar a pena da ſua auſencia para huma Religiaõ; tanto mais, porque no Principe D. Joaõ ſe deſcobriaõ manifeſtos indicios de huma debil, e delicada compleiçaõ, e ſe devia temer que faltaſſe antes de dar ſucceſſaõ ao Reyno; no qual caſo a Real Coroa de Portugal devia paſſar legitimamente a collocar-ſe ſobre a cabeça da Princeza, tendo-ſe-lhe jurado vaſſallagem deſde o berço.

Taes foraõ os motivos, de que ſe valeo ElRey D. Affonſo, para demover a Princeza do ſeu deſignio, ſe bem que com pouca eſperança de conſeguir o intento deſejado. Reſpondeo ao pay com filial ſubmiſſaõ; Que agradecia muito os affectuoſos offerecimentos, que lhe fazia o Im-

o Imperador Federico ſeu tio; e que quando ſe determinaſſe a caſar, naõ havia de preferir outro ſujeito ao Archiduque Maximiliano ſeu primo: porèm, como tinha tomado a reſoluçaõ de ſeguir eſtrada muito diverſa do matrimonio, naõ podia diſtrahir o ſeu genio, movido da Divina Graça, que a excitava a fugir do mundo, para ſe conſagrar a Deos. *E vós, Senhor*, (accreſcentou a Princeza) *deveis lembrar-vos das razoens, que vos moveraõ a dareſ-me o voſſo de mim taõ ſuſpirado conſentimento, para poder cumprir com os meus deſejos, que naõ foraõ outros mais, que de offerecer a Deos hum tributo em reconhecimento do beneficio, que vos diſpenſou de taõ glorioſas Victorias; e refle-cti, vos peço, que aſſim como vos indignarieis, e com razaõ, ſe pelos voſſos vaſſallos vos foſſem pedidas aquellas ſommas, que pouco antes tiveſſem tributado ao voſſo erario; aſſim deveis temer que Deos ſe indigne contra vós, ſe perſiſtires em tornar a pedir-lhe aquelle tributo, que ja lhe*

lhe consagrastes. Eu sou o animado tributo, que offerecestes a Deos, e naõ poderei consentir em similhante pertençaõ. Fazei que a palavra, que me destes com tanta bondade, sem mayor dilaçaõ tenha o seu effeito: assim agora de joelhos aos vossos pés instantemente o supplico, e assim o espero alcançar do vosso amor.

Muito bem soube discorrer a Santa Princeza, para que lhe naõ fosse negado de ElRey aquillo mesmo, que, sem a offender, naõ podia deixar de conceder-lhe. Rendeo-se finalmente a Regia piedade de Affonso ás persuasoens da filha, protestando, que naõ queria de sorte alguma oppor-se aos impulsos do Espirito Santo, e por isso lhe promettia desde aquella hora seguî-los.

O contentamento, que teve a Santa Princeza por esta resposta, foi inexplicavel. Rendeo ao pay as devidas graças; se bem que a alegria, que sentia no coraçaõ palpitante, lhe embargava as palavras na bocca. Preparou-se cuidadosamente

mente para ſe auſentar da Corte: e para melhor diſpor os ſeus intentos, e os conduzir com fecilidade ao deſejado fim, ſe reſolveo a ir primeiro habitar no Moſteyde Odivellas da Ordem de S. Bernardo, pouco diſtante de Lisboa, temendo que ſe divulgaſſe a noticia de que hia em direitura para Aveyro; aonde, por viverem as Religioſas com extremo rigor, naõ lhe ſeria permittida a ſua aſſiſtencia, para que ſe naõ expuzeſſe ao perigo de perder a vida entre tantas auſteridades. Mandou caminhar com ligeiros, e apreſſados paſſos a carroça, para chegar com a mayor brevidade ao dito Moſteyro de Odivellas; e com effeito chegou antes que a meſma Abbadeſſa, e as mais Religioſas o ſoubeſſem.

Quando no dia ſeguinte ſe advertio na Corte a partida da Princeza, foi tal o ſentimento, que o Principe ſeu irmaõ, e os Grandes do Reyno tiveraõ, que ſe veſtiraõ todos de luto; mas ella entretanto naõ ſe faciava de dar empenhadas

nhadas graças a Deos, por se ter dignado de lhe conceder o Divino soccorro, para a tirar do mundo.

Em dous mezes, que esteve no Mosteyro de Odivellas, era continuamente visitada de D. Filippa sua tia, irmãa de sua mãy a Rainha D. Izabel, e da mesma sorte de todas as pessoas mais qualificadas do Reyno, as quaes naõ cessavaõ de a retrahir com muitas razoens politicas do estado Religioso. Para se livrar desta sujeiçaõ, que lhe naõ podia ser mais penoza, communicou a ElRey seu pay a pouca quietaçaõ, com que vivia em Odivellas pela visinhança de Lisboa, pedindo-lhe, que lhe permittisse ausentar-se para outro lugar mais remoto, e solitario. Consentio ElRey de bõa vontade no que desejava a Princeza, porèm com alguma limitaçaõ; porque lhe apontou o Mosteyro de Santa Clara de Coimbra, aonde elle mesmo com toda a Corte quiz acompanhá-la, o que se pôs em execuçaõ no anno de mil quatrocentos e

ſettenta e dous, tendo entaõ a Princeza vinte para vinte e hum annos de idade.

Logo que ſe auſentou do Real Moſteyro de Odivellas, eſcreveo huma Carta á Veneravel Madre Soror Brites Leytôa, Prioreza do Moſteyro de JESUS de Aveyro, pedindo-lhe, que com as ſuas ſantas Religioſas fizeſſe affectuoſas preces a Deos, para que dentro de poucos dias ſe pudeſſe achar na ſua companhia, para ſervir ao Senhor na meſma obſervancia, ligada com os votos da ſua profiſſaõ. Naõ faltou a devota Prioreza em aſſim o executar com grande fervor; e foi Deos ſervido ouvir as ſuas Oraçoens, fazendo triunfar a ſua Serva de todas as difficuldades, que ſe oppunhaõ aos ſeus Religioſos penſamentos.

Faltava ſó hum dia de jornada para chegar a Coimbra, quando a Santa Princeza, depois de ter implorado a protecçaõ de MARIA Santiſſima com huma dilatada, e fervoroſa Oraçaõ, fallando a

ElRey

ElRey ſeu pay em hum lugar mais retirado, e poſta de joelhos, lhe pedio, por aquillo, que mais amava, que quizeſſe ſeguir a eſtrada de Aveyro, para tomar o habito de S. Domingos no Moſteiro de JESUS. ElRey, que bem ſabia o rigor, que ſe praticava naquella obſervantiſſima Caſa, procurou, quanto lhe foi poſſivel, diſſuadir daquelle propoſito a Princeza, repreſentando-lhe que a ſua ſaude naõ poderia reſiſtir á rigida obſervancia, que alli taõ exactamente ſe praticava; e que ſe lhe aproximaria a morte com deſgoſto univerſal do Reyno: porèm ella, que toda eſtava inflammada com as chammas do Divino Amor, orou taõ bem a favor da Religiaõ, e da vida penitente, que ElRey, naõ a querendo entriſtecer, lhe deo plena liberdade de ſeguir os impulſos do Eſpirito Santo; e ja que ſe moſtrava taõ inclinada ao Moſteyro de JESUS de Aveyro, deſde logo lhe dava a appetecida licença; mas o Principe ſeu irmaõ, e D. Filippa ſua tia, tendo avizo deſta

repentina mudança, ſem demora a foraõ procurar, e com todas as razoens, que podia ſuggerir-lhes a ſabedoria humana, intentaraõ proſtrar a conſtancia da ſua ſanta determinaçaõ, allegando-lhe a conſideravel diſtancia daquelle Moſteyro á Corte de Lisboa, o ár contagiozo de Aveyro, a delicadeza da ſua compleiçaõ, o diſturbio dos povos, a indignaçaõ dos Grandes, e o pranto de todo o Reyno.

Naõ ſe rendeo a Santa Princeza a quanto lhe propunhaõ, e eſteve firme no ſeu ſanto deſignio, moſtrando-lhes a ſua vontade reſoluta em abraçar a Cruz, ancioza de morrer antes com JESUS no Calvario, que de viver gozando das mundanas grandezas. Venceo pois a Princeza finalmente, com o favor Divino, as mais fortes oppoſiçoens do pay, do irmaõ, e da tia: e tomando a eſtrada de Aveyro, a ſeguiraõ todos, mas com eſta differença: que elles magoados naõ podiaõ contêr as lagrimas de pena; e ella no ſeu cora-

çaõ

çaõ ſentia hum immenſo jubilo. Chegou em fim a Aveyro aos trinta de Julho de mil quatrocentos e ſettenta e dous, e temendo a Santa Princeza, que, por occaſiaõ da ſua naõ eſperada entrada no Moſteyro, pudeſſe haver alguma inquietaçaõ, com prejuizo da tranquilidade, que gozavaõ aquellas bõas Religioſas, naõ quiz logo metter-ſe naquella Clauſura, e ſe entreteve fóra cinco dias com ElRey, com o irmaõ, e tia, procurando com as mais vivas, e doces razoens conſolá-los na afflicçaõ, que ſentiaõ por haverem de tornar a Palacio, e viverem ſem ella; lembrando-lhes, que, aſſim como ficariaõ contentes de a deixarem na ſua liberdade, quando lhe convieſſe deſpoſar-ſe com hum homem terreno em diſtantes Paizes, aſſim muito mais deviaõ ficar ſatisfeitos de ſe privarem da ſua preſença, por ſe ir deſpoſar com o Rey dos Reys.

Paſſados os cinco dias, que foi na manhãa, em que ſe celebrava a feſta de S. Domingos, de quem a Santa Princeza deſe-

deſejava ſer verdadeira filha, ſe determinou a entrar naquelle obſervantiſſimo Moſteyto. Deſpedida com os mais ternos affectos do pay, e tomada a ſua benção, ſeparada igualmente com amoroſas demonſtraçoens do irmaõ, e da tia; e dado o ultimo a Deos a toda a Real comitiva, entrou, com hum ſemblante, que parecia Angelico, no Moſteyro, naõ de outra ſorte, que ſe entraſſe em hum Paraizo de delicias. *Humanas grandezas*, dizia entre ſi, *faſtos Reaes, Ceptros, e Coroas caducas, eu vos dou hum perpetuo deſterro.* E vendo a poucos paſſos huma Imagem de hum Crucifixo, poſta de joelhos, lhe fallou deſta ſorte: *O' meu JESUS, aqui eſtou proſtrada reverentemente aos voſſos Pés, e vos venho buſcar; dignai-vos de me acceitar por voſſa fiel eſcrava, pois naõ ſou digna de ſer eſpoſa voſſa.* Ja aqui ſe via veſtida com os habitos da Ordem, naõ tendo outros ornatos, que huma tunica branca cuberta com hum manto preto. As Religioſas a receberaõ

beraõ com aquella ternura, que a caridade de JESU Chriſto lhes podia inſpirar, admirando na filha de hum Rey taõ perfeita, e ſingular a força da Divina Graça, que a fazia deſprezar com coraçaõ verdadeiramente magnanimo todas as grandezas do mundo, e abraçar com taõ raro exemplo a pobreza Evangelica, a mortificaçaõ, o retiro, e as outras auſteridades, que traz comſigo o eſtado Religioſo.

Toda a Villa de Aveyro, que ao principio parecia tomar parte na afflicçaõ do Rey, da Corte, e do reſto da Monarchia, pela perda no ſeculo da Santa Princeza, naõ deixou por fim de ſe alegrar, reflectindo nos creditos, que lhe reſultavaõ de ſerem eſcolhidos aquelles muros para habitaçaõ de huma filha do Rey, taõ venerada, e ja entaõ acclamada por Santa. Neſtas acclamaçoens, foi geralmente crido, que quiz tambem empenhar-ſe o Ceo com o ſinal extraordinario, que ſe vio no ár, paſſado o mez de Março,

Março, apparecendo ſobre a Villa de Aveyro hum Cometa de deſmedida grandeza, o qual toda a noite ſe via reſplandecer, ainda quando o pertendia offuſcar o tenebrozo das mais condenſadas nuvens. Para duas partes diffundia os ſeus rayos, hum dos quaes ſe encaminhava para o Clauſtro do Moſteyro, e o outro ſe collocava ſobre o dormitorio das Religioſas, e algumas vezes ſobre hum pateo, onde ao depois ſe edificou huma caſa para a Santa Princeza: e augmentava-ſe a admiraçaõ deſte Phenomeno, porque muito tempo ſe vio conſervar-ſe, ſem diminuiçaõ, nem augmento. Deſappareceo finalmente no meſmo dia, em que a Santa Princeza entrou no Moſteyro, perſuadindo-ſe todos, que o tal Cometa naõ ſignificava outra couſa, ſenaõ a entrada da Princeza no Moſteyro de JESUS de Aveyro; pronoſticando a ſua morte para o mundo, da meſma ſorte que eſtes aſtros volantes, e de pouca duraçaõ, na opiniaõ de muitos, coſtumaõ pronoſti-

car

car a morte dos Grandes.

ElRey meſmo, abrindo os olhos a eſte prodigio, e obſervando a reſoluçaõ da filha conforme ás diſpoſiçoens do Ceo, ficou conſolado, e em extremo ſatisfeito de lhe ter permittido o retiro do mundo, conhecendo ter executado deſta ſorte a inviolavel Ordem da Divina Providencia: mas porque naõ faltaſſe á filha o precizo para a ſua ſuſtentaçaõ, e juntamente para ſoccorrer a pobreza do Moſteyro, lhe conſignou huma abundante renda, dando-lhe todos os tributos, que a Villa de Aveyro coſtuma pagar para o Real Erario, com huma bõa parte de terras, e poſſeſſoens, que pertenciaõ á Coroa.

Deſejava a Princeza, pouco depois do ſeu ingreſſo no Moſteyro, receber ſolemnemente o habito Religioſo, mas naõ lhe foi permittido pelas grandes oppoſiçoens, que lhe faziaõ os Eſtados Geraes do Reyno á vida Monachal; pelo que naõ pode deixar de eſtar no Moſteyro

pelo eſpaço de tres annos em habitos ſeculares ; porèm taõ decentes , e modeſtos , que ſó ſe diſtinguiaõ dos das Religioſas na fórma. Em todo eſte tempo ſeguio indiſpenſavelmente os actos da Cõmunidade, de dia, e de noite , praticando todos os apertos da Regta , quanto podia permittir a delicadeza da ſua conſtituiçaõ.

Paſſados eſtes tres annos , aſſentou comſigo de naõ differir mais o veſtir-ſe do habito de Serva de JESUS , ja que ſe tinha por eſta cauſa deſpojado do ſenhorio de hum Reyno: e permanecendo neſta ſanta diſpoſiçaõ , quando eſtavaõ todas as Religioſas juntas no Capitulo com a Madre Prioreſa Soror Brites Leytôa , a qual eſtando antes muito bem advertida , á noite , depois de cantadas as Matinas da Converſaõ de S. Paulo, aos vinte a cinco de Janeiro de mil e quatrocentos e ſettenta e cinco , apparecendo a Santa Princeza na ſua preſença , e com os olhos em terra diante da Prelada ,

aſſim

assim humildemente lhe fallou: *Veneravel Madre, e amabilissimas Irmãas, da vossa incomparavel caridade espero huma graça, que agora com o mais profundo rendimento venho pedir-vos; naõ porque me persuada que a mereço, mas porque tereis aprendido do vosso Esposo a dispender beneficios, mais á proporçaõ da necessidade, do que á medida do merecimento. Eu sou aquella miseravel, que devera ser excluida deste Celestial convite, achando-me sem o necessario vestido das bõas obras: o habito, que trajais, he aquelle vestido nupcial, que me poderá introduzir nas eternas bodas do Paraizo: esta dita he a que unicamente desejo, e anciosamente vos peço.* E tomando na maõ hum Crucifixo. *Ex-aqui*, disse ella, *os merecimentos do Salvador, que agora vos ofereço, para que assim se suppraõ todas as minhas imperfeiçoens.*

Todas aquellas exemplarissimas Religiosas, chêas de assombro, por verem a seus pés em acto taõ humilde huma

das mayores Princezas do mundo, naõ podendo articular palavra por occaſiaõ das lagrimas, que lhes cahiaõ a rios dos olhos, moſtraraõ, com a expreſſaõ dos geſtos, que de bõa vontade lhe concediaõ o que ſolicitavaõ as ſuas inſtancias; e a Madre Prioreſa, reprimindo com violencia as lagrimas, que pela ternura, e maravilha de taõ grande humildade teria lançado dos olhos, ſe a obrigaçaõ a naõ preciſara a fallar, em breves palavras lhe diſſe: *De bõa vontãde, filha minha, vos recebemos na noſſa companhia; porque eſtamos certas, que o voſſo raro exemplo nos ſervirâ de grande eſtimulo para obſervarmos tudo aquillo, a que ſomos obrigadas pela noſſa profiſſaõ: ex-aqui o habito, que com tanto exceſſo pedis.* Inclinou a Princeza a cabeça, e tomando-o nas ſuas mãos, o beijou com profundiſſima reverencia. Levantaraõ-ſe immediatamente as Religioſas, e ſe encaminharaõ em prociſſaõ para a Igreja, ſeguindo-as com a Prelada a Princeza, que

poſta

poſta diante do Altar mayor foi veſtida do habito Religioſo com as coſtumadas ceremonias, offerecendo depois generoſamente os dourados cabellos ao córte, para os dar como primicias da ſua ſanta vontade ao Divino Eſpoſo; e levantando os olhos ao Ceo, fez huma devota oblaçaõ a Deos de ſi meſma, rendendo cordialmente ao meſmo Senhor as graças do beneficio, que da ſua infinita liberalidade tinha recebido, propondo com a mayor firmeza de correſponder ao candor dos veſtidos com a pureza da vida, e ao preto do manto com a mortificaçaõ de todas as ſuas paixoens, para ſe conformar com o ſeu Eſpoſo, que por amor do homem *Factus eſt obediens uſque ad mortem, mortem autem Crucis.*

Naõ obſtante ſer iſto executado na eſcuridade da noite, logo ſe divulgou o caſo pelas Cidades principaes do Reyno. Appareceraõ em Aveyro os Deputados de todas ellas, para proteſtarem ſolemnemente

lemnemente a nullidade contra o eſtado Religioſo da Princeza declarando, que naõ podia validamente profeſſar, por ter ſido ja reconhecida por legitima herdeira do Reyno, no caſo, que ElRey ſeu pay, e o Principe D. Joaõ ſeu irmaõ vieſſem a faltar ſem deſcendencia. Naõ ſe contentaraõ ſó com eſtes proteſtos, mas tentaraõ em Lisboa obrigar a ElRey a que fizeſſe ſahir a Princeza por força do Moſteyro. O Principe D. Joaõ, cheyo de indignaçaõ, e de ira, tambem proteſtou a ElRey, que quando naõ ſe puzeſſe o devido remedio aos inconvenientes, que naturalmente poderiaõ reſultar da profiſſaõ da Princeza, iria elle meſmo em peſſoa arrombar as portas do Moſteyro, ſe naõ as achaſſe abertas, para tirar violentamente á Princeza aquelle habito, do qual ſem a Regia permiſſaõ ſe tinha veſtido. Dos ameaços paſſou igualmente aos effeitos; porque no meſmo tempo partio da Corte, e cheyo de reſentimento ſe pôs a caminho para Aveyro, aonde tinha

nha ja chegado por ordem ſua o Biſpo de Evora, para unir os ſeus rogos com as inſtancias do Principe, em ordem a demover a Princeza a deixar o habito Religioſo, e a ſerenar com iſto a ſublevaçaõ, que por eſta cauſa ſe tinha levantado no Reyno.

Chegou o Principe com o Biſpo ás portas do Moſteyro, fizeraõ avizar a Princeza da ſua vinda; e ella advertida de huma tal novidade, logo penetrou o fim deſte movimento: pelo que, antes de ir á portaria fallar ao irmaõ, ſe encaminhou á Igreja, e proſtrada por terra diante do Santiſſimo Sacramento implorou a Divina Clemencia, para que communicaſſe ao ſeu coraçaõ fortaleza, para reprimir a furia de quem intentava perverter os ſeus religioſos intentos; e que aſſim como ella o adorava por aquelle Deos, que *linguas infantium facit eſſe diſertas*, aſſim lhe déſſe conſtancia, e eloquencia para vencer a força daquelles, que conſpiravaõ á ſua ruina.

Con-

Confortada com a eſperança do Divino ſoccorro, naõ dilatou mais o apparecer na portarîa ao Principe, e ao Biſpo; porèm com taõ grave modeſtia, que inſpirava nas palavras, e nos geſtos hum recolhimento exemplar; e foi tal a commoçaõ, que ſe lhes imprimio no animo, que naõ puderaõ por algum tempo proferir huma ſó palavra. Serenada pois de alguma ſorte a agitaçaõ dos animos, fallou-lhe com as ſeguintes expreſſoens o Principe: *Amada irmãa minha: he poſſivel que para vos ſatisfazeres a vós meſma, queirais ſer a cauſa de tanto deſgoſto, e afflicçaõ de ElRey noſſo pay, e ſenhor! Eu venho aqui, Princeza, da ſua parte a pedir-vos que mudeis de ſyſtema, e ſigais aquelles caminhos, que ſaõ bem neceſſarios para o conſolar, e para deſvanecer a tempeſtade de todo o Reyno, que naõ póde ſopportar eſta voſſa taõ eſtranha mudança: deponde o penſamento de ficar com eſte habito, que vos conſtitûe inhabil para a Regia ſucceſſaõ, a qual em falta minha*

vos

vos eſpera; e com palavra de Principe vos digo, que naõ vos ſerá jamais permittido trazeres eſſe habito; e, ou por amor, ou por força, obrareis aquillo, que for noſſa vontade.

Ouvio a Princeza eſtas palavras com hum coraçaõ todo pacifico, e movida do Divino Eſpirito lhe reſpondeo deſorte, que deo a conhecer, que com a humildade religioſa ſabia altamente unir a mageſtade do ſeu auguſto naſcimento. *Irmaõ, e ſenhor meu*, lhe diſſe a Princeza, *eſtou muito bem certa, que ElRey noſſo pay, e ſenhor, he taõ amante da piedade, que ficará perfeitamente conſolado da conducta, que tenho ſeguido, tendo-me moſtrado tanta benignidade na permiſſaõ, que ja me deo, de gozar o retiro deſte ſagrado Moſteyro. Dai-me licença agora, para que rompa a minha magoa neſta taõ juſtificada expreſſaõ; que, quando ſe trata da ſalvaçaõ da alma, ſó ſe deve obedecer á voz de Deos, e naõ aos inconſiderados preceitos dos homens. O intereſſe da eternida-*

de deve prevalecer a todas as conveniencias da terra: e assim todas as violencias, que vós determinares pôr em execuçaõ contra mim, jamais me faraõ ceder ao vosso mal aconselhado capricho. Deos será o meu defensor, e a minha defeza: e se por elle reynaõ os Reys, e se conservaõ as Monarchias, assim saberá destruir os ameaços, e os conselhos de todos aquelles, que me quizerem offender; e conservará esta Coroa por outro caminho differente do do matrimonio, ao qual se pertende empenharme.

Ficou o Principe sem saber que replicar a huma resposta taõ sábia, e resoluta; e o Bispo de Evora, que estava presente, vendo-o calar, como se fosse convencido, com mais força tomou o discurso, fallando á Princeza desta sorte:

Senhora, naõ posso deixar de confessar que o vosso designio he digno do mayor louvor, e que naõ haverá quem affirme que o estado do matrimonio he mais perfeito

perfeito que o da Religiaõ. Houveraõ algumas Rainhas deſta Coroa, que renunciaraõ as Reaes grandezas, depoſitando os ſeus Ceptros aos Pés de Chriſto; porèm tambem he certo, que naõ ſe achará huma ſó, que fizeſſe eſta renuncia com a multiplicidade de circunſtancias, que de preſente occorrem em Voſſa Alteza, e nas quaes nos quer deixar envoltos, mettendo o Reyno em huma eterna afflicçaõ. Naõ he permittido o mayor bem particular, quando juſtamente ſe teme, que delle ſe ha de derivar hum prejuizo commum, e irreparavel á Republica. Santa Izabel voſſa avó, e digniſſima eſpoſa de ElRey D. Diniz, retirou-ſe do mundo, mas foi depois da morte de ElRey ſeu marido, e depois de ter conſeguido do Ceo a bençaõ do ſeu matrimonio. As Rainhas D. Thereza, e Mafalda, filhas de ElRey D. Sancho, deixaraõ igualmente o ſeculo; porèm depois de ter perdida a eſperança de poder ſucceder na Coroa. D. Branca, filha de Affonſo IV., tomou a meſma reſoluçaõ; mas

quando naõ podia cauſar damno algum aos intereſſes do Eſtado; porèm, a que vós, Senhora, preſentemente quereis tomar, póde tirar ao Reyno a ſucceſſaõ de Affonſo voſſo pay, taõ benemerito do Ceptro Portuguez: e ſe para o ſegurar na ſua deſcendencia, ainda no berço vos foy jurada fidelidade por todos os Eſtados, e por todos os Grandes do Reyno, como ſe ja entaõ foſſeis Coroada Rainha; ſe faltar a vida do Principe D. Joaõ voſſo irmaõ, pela ſaude do qual ſempre eſtamos em continuos temores, naõ tem duvida que no Reyno de Portugal naſceriaõ as mayores diſcordias; porque naõ ignorais que voſſos primos, filhos de Fernando voſſo tio, naõ tem a graça da mayor parte da nobreza, e mais facilmente vos tirariaõ do Moſteyro, para vos collocar ſobre o Throno, do que ſujeitarem-ſe a algum delles.

Quem póde duvidar tambem, que teriaõ da ſua parte alguns apaixonados; e ex-aqui, Senhora, por voſſa cauſa, o florente Reyno de Portugal entre parcialidades

dades dividido, e posto a fogo, e a sangue. Cessai pois, ó Princeza, de nos entristecer taõ sensivelmente com a só apprehensaõ dos damnos, que nos poderâõ vir, quando persistais no estado Religioso, e consolai-nos com deferir ás nossas supplicas, que naõ tem outro fim, mais que conservar a paz do Reyno, a qual unicamente depende da conservaçaõ da Real descendencia de ElRey D. Affonso vosso pay. Os Grandes saõ dados talvez ao mundo para o illustrarem, e naõ para o deixarem; e se Deos recommenda geralmente a todos o aborrecer ao mundo, aos Grandes tambem pertence executar este preceito, naõ com o abandonarem, mas sim com reformarem o mesmo mundo; naõ com se tirarem da vista dos póvos, mas para lhes servirem de edificaçaõ, e de exemplo. Vossa Alteza o tem dado athégora taõ esclarecido, e illustre, que podemos com razaõ esperar, que no caso, que acontecesse virmos a ser por vós, Senhora, governados, o Reyno de Portugal seria o mais feliz, e affortunado do mundo.

A este

A eſte diſcurſo de tanta força; (naõ ſó por ſer articulado por huma peſſoa, que, álem do caracter de Principe da Igreja, tinha annexa a qualidade de irmaõ de D. Leonor de Menezes, a qual fez reſolver a Princeza a metter-ſe no Convento de Aveyro) naõ lhe foi preciſo muito tempo para dar-lhe huma adequada, e concludente reſpoſta; e fortalecida pelo Eſpirito Santo lhe fallou na fórma ſeguinte:

Imaginava eu, que hum Prelado taõ illuſtre na Igreja de Deos, como vós ſois, devia antes abraçar a minha defeza, do que o partido de quem ſe oppõem com tanta força ás determinaçoens do Ceo; porque ſendo os Biſpos verdadeiros Eſpoſos da Igreja, he muito conveniente ao ſeu gráo, e á obrigaçaõ do ſagrado miniſterio, que exercitaõ, que aquelles, que ſe querem conſagrar ao Eſpoſo das Virgens, tenhaõ delles patrocinio, e amparo: mas vós obrais o contrario deſta ſanta politica, ſem reflectires nos exemplos de tantos, e

tantos

tantos Biſpos, que em ſimilhantes circunſtancias ſe moſtraraõ zeloſiſſimos defenſores do eſtado virginal. O intereſſe do Reyno, que me repreſentais, para me apartares da minha reſoluçaõ, naõ me deve menos cuidado, do que a qualquer outro: mas naõ ſendo eſtas couſas mais que puramente humanas, ás quaes ſe póde dar providencia com humanos meyos, recorra-ſe á diſpoſiçaõ Divina, que naõ deixará de os miniſtrar conforme a ſua infintia Sabedoria. Se as Rainhas, das quaes me tendes fallado, naõ executaraõ os ſeus deſignios, ſenaõ no tempo, e nas conjuncturas por vós repreſentadas, foi, ou porque ſe naõ determinaraõ antes a deixar o mundo, ou porque o empenho, em que ja eſtavaõ mettidas, lhes tirava a liberdade de o abandonarem: eu porèm, pela Divina Miſericordia, me conſidero livre, e nenhuma peſſoa poderá obrigar-me a ſeguir o ſeu goſto. Obrarieis melhor, propondo a ElRey meu pay, do qual he muito bem conhecida a ſua bondade, e ao Principe meu amado irmaõ os

exemplos

exemplos dos Imperadores, Imperatrizes, dos Reys, e das Rainhas; como foraõ Santo Henrique, e Santa Conegunda; de S. Duarte, e de ſua eſpoſa, os quaes preferiraõ o eſtado perfeito, e Celeſtial da virgindade, ainda entre as prizoens do matrimonio, á ſucceſſaõ, e conſervaçaõ terrena dos ſeus Eſtados, e das ſuas Coroas; e naõ de me lembrares outros exemplos, para ſe retirar do ſagrado da Religiaõ quem a tem abraçado com tanto goſto; e ſabei que eſtou taõ diſtante de me perſuadir, que por eſte meyo poderei concorrer ao eſtabelecimento da Coroa na Real Caſa de Affonſo meu pay, que antes temo que Deos de todo a deſtruiria, em caſtigo da minha infidelidade, e da injuſtiça, que ſe commette em me perſeguir com tantas violencias.

Conheço, e reconheço que eſtais baſtantemente convencido deſta verdade; e aſſim fugi muito de ſeres antes tido por hum adulador da vontade do Principe, que por hum verdadeiro zelante do bem publi-

co;

co ; ou por hum Biſpo, que em vez de trabalhar pela conſervaçaõ de hum eſtado temporal, offerecendo-o, como he devido, ás adoraveis diſpoſiçoens da Divina Providencia, o expõem ao evidente perigo de ſe perder, conduzindo-o fóra deſta ordem, pela manifeſta oppoſiçaõ ao que he de mayor gloria de Deos, e de mayor ſegurança da ſalvaçaõ da alma.

Ficou o Biſpo naõ ſó immudecido de huma reſpoſta taõ ſábia, mas tambem confuſo, vendo-ſe taõ gravemente reprehendido por ſe empenhar com exceſſo no ſeu diſcurſo em antepor os intereſſes humanos ás Divinas diſpoſiçoens. O meſmo Principe teve rubor da confuſaõ do Prelado ; e naõ tendo que dizer ás razoens da Santa Princeza, colerico, e indignado rompeo em palavras aſperrimas, e menos decentes contra ella, ameaçando-a de lhe tirar o habito com as ſuas proprias mãos: mas a Santa Princeza, ſem proferir palavra, cortezmente ſe deſpedio delles, dando a Deos muitas graças por naõ ter

ſurtido eſta viſita outro effeito, mais que de a ter poſto na preciſaõ de declarar o ſeu animo, cada vez mais conſtante no deſprezo do mundo, e no affecto á Religiaõ. Daqui em diante com mais fervor ſe offereceo a Deos, para ſer ſua humilde eſcrava, e para perſeverar toda a ſua vida naquelle eſtado, ao qual pela Divina Miſericordia tinha ſido chamada.

Ceſſando aſſim eſta tempeſtade, continuou o ſeu noviciado com hum eſpirito Angelico. Tres maximas ſingularmente abraçou: a primeira, foi a de conſervar hum penſamento continuo de fazer ſempre mayores progreſſos na perfeiçaõ; e por iſſo trazia comſigo hum livrinho, no qual eſcrevia todos os penſamentos, todas as palavras, e todas as acçoens, ainda que mînimas, para dar fideliſſima conta aos Padres eſpirituaes, que a dirigiaõ nas materias de eſpirito, e de conſciencia: a ſegunda, foi o apreço grande dos exercicios da vida interior, como dos ſilencios, da liçaõ dos livros eſpiri-

eſpirituaes, da Oraçaõ, e da frequencia dos Sacramentos: a terceira, foi huma contînua pratica das virtudes religioſas em todas as occaſioens, que ſe lhe offereceſſem, ſem jamais ſe eximir de tudo aquillo, que entendeſſe era do agrado de Deos.

Naõ havia no Moſteyro Religioſa, que mais ſe applicaſſe a converſar com ſimplicidade, ou que foſſe mais prompta em ſe occupar nos exercicios mais abatidos do Moſteyro: e ainda que ſe fizeſſem com ella empenhadas, e repetidas inſtancias, para que ſe puzeſſe em lugar ſuperior ás mais Noviças, e tambem ás Religioſas profeſſas, pelo relevante caracter de Princeza; com tudo iſto quiz ſempre obſervar a ordem, que lhe tocava, deſorte, que na Communidade tiveſſem ſempre a precedencia todas aquellas, que antes della tiveſſem recebido o habito da Religiaõ: a meſma moderaçaõ obſervou ſempre na qualidade dos veſtidos, naõ ſoffrendo alguma differença, que a pu-

deſſe diſtinguir das mais: naõ contente com iſto, era a ſua delicia veſtir-ſe com os habitos mais groſſeiros da commûa veſtiarîa. No ſeu viver naõ admittio alguma couſa, que naõ foſſe approvada nas Conſtituiçoens da Ordem, e naõ ſe diſpenſava das univerſaes fadigas; antes era a primeira, que ſe deſvelava em conduzir lenhas, lavar pannos, limpar pratos, varrer o Coro, ler á meſa, e cumprir com outros exercicios proprios das Noviças daquelle Moſteyro, aonde naõ ſaõ admittidas Converſas nos trabalhos manuaes.

Sobre tudo ſe deliciava em ſervir ás Religioſas doentes, o que fazia com tanta caridade, e doçura, que ficavaõ aquellas pobres enfermas edificadas, e attonitas; e ainda que algumas vezes repugnaſſem a tal, e tanta humildade, naõ lhes parecendo decorozo, que huma Princeza ſe empregaſſe em miniſterios taõ humildes; com tudo, o reſpeito, que lhe tinhaõ, as obrigava a permittirem-lhe, pela

pela naõ entriſtecer, que as ſerviſſe daquella ſorte, que mais lhe agradaſſe. As Superiores, á inſtancia de ElRey, determinaraõ, que quando foſſe lançada na taboa dos Officios, que em todas as ſemanas ſe coſtumaõ mudar, foſſe eſcrita com o nome de Soror Joanna Princeza; porèm, naõ podendo ella ſoffrer eſta ſingularidade, fez todo o poſſivel, para que ſe tiraſſe o accreſcentamento de Princeza, ſe bem que naõ foi ouvida, neceſſitando-ſe a ſopportar com mortificaçaõ aquillo, que outras haveriaõ pertendido por vangloria.

Foi digno de reparo, que depois que veſtio o habito, nunca mais fallou a algum Grande do Reyno, ſenaõ ao Principe ſeu irmaõ, e algumas vezes a Biſpos, e a ſantos Religioſos, para aprender delles a melhor, e mais ſegura eſtrada da perfeiçaõ. Em recompenſa de huma humildade taõ profunda, communicou-lhe Deos ſuaviſſimos ſentimentos da ſua ineffavel bondade, deſorte, que na Oraçaõ

ſe

ſe desfazia em amantes lagrimas: eſta meſma graça lhe concedia Deos, quando ſe confeſſava, e commungava, aparelhando-ſe para eſtas ſacroſantas acçoens com hum fervor taõ grande de eſpirito, que parecia copiado dos meſmos Seraphins.

Se alguma Religioſa ſe achava combatida de tentaçoens, ella tinha o cuidado de a conſolar; e o executava com huma doçura, e efficacia maravilhoza, accreſcentando para eſte effeito ás palavras conſolatorias a Oraçaõ, as lagrimas, e as mortificaçoens, com que muitas vezes conſeguio do Ceo o allivio nos ſeus trabalhos, como algumas chegâraõ a depor, para gloria de Deos, e da ſua fideliſſima Serva.

O reſpeito, que tinhaõ os moradores de Aveyro á Santa Princeza, os conteve nos termos preſcriptos do Divino temor, procurando todos viver, pela naõ deſgoſtarem, como convem a todos os profeſſores da Ley Evangelica. Achavaõ-ſe na meſma Villa alguns eſcravos Mouros,

ros, de hum, e de outro ſexo, os quaes tinhaõ ſido conduzidos por ordem de ElRey a Portugal, de Africa, depois da Conquiſta de Tangere, e Arzila: a Santa Princeza, naõ podendo ſoffrer que na ſua Villa de Aveyro aſſiſtiſſem ſequazes da infame ley de Maſoma, applicou a ſua caridade para os converter, commettendo eſte cuidado a bons catequiſtas, os quaes com as ſuas diligentes inſtrucçoens, ajudados das Oraçoens da Serva de Deos, conſeguiraõ finalmente o intento de converterem aquelles miſeraveis; e tanto que foraõ baptizados, lhes impetrou de ElRey a liberdade da eſcravidaõ, e os provêo tambem de ſufficientes fazendas, para honeſtamente ſuſtentarem a vida.

Aſſim continuava a Religioſa Senhora o ſeu noviciado, eſperando com huma ſanta impaciencia o tempo de fazer a ſua profiſſaõ; quando o demonio, mundo, e carne ſe conjuraraõ juntamente, para a privarem deſta conſolaçaõ, e para lançarem por terra todas as ſuas eſperanças:

ças: as Provincias, e Cidades principaes de Portugal, mandaraõ a Aveyro as peſſoas mais qualificadas dos ſeus Corpos, para reiterarem os ſeus proteſtos ſolemnemente jurados, que naõ ſe permittiria jamais que a Princeza ſe obrigaſſe a votos de Religiaõ, pelo jus adquirido do Reyno de haver de ſucceder na Coroa, no caſo, que ElRey D. Affonſo naõ deixaſſe outro herdeiro. Por outra parte a Princeza foi accommettida de huma grave enfermidade, que a obrigou a eſtar de cama muitos dias. Aſſentaraõ os Medicos, que o mal da Princeza naſcia do pobre, e limitado ſuſtento, de que uzava em todo o tempo da ſua aſſiſtencia no Moſteyro, ſujeitando-ſe ao rigor da obſervancia, e accreſcentando penitencias afflictivas, como diciplinas, cilicios, jejuns, vigilias, dormindo muito pouco tempo ſobre humas palhas, e praticando outros rigores ſimilhantes; concluindo, que a Princeza correria com ligeiros paſ-

ſos

ſos a encontrar a morte, ſe perſiſtiſſe nas coſtumadas auſteridades: e de tudo iſto deraõ os Medicos plena relaçaõ a El-Rey; o qual logo expedio huma rigoroſa ordem á Prioreſa, e Madres do Moſteyro, para que, ſem dilaçaõ, e ſem replica, ſe tiraſſe o habito á Princeza, e que em nenhum modo ſe permittiſſe que profeſſaſſe.

He imponderavel a afflicçaõ, que cauſou á Princeza eſte Regio Decreto, ao qual naõ ſe rendeo, ſem primeiro tomar conſelho de hum inſigne Religioſo, que actualmente exercitava a occupaçaõ de Vigario geral na Provincia de Portugal: era eſte o Padre Fr. Antonio de Santa Maria, Religioſo Dominicano, homem de ſingular bondade, e eminente doutrina; o qual tendo ouvido da bocca da Princeza a diſtincta ſerie de todo o ſuccedido, foi de parecer, que, viſta a impoſſibilidade, em que ſe achava a Princeza de continuar na vida Religioſa, convinha reconhecer a obrigaçaõ de ſe ſujeitar

ás diſpoſiçoens da Divina Providencia, e executar tudo aquillo, que os Medicos julgavaõ ſer mais conveniente para a conſervaçaõ da ſua ſaude: ouvio a Princeza eſte conſelho, e naõ obſtante ſer taõ contrario aos ſeus deſejos, adorou as determinaçoens do Altiſſimo para com ella, proteſtando, que, ſe permittia tirarem-lhe o habito de S. Domingos, mais depreſſa deixaria a vida, que a affeiçaõ, com que o amava; declarando tambem que ſe a obrigavaõ a naõ uzar do meſmo habito, como Religioſa Profeſſa, era vontade ſua trazê-lo ao menos por devoçaõ, e ficar naquelle Moſteyro até á morte, para moſtrar, do melhor modo, que podia, que, tanto no habito como no affecto, era devota filha de S. Domingos.

Depois deſtas premiſſas, devendo-ſe vir á concluſaõ, fez primeiramente hum acto publico, no qual proteſtou, que ella deſiſtia de todas as pertençoens, que pudeſſe ter de chegar á profiſſaõ Religioſa;

ſa; e logo deſpojando-ſe dos habitos Monachaes, vertendo dos olhos innumeraveis lagrimas, que enterneciaõ a todos aquelles, que ſe achavaõ preſentes, ſem ceſſar de os beijar, huma, e muitas vezes, com grande reſpeito os dobrou, e os pôs ſobre o altar da Capella, em que ſe fazia eſta ceremonia: tomando depois os habitos do ſeculo, ſe tornou a veſtir com eſtes, andando aſſim pelo Moſteyro, para verificar o proteſto, que tinha ſido obrigada a fazer; iſto he, que naõ era o ſeu intento ſer admittida á profiſſaõ: mas depois de ſe ter deixado ver neſta fórma por algumas horas, tornou a tomar o habito Religioſo com tanta piedade, e devoçaõ, que todas as Religioſas, que eſtavaõ preſentes, ficaraõ edificadas, e chêas de admiraçaõ; e muito mais vendo-a proteſtar, quando agora de novo ſe veſtio de Religioſa, que aquelle habito naõ o teria jamais deixado por toda a vida, e que em tudo guardaria as Regulares Obſervancias da Ordem, excepto no ſuſten-

to, ja que eſte lhe naõ era permittido, pela rigoroſa prohibiçaõ dos Medicos.

ElRey ſeu pay, e o Principe ſeu irmaõ, ſatisfeitos do que a Santa Princeza tinha obrado, a deixaraõ gozar a ſua paz no Moſteyro, no qual continuou a ſervir o ſeu querido Eſpoſo JESUS no habito da Religiaõ, com hum fervor incomparavel, e verdadeiramente Celeſte, pelo eſpaço de alguns annos, no fim dos quaes ſobreveyo á Princeza outro diſturbio, que a penetrou no intimo da alma; eſte foi, que correndo o anno de mil quatrocentos e ſettenta e nove, foi aſſaltado o Reyno de Portugal de huma cruel peſte, que, infeſtando pouco a pouco as Cidades mais populoſas, chegou tambem a dilatar-ſe na Villa de Aveyro. Tanto que chegou á noticia de ElRey o mal contagioſo, que padecia aquella terra, expedio immediatamente huma Commiſſaõ á filha, que ſem demora deixaſſe Aveyro, e ſe retiraſſe a outra parte ſegura daquelle peſtilente contagio, deixando á ſua diſpoſiçaõ

poſiçaõ o lugar, que quizeſſe eleger depois do ſeu retiro. Quando recebeo, e ſe lhe intimou eſte Regio Decreto, faltou pouco que naõ ſahiſſe fóra de ſi pela exceſſiva pena; mas animada finalmente naquelle aperto, conheceo naõ havia remedio, e que era preciſo obedecer ſem replica ás Reaes Ordens.

Chegaraõ no meſmo tempo os Biſpos de Coimbra, e do Porto com outra Regia Commiſſaõ, para que ſahiſſe a Princeza do Moſteyro em virtude da faculdade do Papa Xiſto IV., entaõ reynante, alcançada opportunamente por ElRey D. Affonſo, com a qual ſe permittia á Princeza o poder ſahir do Moſteyro com acompanhia de ſeis Religioſas, para lhe fazerem ſociedade, e a ſervirem por todo o tempo, que eſtiveſſe fóra dos Clauſtros. Os Prelados, que conheciaõ que o auſentar-ſe de huma povoaçaõ infeſtada de doenças peſtilenciaes, por occaſiaõ de evitar o perigo, naõ admitte demoras, inſtaraõ com a Princeza, para

que

que ſe deſpediſſe das Religioſas, e ſahiſſe do Moſteyro com as ſeis companheiras, que devia eleger; fazendo-lhe ſaber, que ja eſtavaõ á portarîa as carruagens preparadas para a jornada, que mais foſſe ſeu goſto ſeguir. A Princeza, naſcida para mandar Reynos, vio-ſe neceſſitada neſta occaſiaõ a obedecer: deſignou as ſeis Religioſas, que a haviaõ de acompanhar, ſendo a primeira a Madre Prioreza Soror Brites Leytôa, que neſta occaſiaõ naõ pode deixar a ſua filha. Deſpedidas das Religioſas, que ficavaõ, com reciprocos abraços, e muitos prantos, ſahio do Moſteyro, e aos Biſpos, que lhe ſahiraõ ao encontro, declarou que era ſua vontade paſſar ao Alentejo, e aſſiſtir na Villa de Avîz, aonde ſabia naõ havia peſte.

O principio deſta jornada ſe começou com rezar devotamente o Itinerario: no lugar, em que ficava de tarde, mandava erigir hum Altar portatil em algum quarto, e figurando-ſe que aquelle era o Coro do ſeu amado Moſteyro de JESUS

de

de Aveyro; aqui rezava com as companheiras de tarde Veſperas, e Completas, e as Matinas para o dia ſeguinte, e de manhãa cedo mandava dizer Miſſa, e rezava todas as horas, ficando depois a Princeza com as companheiras em Oraçaõ, athé a chamarem para continuar a jornada. Com eſta bõa ordem continuaraõ no caminho todo: quando depois chegaraõ a Avîz, correndo a noticia que ſe lhe preparava commoda habitaçaõ, ſahio innumeravel povo, naõ ſó daquella Villa, mas tambem dos mais lugares circumviſinhos, para encontrar a Princeza, ſendo conduzida entre eſta innumeravel multidaõ ao lugar, em que havia de aſſiſtir; e deſcendo da liteira, cumprimentou os Biſpos, que, baſtantemente contentes, e ſatisfeitos, voltaraõ para as ſuas Igrejas. Tanto que ella entrou com as companheiras na habitaçaõ deſtinada para a ſua aſſiſtencia, o primeiro penſamento, que teve, foi de accommodar a Capella, para rezar o Officio Divino, ouvir Miſſa, e praticar

praticar aqui todos os mais exercicios de devoçaõ, que ſe coſtumavaõ no Moſteyro de Aveyro, do qual ainda que eſta ſanta companhia foſſe taõ diſtante, com tudo conſervou ſempre o rigor daquelle Inſtituto, ſem admittir alguma diſpenſaçaõ nas couſas pertencentes á Obſervancia Regular.

Continuaraõ pelo eſpaço de alguns mezes a paſſar naquelle lugar huma vida Angelica, quando foi do agrado do Senhor accreſcentar novos merecimentos á paciencia da Santa Princeza; porque ſobreveyo huma grande enfermidade á Madre Prioreza Soror Brites Leytôa, a quem muito amava, e juntamente venerava por Santa. Foi exceſſivo o ſentimento, que cauſou eſta doença a todas as companheiras, e particularmente á Santa Princeza, a qual com hum extremoſo affecto, e caridade aſſiſtia, e ſervia á enferma. Vendo-ſe porèm, que com os remedios, que ſe lhe applicavaõ, naõ ſentia alguma melhoría, aſſentaraõ os Medicos,

cos, que ſó a mutaçaõ dos ares he que a podia reſtituir á antiga ſaude; e ſeguindo o ſeu conſelho, ſe determinou conduzî-la á Villa de Abrantes, para onde a Princeza com toda a comitiva tambem ſe transferio: mas eſta mudança naõ produzio aquelle effeito na enferma, que ſe eſperava, antes aggravando-ſe cada vez mais a queixa, finalmente veyo a morrer; e aſſim como viveo Santa, aſſim a morte foi precioſa na viſta do Senhor, o qual, conforme a geral opiniaõ, a levou deſte valle de miſerias, para lhe conceder no Ceo o eterno deſcanço. Succedeo a ſua morte aos tres de Mayo de mil quatrocentos e oitenta, e o Moſteyro de Aveyro com infinito deſgoſto ficou privado da ſua Fundadora, que com raro exemplo de virtude, e com a ſua prudente direcçaõ o tinha feito hum eſpelho de ſantidade, e hum ſeguro aſylo para as mais illuſtres Senhoras de Portugal, que para elle ſe retiravaõ, por fugir ás pompas do ſeculo, e entregarem-ſe todas a

Deos. A Princeza teve a principal parte neſta grande perda; porque a tinha em lugar de mãy, e foi ſempre o ſeu refugio nos ſeus trabalhos, e fiel conſelheira nas duvidas, que ſe lhe offereciaõ no caminho da vida eſpiritual. Foi acompanhada com muitas lagrimas á ſepultura, que lhe foi dada no Capitulo do Moſteyro da Ordem, de donde, á inſtancia da Princeza, foi trasladado o ſeu cadaver ao Moſteyro de JESUS de Aveyro, naõ querendo as Religioſas ficar privadas daquelles deſpojos, que a ſua particular devoçaõ eſtimava como reliquias.

Demorou-ſe a Princeza poucos mezes em Abrantes; e quando finalmente ſe certificou que a peſte tinha ceſſado em Aveyro, tomou a reſoluçaõ improviſamente de tornar para o ſeu Convento, o que executou no fim de Agoſto de mil quatrocentos e oitenta. Naõ ſe póde cabalmente dizer o contentamento, que teve, quando, entrando no Moſteyro, vio as ſuas amadas irmãas: quantos carinhozos

rinhozos abraços deo a todas! e com quanta alegria foi recebida daquellas bõas Religioſas! ás quaes pareceo que com o ſeu regreſſo tornava para o Moſteyro o ſeu Anjo tutelar; Anjo verdadeiramente naõ ſó pela rara belleza do ſeu roſto, mas tambem pela pureza da vida, pela affabilidade da ſua practica, pela ſublimidade do ſeu juizo, e finalmente pela immutavel conſtancia em ſervir, e amar o ſeu Eſpoſo JESUS.

Continuando aſſim a caminhar com agigantados paſſos pela eſtrada da perfeiçaõ, ſem jamais desfallecer na carreira principiada. Chegou o anno do Senhor de mil quatrocentos e oitenta e hum, vigeſimo nono da ſua idade, no qual tempo foi Deos ſervido de a vizitar com hum novo trabalho; eſte foi, que ElRey D. Affonſo, ſeu pa , aſſaltado de huma mortal enfermidade, fallecco no dito anno aos oito de Agoſto. Veyo eſte infauſto avizo á Princeza, e ficou certamente penetrada de inſopportavel dor,

naõ ſó pelo amor filial, que tinha ao pay, mas tambem pelas obrigaçoens em que lhe eſtava, reconhecendo da ſua permiſſaõ o beneficio, della eſtimado em gráo ſupremo, de ſe achar naquelle Moſteyro, longe dos cuidados do mundo. Com tudo iſto, a Divina Graça a confortou, para que naõ prorompeſſe naquelles actos, que em caſos ſimilhantes coſtumaõ proceder daquelles, que tem ſó o coraçaõ no bem proprio, ainda que temporal, e pouco attendem ao bem alheyo, ainda que eterno: a Princeza porèm, que infinitamente eſtimava os bens do Ceo, e os da terra por pouco, ou nada, crendo que ElRey ſeu pay, como dotado das virtudes Chriſtãas, eſtaria gozando da melhor Coroa no Reyno da Bemaventurança, conteve a dor dentro dos limites prefixos da prudencia com huma perfeita reſignaçaõ no adoravel beneplacito do ſeu Divino Eſpoſo: com tudo, ordenou com grande ancia ás Religioſas, que fizeſſem os devidos

ſuffragios

ſuffragios pela alma do Rey defunto, recommendando, que, tanto que chegaſſe ao Moſteyro o avizo deſta morte, ſe déſſe hum ſinal para cantar a Miſſa de *Requiem*, quando foſſe hora competente para a celebrar; e tendo-ſe aſſim executado, do ſinal, que ſe fez, comprehendeo a Santa Princeza, que naõ tinha ja pay no mundo.

Collocado no Throno Real o Principe D. Joaõ, lhe rendeo a Princeza os devidos obſequios, reconhecendo-o por ſeu Senhor; ao que elle com affecto fraterno lhe correſpondeo, certificando-a da ſua Real aſſiſtencia em tudo aquillo, que neceſſitaſſe della, e dando-lhe hum abſoluto dominio de diſpor da ſua vontade, como ſe foſſe ſenhora do Reyno. Entretanto naſceo a El-Rey D. Joaõ II. hum filho natural, que ſe chamou D. Jorge, poucos dias antes da morte de ElRey D. Affonſo: quando ainda eſtava nas faixas, naõ tendo mais de tres mezes, ſe julgou neceſſario, por motivos

motivos juſtos, mas naõ manifeſtos, naõ ficar em Palacio; e para que lhe naõ faltaſſe huma bõa educaçaõ, reſolveo-ſe mandá-lo á irmãa, para que o tiveſſe na ſua companhia dentro no Moſteyro, alcançando-ſe antecedentemente todas as licenças, que para iſto eraõ neceſſarias. Foi mandado pois á Princeza com tudo aquillo, que era precizo para o Infante naquella tenra idade; e neſta occaſiaõ naõ ſó confirmou ElRey á Princeza o donativo de ElRey ſeu pay D. Affonſo, mas tambem lhe accreſcentou outras rendas de novo, as quaes, por particular commiſſaõ ſua, adminiſtradas por outrem, diſpendia no que era neceſſario para o Infante, mandando-lhe edificar huma caſa particular, para que a limitada familia, que o ſervia, naõ pudeſſe dar algum deſcommodo ás Religioſas do Moſteyro. Bõa parte tambem deſtas rendas as empregava em abundantes eſmólas para pobres, em dotar orfãas, em provêr a Sacriſtia do ſeu Moſteyro de varias

rias alfayas ſagradas; e em fim, ſem converter em proprio uzo alguma porçaõ, ainda que tenue, da conſignaçaõ Real, tudo diſpendeo em beneficio alheyo.

Foi de tanto proveito a D. Jorge o deſvélo, que teve a Princeza na ſua bõa educaçaõ, que quando ella morreo, naõ tendo ainda o menino completos oito annos, mandado a ElRey ſeu pay, moſtrou huma grande indole, e inclinaçaõ á virtude, merecendo ſer condecorado com o titulo de Duque de Coimbra, e digno fundador da nobiliſſima Caſa dos Senhores Duques de Aveyro. Eſte novo cuidado do Infante, que tinha tomado ſobre ſeus hombros a Princeza, ſe lhe deo occaſiaõ de exercitar a ſua caridade na vida activa de Martha, naõ lhe pode impedir a contemplativa da Magdalena; antes mais que nunca ſe occupava nas ſuas devotas meditaçoens, particularmente da Paixaõ de JESUS Chriſto, que tinha ſempre viva, e impreſſa no coraçaõ. Mais que nunca ſe moſtrava vigilante

lante na frequencia do Coro, de dia, e de noite; e finalmente, mais que nunca atormentava o ſeu corpo com diciplinas, cilicios, e jejuns: porèm com tanta tranquilidade de animo, que parecia que nenhuma couſa do mundo ſería capaz de perturbá-la. Mas aſſim como o mar, quando ſe acha em bonança, agitado do repentino vento ſe põem logo em tempeſtade; aſſim o animo pacifico da Princeza, por cauſa de hum improvizo accidente, ſe commoveo deſorte, que correo evidente perigo de naufragio, quando da parte de ElRey D. Joaõ ſeu irmaõ lhe foi notificada a inſtancia, que lhe fazia Luiz XI., Rey de França, deſejozo de a conſeguir por eſpoſa do Delfim ſeu filho, que, cingindo depois a Coroa daquella Monarchia, foi chamado Carlos VIII.

Agradava muito eſta alliança, pelo intereſſe do Eſtado, naõ ſó a ElRey D. Joaõ, mas tambem a toda a Corte, e a toda a Nobreza do Reyno; por cuja cauſa

cauſa fez expedir ElRey hum acreditado menſageiro á Princeza, para que com a mayor efficacia a perſuadiſe da ſua parte a conſentir, ſem mais replica, no propoſto, e deſejado deſpoſorio com o Delfim de França, repreſentando-lhe, que eſte caſamento era ancioſamente appetecido de todo o Reyno, e que a razaõ de eſtado pedia, que ſimilhante alliança naõ foſſe de ſorte alguma rejeitada. Executou o Enviado a ordem Regia, e chegando á Villa de Aveyro, expôs á Princeza a vontade do Rey, e os motivos, que o induziaõ a deſejar a concluzaõ do pertendido matrimonio, dando-lhe o tempo de hum, ou dous dias, para cuidar na reſpoſta, que havia de dar ao Rey; advertindo-a, que Sua Mageſtade, aſſim como era de natureza altiva, naõ ſaberia ſopportar negativas, ſem que ſe déſſe por offendido.

Ouvio a Princeza quanto ſe lhe propunha da parte de ElRey, e diſſe: Que naõ podia dar alguma reſoluçaõ em

huma materia de tanta importancia, ſem a conſultar com Chriſto Crucificado. Retirou-ſe logo á ſua cella chêa de afflicçaõ, e proſtrada por terra, ſe pôs em huma Oraçaõ fervoroſiſſima, ſupplicando ao ſeu Divino Eſpoſo que a favoreceſſe, para conſervar intacta a ſua virgindade, que deſde os primeiros annos lhe tinha conſagrado em amoroza victima, e lhe inſpiraſſe juntamente huma tal reſpoſta, que pudeſſe ſocegar o animo de ElRey, ſem o provocar á ſua coſtumada ira: e como eſta Oraçaõ foi muito dilatada, ſuccedeo cahir em hum breviſſimo ſomno, no qual Deos foi ſervido revelar-lhe que o Rey de França Luiz XI. era morto, e que aſſim podia conſolar-ſe. A revelaçaõ foi tal, que naõ pode deixar de crer a Santa Princeza que era Divina; e na ſeguinte manhãa ordenando ao Enviado que lhe fallaſſe, lhe diſſe que levaſſe a ElRey ſeu irmaõ eſta reſpoſta: Que ſe ElRey de França eſtava vivo, naõ duvidava deſpoſar-ſe com

com seu filho o Delfim; porèm que, se ja era morto, se naõ fallasse mais em similhante tratado, e de todo se dissolvesse.

Grande foi a alegria, que recebeo o Enviado com a resposta da Princeza, parecendo-lhe, pelo theor della, que o casamento se podia ter por concluido. Com toda a brevidade partio de Aveyro para Lisboa, e tanto que chegou áquella Cidade, se conduzio á presença de ElRey, o qual, ouvida a resposta da Princeza, fez com toda a Corte, e com os Grandes insolitas demonstraçoens de gosto, persuadindo-se que tinha conseguido o seu intento; porque naõ havia razaõ alguma para temer que ElRey de França fosse morto naquelle mesmo tempo. Mas oh caso raras vezes ordenado pela Divina Providencia, para conservar intacta a virgindade da sua Serva! Passados poucos dias, chegou a Lisboa a noticia da morte de ElRey Luiz XI., que succedeo aos vinte de

Agoſto do anno de mil quatrocentos e oitenta e tres, pelo qual avizo a alegria de ElRey, e da Corte ſe converteo em luto; nem houve mais quem ſe atreveſſe a dizer palavra, para favorecer o tratado do caſamento com o Delfim, perſuadindo-ſe todos, que tinha ſuccedido a morte de ElRey por Divina diſpoſiçaõ, para que ſe naõ effectuaſſem os premeditados deſpoſorios. Chegaraõ ſem demora á noticia da Princeza as circunſtancias deſte accidente, pelo qual, ficando livre de todo o empenho deſte matrimonio, rendeo a Deos affectuoſas graças; pois com alto conſelho da ſua incomprehenſivel Sabedoria, a tinha livrado do perigo de perder a ſua virgindade.

Aqui ſe devem advertir os deſcuidos dos Eſcritores na narraçaõ deſta hiſtoria. O P. Fr. Luiz de Souſa, Chroniſta da Provincia de Portugal, ſeguido por outros na vida da Santa Princeza, affirma que o Delfim, que foi depois Car-

Carlos VIII. Rey de França, foi aquelle, que morreo, cuja morte foi revelada á Serva do Senhor, quando se tratava de dar-lha por espoſa; porèm esta asserçaõ naõ póde em modo algum subsistir, sendo certo, que Carlos VIII. sobreviveo muitos annos á Princeza; e a sua morte foi no anno de mil quatrocentos e noventa e oito, tendo por sua consorte a Princeza Anna, filha, e herdeira de Francisco, ultimo Duque de Bretanha, a qual casou com o Delfim nove annos depois da morte de Luiz XI, que foi no anno de mil quatrocentos e noventa e hum.

Tambem se naõ póde sustentar o que affirmaõ outros Escritores da vida da Princeza, que Luiz XI. tambem a pertendeo para si mesmo por espoſa, e naõ para a casar com o Delfim seu filho; militando contra esta opiniaõ a razaõ politica, que naõ permittia que o tal casamento fosse approvado, e agradecido por ElRey de Portugal; porque Luiz XI.

era

era ja velho, habitualmente enfermo, e tinha hum filho, que foi Carlos VIII., ao qual pertencia ſucceder-lhe no Throno: mas a razaõ mais convincente da inſubſiſtencia deſta ſegunda opiniaõ, que affirma o matrimonio da Princeza pertendido por Luiz XI., he, que naquelle tempo vivia a Rainha ſua conſorte, que foi Carlota de Saboya, a qual morreo no fim do meſmo anno de mil quatrocentos e oitenta e tres: he neceſſario pois concluir, que ElRey Luiz XI. pedio a Princeza para eſpoſa do Delfim ſeu filho; porque ainda que entre elles houveſſe alguma improporçaõ de idade, tendo entaõ a Princeza perto de trinta e hum annos, e o Delfim treze para quatorze, com tudo eſta improporçaõ fazia que ElRey de França deſejaſſe mais a Princeza por nóra, e que caſaſſe com o filho, o qual ſendo de muito poucos annos, e havendo de ſucceder no Reyno brevemente pela pouca duraçaõ, que prometiaõ as enfermidades do pay, naõ podia

ter

ter melhor eſpoſa que a Princeza de Portugal, ja eſperimentada nas politicas do governo, e dotada de ſingular prudencia.

Nem vale eſta objecçaõ: que naquelle tempo tinha ja o Delfim contrahido eſponſaes com Margarida de Auſtria, filha de Maximiliano Imperador, e conſequentemente que naõ póde ſubſiſtir a ſobredita inſtancia do caſamento da Princeza de Portugal com o Delfim.

Podendo-ſe a iſto replicar, que he falſo o ſuppoſto; porque Margarida de Auſtria naſceo aos dez de Janeyro de mil quatrocentos e oitenta, e a inſtancia para o ſobredito caſamento foi feita no anno de mil quatrocentos e oytenta e tres, quando a Princeza de Auſtria tinha ſó tres annos de idade, certamente incapaz de toda a obrigaçaõ de promeſſa; álèm de que, ſe naõ deixaraõ de ſe annullar eſtes eſponſaes, quando o Delfim, ſendo Rey, caſou, como acima ſe diſſe, no anno de mil quatrocentos e noventa

e hum

e hum com Anna de Bretanha, no qual tempo Margarida de Auſtria podia ter ratificado com o ſeu conſentimento a promeſſa do pay; que maravilha, que ſe pertendeſſe muito antes annullá-los pelo caſamento do Delfim com a Princeza de Portugal!

Depois do referido ſucceſſo, a Santa Princeza com mayor fervor proſeguio a viver no ſeu retiro, dando de maõ a tudo aquillo, que o mundo mais appetece, aborrecendo todo o divertimento, ainda honeſto, fugindo ás delicias, e aborrecendo-ſe a ſi meſma, para ſeguir a doutrina de Chriſto, que deo aos ſeus Diſcipulos: *Qui non odit patrem, & matrem, adhuc autem & animam ſuam, non poteſt meus eſſe Diſcipulus.* Naõ tinha outro divertimento, nem outro goſto, ſenaõ de orar, nem outra conſolaçaõ ſenaõ de louvar a Deos, rezando com as Religioſas no Coro o Officio Divino, ao qual jamais faltava: nunca deziſtia do exercicio das virtudes, particularmente da humil-

humildade; e o Divino amor parecia que o tinha impreſſo no ſemblante, tal era a chamma, que lhe ardia no coraçaõ, podendo dizer como o Apoſtolo: *Quis nos ſeparabit à charitate Chriſti? Tribulatio, an anguſtia?* porque quanto mais ſe achava combatida de trabalhos, e de anguſtias, tanto mais ſe augmentava o ſeu amor para com o Celeſtial Eſpoſo, da meſma ſorte que ſe purifica o ouro das ſuas fezes na incendida fornalha.

Parecia que para a Santa Princeza eſtavaõ ſempre preparados os trabalhos, e depois de ter vencido hum, logo lhe vinha outro. Aſſim lhe ſuccedeo no anno de mil quatrocentos e oitenta e cinco, no qual tornando a deſcobrir-ſe com terriveis effeitos a peſte em Aveyro, foi obrigada, naõ ſó de ElRey D. Joaõ, mas tambem dos Superiores da Ordem, e das meſmas Religioſas, a auſentar-ſe do ſeu Moſteyro, por naõ expôr a ſua Real peſſoa ao perigo do contagio: naõ lhe valeraõ todos os motivos, que allegou,

nem quantas lagrimas pode derramar, para que ficaſſe no Moſteyro, que era o ſeu mais agradavel aſylo. Partio pois de Aveyro com a meſma comitiva, que a primeira vez em ſimilhante occaſiaõ lhe foi determinada, exceptuando a Veneravel Madre Soror Brites Leytôa ja morta, levando mais comſigo o Senhor D. Jorge, que ſe achava entaõ na infantil idade de quatro annos: fez a ſua habitaçaõ na Cidade do Porto, aonde naõ tinha chegado o mal contagiozo, obſervando, aſſim na jornada, como na demora, que teve neſta Cidade, o meſmo modo de vida, que praticou da outra vez, ſem admittir excepçaõ, ainda que minima, em prejuizo da Obſervancia Regular; mas no meſmo tempo, em que a Santa Princeza aſſiſtia neſta Cidade, ſempre ſuſpirando pelo ſeu Moſteyro de JESUS, lhe chegou huma ordem expreſſa de El-Rey D. Joaõ, na qual lhe determinava que ſe transferiſſe á Villa de Alcobaça, aonde Sua Mageſtade com D. Filippa ſua

tia

tia a eſtavaõ eſperando, para todos practicarem hum negocio de grande importancia. Naõ tardou a Santa Princeza em executar o Regio Decreto: partio do Porto com a coſtumada comitiva, e no meſmo inſtante, em que chegou a Alcobaça, ſe pôs na preſença de ElRey ſeu irmaõ, e ſenhor, e depois de muitos reciprocos, e affectuoſos carinhos, ElRey mageſtoſamente lhe fallou neſta fórma: *Senhora, naõ vos tivera dado o incommodo de vir a eſte lugar, ſe naõ crera que vos rendirieis aos meus rogos, os quaes talvez vos parecerâõ importunos; porèm deveis ſaber que ſaõ taõ neceſſarios, quanto he precizo que vós, que ſois a unica Princeza de Portugal, deis a maõ para a conſiſtencia, e eſtabilidade deſte Reyno, o qual totalmente depende do conſentimento, que de vós ſe eſpera, de caſares com Ricardo Rey da Gram Bretanha, o qual pelos ſeus Embaixadores vos pede por eſpoſa; proteſtando, que quando naõ conſiga eſta pertençaõ, ſe declarará inimigo*

da noſſa Coroa, e que effeituando-ſe a alliança deſejada, ſe offerece a ſer ſempre intimamente unido aos intereſſes do noſſo Reyno: reſolaçaõ pois, Princeza, e amada irmãa, dignai-vos em ſatisfazer o Rey, que vos pede, e conſolai dous Reynos, que deſejaõ ver-vos collocada no Throno, para vos adorarem Rainha.

Ficou a Princeza horrorizada á viſta de huma propoſta naõ eſperada, como eſta, e taõ contraria aos ſeus caſtos penſamentos; e em poucas palavras expôs ao irmaõ os ſentimentos do ſeu animo dizendo-lhe: *Que ſe admirava, que lhe propuzeſſem ſimilhantes pertençoens tantas vezes della rejeitadas, que ſe deſde menina tinha illudido os attentados de a caſar, muito mayor animo teria para rejeitá-los, eſtando na idade de trinta e tres annos; que o pouco que lhe reſtava de vida naõ a devia tirar a ſeu Celeſtial Eſpoſo, para a dedicar a algum eſpoſo terreno: que em fim mandaſſe os Embaixadores para Inglaterra com eſta reſoluta reſpoſta; porque eſtando*

tando ha tantos annos retirada no Moſteiro, e coſtumada a viver como Religioſa, aborrecia os projectos dos deſpoſorios do mundo.

Huma negativa taõ clara accendeo no coraçaõ de ElRey tanta ira, que o fez romper em palavras pouco decentes á Regia Mageſtade: *Princeza*, lhe diſſe, *ou naõ vos terei mais por irmãa, ou o reſpeito, que me deveis, reprimirá os voſſos obſtinados caprichos. Eu ſou Rey, e iſto baſta para conheceres que me naõ deveis deſgoſtar com as voſſas mal aconſelhadas repulſas: ſe eſtais com animo de perſiſtir nellas, ſabei que me naõ faltaõ forças, para vos deſterrar de quantos Moſteyros ha no mundo.* E, dito iſto, mandou as Religioſas, que a acompanhavaõ, que ſe retiraſſem, e que naõ ſe atreveſſem naõ ſó a fallar com a Infanta, mas nem ainda a eſtarem junto a ella.

Ficou a Santa Princeza deſtas ultimas palavras de ElRey traſpaſſada profundamente no coraçaõ, e faltando-lhe

as

as vozes para reſponder, ſuppriraõ os olhos com as lagrimas: auſentando-ſe da preſença do irado irmaõ, ſe retirou ao lugar, que lhe eſtava preparado para o ſeu deſcanço, e aqui com hum mar de lagrimas, e exhalando os mais enternecidos ſuſpiros, poſta de joelhos diante de huma Imagem, que repreſentava a JESU Chriſto orando no Horto, da meſma Imagem tomou motivo, para fazer ao Eterno Pay aquella meſma ſentida petiçaõ, que lá tambem tinha feito o ſeu doloroſiſſimo Eſpoſo: *Pater, ſi poſſibile eſt, tranſeat à me Calix iſte: Verumtamen non mea, ſed tua voluntas fiat.* „ Padre Eterno, vós bem ſabeis que o „ ſujeitar-me a Eſpoſo terreno ſeria para „ mim hum amariſſimo Caliz de Paixaõ, „ como foi aquelle, que deo a tormen- „ toza morte de Cruz a voſſo Unigenito „ Filho, e meu amabiliſſimo Eſpoſo: „ naõ permitais, Senhor, que iſto ſuc- „ ceda, e dai-me valor, e conſtancia pa- „ ra reſiſtir á indignaçaõ, e aos amea-

„ ços

„ ços de ElRey ; offerecendo-me porèm „ prompta para executar tudo aquillo, „ que Vós, meu eterno bem, tendes „ diſpoſto que ſe cumpra em mim, voſ- „ ſa humilde, e fiel eſcrava. „ Poſta logo em huma fervoroſa, e dilatada Oraçaõ, foi arrebatada de hum extaſi, no qual lhe appareceo hum belliſſimo Paranynfo do Ceo todo cuberto de reſplandores, que aſſim lhe diſſe: *Joanna, deſterra ja de ti eſſe temor, que tanto te opprime; porque a cauſa delle ja ceſſou com a morte de quem te pedia por eſpoſa.* Hum tal avizo deſpertou naquelle inſtante a Princeza, e paſſou toda aquella noite proſtrada humildemente em terra, dando graças a Deos pela protecçaõ, que tinha da ſua virgindade, naõ ficando com a minima duvida da verdade deſta revelaçaõ: na manhãa ſeguinte deo a noticia a ElRey de todo o ſuccedido, pedindo-lhe que, verificando-ſe o ſeu annuncio, naõ lhe propuzeſſe jamais diſcurſos, ou tratados de deſpoſorios; porque o Ceo lhe tinha

tinha moſtrado com evidencia, q̃ naõ era do agrado de Deos, que por hum homem mortal deyxaſſe o ſeu Eſpoſo Divino.

Oh prodigio ! Poucos dias depois chegou a ElRey a noticia certa da morte de Ricardo Rey da Gram Bretanha, o qual, na batalha contra o exercito de Henrique, Conde de Richimont, ficou deſgraçadamente morto no anno de mil quatrocentos e oitenta e cinco, e pela ſua morte o vencedor tomou poſſe do Reyno com o nome de Henrique VII.

Deſte ſucceſſo claramente ſe vê o erro de alguns Eſcritores da vida da noſſa SantaPrinceza, por naõ reflectirem attentamente nas hiſtorias, tendo crido que o Rey, que com tanta inſtancia a pedia por eſpoſa, foi Henrique VII.; e iſto naõ póde ter nem ainda ſombra de verdade; porque Henrique ſobreviveo á Princeza dezanove annos, ſendo fallecido no anno de mil quinhentos e nove, como he conſtante da hiſtoria de Inglaterra: neceſſariamente pois ſe deve affir-

mar

mar que foi Ricardo, como temos dito, ao qual importava muito ligar-se com o mais apertado vinculo, pelo pertendido casamento, com a Real Casa de Portugal, para resistir a Henrique seu competidor na Coroa de Inglaterra, da qual Ricardo se achava de posse desde o anno de mil quatrocentos e oitenta e tres, depois de ter dado a morte a dous pupillos filhos de Duarte V. seu irmaõ, com o pretexto de serem nascidos de illegitimo matrimonio; porèm na realidade para ser Senhor daquelle Reyno: e porque ElRey D. Joaõ tinha reciproca a descendencia com Ricardo, derivada de Joaõ de Alencastro, segundo filho de Duarte III. Rey de Inglaterra, mediante huma filha do dito Joaõ, chamada D. Filippa de Alencastro, casada com D. Joaõ I. Rey de Portugal, vizavô de D. Joaõ II., por isso com tanta firmeza insistia no casamento da Princeza com Ricardo, desejando como parente sustentá-lo no Throno: quanto mais, que considerava, que as forças

deſtes dous Reynos, ligados juntamente, ſe fariaõ formidaveis a qualquer inimigo de huma, ou da outra Coroa; ſendo notorio, que Henrique naõ tinha direito algum de reynar em Inglaterra com excluzaõ de Ricardo, e ſe o tinha, era aquelle, que lhe dava a ley, pela qual ſe diſpõem, que: *Dolus nemini patrocinari debet.*

Do prodigioſo acontecimento, pouco antes narrado, ficou ElRey D. Joaõ II. em extremo confuſo, e arrependido do exceſſo, que commetteo em fallar com demaſiada arrogancia á Santa Princeza ſua irmãa, do que lhe pedio perdaõ; e juntamente ficou perſuadido, que todo o attentado de reduzir a Princeza ao eſtado matrimonial lhe ſahiria ſempre infructifero, pois que em vaõ pertendem os mortaes opporem-ſe á Divina vontade; e aſſim ſe reſolveo de naõ contradizer mais os ſantos propoſitos da Princeza, á qual goſtoſamente permittio voltar, quando a peſte foſſe extincta, ao ſeu ſuſpirado

Moſteyro

Moſteyro de JESUS de Aveyro, e que nelle viveſſe em bõa paz; porèm que ſe naõ ligaſſe ao eſtado Monachal com votos ſolemnes, o que lhe era prohibido pelos Eſtados Geraes do Reyno.

Reconciliados deſta ſorte os Reaes animos, com reciprocas demonſtraçoens de amor ſe ſepararaõ, partindo ElRey para Lisboa, e a Princeza na ſua jornada determinou demorar-ſe em Coimbra no Moſteyro de Santa Clara, athé que ceſſaſſe a peſte em Aveyro; mas tanto que recebeo a noticia (que foi poucos mezes depois) de ſe ter extincto naquella Villa o contagio, naõ differio hum momento a reſoluçaõ de ſe pôr a caminho: partio de Coimbra com decente acompanhamento, o qual fizeraõ mais numerozo os principaes Senhores daquella Cidade, os quaes, venerando as Regias virtudes da Princeza, naõ podiaõ ſoffrer ficar privados da ſua agradavel preſença.

No caminho de Coimbra para

Aveyro ſuccedeo á Santa Princeza hum caſo notavel, do qual he preciſo deſcrever a origem. O zelo da Santa Princeza, no tempo da ſua aſſiſtencia em Aveyro, naõ podia tolerar que ficaſſem, ou naõ corregidos, ou naõ caſtigados os publicos eſcandalos, que ſe commettiaõ: neſte meſmo tempo ſe achava certa Senhora vivendo com tal diſſoluçaõ, que a toda a Villa dava motivo de clamar contra os ſeus peſſimos coſtumes, e a muitos tambem materia de ruina: a caritativa Princeza obrou quanto lhe foi poſſivel, para a retirar dos vicios, e reduzir á vida Chriſtãa, como convinha á condiçaõ de ſeu eſtado; mas naõ podendo conſeguir a emenda nas ſuas deſordens, com duplicados avizos, e ameaços, empregou toda a ſua authoridade para a fazer deſterrar de Aveyro. Eſta Dama, reſentida deſta rigoroſa demonſtraçaõ da Princeza, concebeo contra ella taõ implacavel odio, que aſſentou comſigo firmemente de ſe vingar, procurando para eſte

effeito

effeito as occaſioens mais opportunas, para pôr em execuçaõ o ſeu depravado intento.

Soube que a Princeza na ſua jornada de Coimbra para Aveyro havia de paſſar pelo lugar, aonde ella eſtava retirada; e preparou hum copo de veneno, para ver ſe com elle podia dar a morte á innocente Princeza; e da meſma ſorte, que o imaginou, naõ faltou em o executar na occaſiaõ, que ſe lhe offereceo da paſſagem da Santa Princeza por aquelle lugar, em que aſſiſtia aquella eſcandaloza Dama. Chegando aqui a Princeza, e achando-ſe ſequioza por cauſa da agitaçaõ da jornada, pedio hum copo de agoa para refrigerar a ſede, no qual a impia Senhora, paſſado o tempo opportuno para naõ ſer notada, infundio algumas gottas do preparado veneno; tanto que a Princeza bebeo parte da inficionada agoa, ſentio logo huma grande revoluçaõ de eſtomago com vapores malignos á cabeça, os quaes lhe cauſavaõ

cauſavaõ vertigens, e outros damnozos accidentes, que a obrigaraõ a demorarſe alli o reſto do dia, e toda a ſeguinte noite, com receyo de ſe achar peyor, o que ſem duvida aconteceria, ſe alguns Medicos, que aſſiſtiaõ á Princeza, ſuſpeitoſos da verdadeira origem do mal, que padecia, com precioſos antidotos naõ a confortaſſem de tal ſorte, que no outro dia pode ſeguir a ſua jornada para o ſeu Moſteyro de JESUS de Aveyro, com inexplicavel alegria de todos aquelles, que a acompanhavaõ. He verdade, que as indiſpoſiçoens, que lhe ſobrevieraõ, no breve tempo, que lhe reſtou de vida, e juntamente a ſua accelerada morte ſe attribuio por commûa opiniaõ, ainda que naõ confirmada com provas, ao veneno tomado naquella taça, e daqui vem o affirmarem muitos Eſcritores que a Santa Princeza, álèm da Coroa de Virgem, teve de alguma ſorte tambem a Coroa de Martyr; por ſe ſuppor que aquelle veneno lhe foi dado em odio do

ſanto

ſanto zelo exercitado em caſtigar aquella delinquente Dama pelos eſcandalos, que cauſava com as ſuas deshoneſtidades.

Divulgou-ſe em Aveyro, como certa, a noticia, que no eſpaço de poucas horas chegaria a Princeza; e todas as peſſoas qualificadas daquella grande Villa ſahiraõ para a encontrarem, naõ ſe podendo contêr de eſperar o ſeu ingreſſo dentro dos muros, pelo immenſo deſejo, que tinhaõ de ver, e obſequiar a ſua Princeza, e bemfeitora.

Acompanhada de toda aquella illuſtre comitiva chegou ao Moſteyro, e deſpedindo-ſe primeiramente daquelles, que deſde Coimbra a ſerviraõ naquella jornada, e depois dos que ſahiraõ de Aveyro para a cortejarem, com o ſeu natural modo, cheyo de affabilidade, e doçura, vendo as portas do Moſteyro abertas, e todas as Religioſas, que a eſperavaõ, chêas de contentamento, e de jubilo, figurou-ſe-lhe aberto o Parai-

zo das mayores delicias, para ella preparado, para habitar com os Anjos.

Foi extraordinaria, e inexplicavel a alegria, que cauſou a ſua preſença áquellas obſervantiſſimas Religioſas, e particularmente á Madre Soror Maria de Attaide, a qual, por morte da Veneravel Madre Soror Brites Leytôa, tinha ſido eleita nova Prioreſa do Moſteyro de JESUS; e foi huma das primeiras Fundadoras delle, e zeloſiſſima em conſervar a introduzida diſciplina da Regular Obſervancia. Aſſim que chegou á ſua preſença, com lagrimas de goſto ſe lhe humilhou proſtrada por terra, pedindo-lhe que a quizeſſe novamente receber por filha, por diſcipula, e por ſerva: a Madre Prioreſa a recebeo com ternos, e carinhozos abraços, e naõ achando palavras para expreſſar-lhe o contentamento, que ſentia no coraçaõ, apertando-a entre o peito, rompeo naquellas palavras, que proferio o velho Simeaõ, quando tinha nos braços a Deos menino;

menino: *Nunc dimittis Domine ſervam tuam in pace, quia viderunt oculi mei ſalutare tuum.* Palavras certamente propriiſſimas á Santa Princeza, que com o raro exemplo das ſuas heroicas virtudes verdadeiramente trazia a ſalvaçaõ ao Moſteyro, no qual naõ podia faltar o verdadeiro caminho do Ceo, moſtrando-o a virtuoſa Princeza com a pratica da Regular Obſervancia, a qual naõ he outra couſa mais, do que ſeguir com a Cruz a JESU Chriſto no Calvario.

Depois deſtas reciprocas affectuoſas demonſtraçoens, praticadas á portarîa do Moſteyro, foi a Santa Princeza fazer a ſua primeira viſita á Igreja, e aqui, lançada por terra com devota humildade diante do Santiſſimo Sacramento, rendeo as devidas graças a Deos, que, depois de tantos, e taõ trabalhoſos accidentes, a conduzio ao porto dos ſeus deſejos, e ao termo ſempre ſuſpirado da ſua peregrinaçaõ, determinando com

firme, e irretractavel propoſito de nunca mais ſahir da Clauſura; e para naõ haver de dar em tempo algum ouvidos a novas propoſiçoens de matrimonios, aſſentou de ſe ligar com publico voto de perpetua virgindade: e querendo executar taõ ſanto penſamento no dia de Santa Catharina Virgem, e Martyr, a quem tinha particular devoçaõ, a elegeo por propria advogada. Na manhãa pois de vinte e cinco de Novembro, acabada a Miſſa, que pára eſte effeito ſe celebrou, depois de ter tomado em ſuſtento o Paõ dos Anjos, ſe pôs diante do Altar, e aqui publicamente prometteo a Deos com voto expreſſo de conſervar intacta a ſua virgindade, proteſtando, que a ſua intençaõ era que valeſſe aquelle voto, como ſe foſſe feito com a ſolemne profiſſaõ de verdadeira Religioſa de S. Domingos.

Deſde aquella occaſiaõ por diante, ligada mais eſtreitamente a Santa Princeza com o ſeu Eſpoſo JESUS, recebeo dupli-

duplicado eſpirito; porque viveo o reſtante dos ſeus dias com tanto amor para com o ſeu Deos, que naõ tinha outro algum recreyo, que o de eſtar ſempre empregada no ſeu Divino ſerviço. Era verdadeiramente admiravel a ſua humildade; pois naõ ſó aborrecia toda a altivez, mas ainda ſe confeſſava pela infima de todas, e como tal queria ſer tratada: e ſe ouvia chamarem-lhe com o nome de Senhora Infanta, ou Princeza, naõ reſpondia, como ſe o tal appellido lhe naõ pertenceſſe, mas ſó dava reſpoſta, quando ouvia que a tratavaõ com o proprio nome de Soror Joanna. Aborrecia extremamente o deſcanço, tanto, que o pouco tempo, que lhe reſtava do Coro, e das ſuas coſtumadas devoçoens, o occupava no ſeu ordinario trabalho, entretendo-ſe pela mayor parte em fabricar diciplinas, e cilicios, para que ſerviſſem ás outras Religioſas, porèm mais para ſi meſma, para novos inſtrumentos de mortificaçaõ: e quando ſuccedia, que dos

penetrantes cilicios, ou das rigoroſas diciplinas ſe lhe abria alguma chaga, ella com arte medica, aprendida para eſte effeito, as curava. Quando alguma vez lhe era forçozo andar pelo Moſteyro, por naõ perder aquelle tempo inutilmente, andava juntamente fiando, e no pergaminho da ſua roca tinha eſcritas aquellas palavras de Chriſto: *Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde.* Queria a Prioreſa, que em alguma hora do dia ſe foſſe divertir ao jardim, conſiderando que o exercicio conduziria muito para a ſua ſaude; e ella tambem no jardim, por naõ eſtar ocioza, ſempre andava cuidando na cultura das arvores, das plantas, e das flores, ſervindo-ſe ao depois dellas para ornato dos Altares.

Eſtes exercicios manuaes, que praticava, naõ diminuiaõ no ſeu entendimento a conſideraçaõ de Deos, nem mitigavaõ os fervoroſos, e ardentes actos de amor para com o ſeu Divino Eſpoſo, antes nas actuaes occupaçoens levantava muitas

muitas vezes os olhos ao Ceo com viſtas taõ amantes, que ſe podiaõ crer aquellas penetrantes ſettas, das quaes o Eſpoſo dos Sagrados Canticos confeſſou ſentir-ſe ferido, quando diſſe: *Vulneraſti cor meum, Soror mea ſponſa, vulneraſti cor meum in uno oculorum tuorum*; e paſſando pelo jardim, ao ver as flores, e os fructos, como ſe padeceſſe deſmayos de amor, dizia com a Sunamitis: *Fulcite me floribus, ſtipate me malis, quia amore langueo.*

Ao amor, que a Santa Princeza tinha para com Deos, conreſpondia com juſta proporçaõ o amor, com que amava ao proximo: daqui naſcia, que pelas eſpirituaes neceſſidades de cada hum, que, pelo máo habito de offender a Deos, temia que eſtiveſſe em perigo de ſe condenar, naõ ſó com Oraçoens, mas tambem com jejuns, e diciplinas procurava da Divina bondade alcançar para aquella alma morta pelos vicios a reſurreiçaõ á vida da graça. Recorrendo muitos moradores

radores da Villa de Aveyro, e de outras terras circumvizinhas a implorar o ſeu patrocinio, para ſerem conſolados nas ſuas urgentes neceſſidades, achavaõ nella entranhas de mãy para tudo aquillo, a que ſe podia extender a potencia do ſeu favor, e a profuzaõ da ſua miſericordia. Com as Religioſas, e talvez ainda com os ſeculares, fallava taõ affectuoſamente de Deos, que cada hum, que a ouvia, perſuadia-ſe que Deos lhe tinha infundido a ſabedoria dos Cherubins com o incendio dos Seraphins. Para iſto concorreo muito as liçoẽs dos livros ſagrados, á qual ſe começou a applicar deſde a puericia, e o exercicio da Oraçaõ, no qual empregava muitas horas, aſſim do dia, como da noite, para cadavez mais ſe inflammar no Divino amor; ſem duvida que inſtruida do Real Profeta, ao qual a experiencia fez dizer: *In meditatione mea exardeſcet ignis*, moſtrando a Santa Princeza que tinha mais cuidado de fortalecer a virtude da alma com o Celeſtial

ſuſtento

ſuſtento das ſantas meditaçoens, que as forças do corpo com o ſuſtento terreno.

Neſte modo de vida perſeverou a Santa Princeza todo o tempo, que viveo, depois da ultima volta para o ſeu Moſteyro, que foi perto de tres annos, ainda que por occaſiaõ de graves enfermidades, que repetidas vezes a combatiaõ, ſe viſſe obrigada a moderar tanto as ſuas particulares penitencias, como os rigores dos jejuns determinados pelas Conſtituiçoens da Ordem, da qual moderaçaõ ſentia mayor moleſtia, que das meſmas enfermidades, as quaes ſopportava com huma paciencia digna da mayor admiraçaõ.

Contava a Santa Princeza trinta e oito annos de idade, quando ſentindoſe cada vez mais opprimida das indiſpoſiçoens, que padecia, crêo firmemente, talvez por Divina revelaçaõ, como ſe tem por certo, que ſe aproximava o tempo de ir gozar o eterno deſcanço do Paraizo,

Paraizo, o que pareceo moſtrar o Ceo em hum deliquio da Lua, que durou tres horas depois da meya noite precedente aos tres de Dezembro, pronoſticando os Aſtrologos, que brevemente havia de morrer huma grande Perſonagem, o que poucos mezes depois ſe vio verificado na falta da Santa Princeza; a qual, ſuppoſto que naquelle tempo ſe achaſſe em eſtado de competente ſaude, deo a entender que eſtava viſinha a ſua morte; porque achando-ſe na caſa do lavor com todas as mais Religioſas, e voltando-ſe para a Madre Soror Clara da Silva, lhe diſſe: Clara *hæc requies mea in ſæculum ſæculi, hìc habitabo quoniam elegi eam.*

Outros ſucceſſos naõ menos conſideraveis ſe admiráraõ da proxima morte da Santa Princeza, os quaes, aſſim como foraõ prodigioſos, da meſma ſorte ſe naõ devem deixar ſepultados no eſquecimento. A Madre Prioreza Soror Maria de Ataide foi a primeira, que por huma myſterioſa Viſaõ pode comprehender,

der, que á Santa Princeza pouco mais lhe reſtava de vida. Pareceo-lhe ver huma noite em Matinas a Princeza veſtida em habitos brancos, como a neve, e toda cintillando rayos, e que eſtava no meyo do Coro cantando o Martyrologio; mas com huma voz taõ ſuave, que arrebatava em doces extazis a quem a ouvia; e terminado o canto, ſentio vir do Altar mór huma voz mais grave, que pronunciava eſta ſó palavra: *Mors*; depois da qual, fechado o livro, deſappareceo a Princeza. Occazionou á Madre Prioreſa eſta Vizaõ huma apprehenſaõ extraordinaria, naõ ſabendo comprehender o ſeu verdadeiro ſignificado. Communicou-a á Santa Princeza, a qual, ſem ainda levemente ſe entriſtecer, lhe diſſe, que o que vira naõ ſignificava outra couſa, ſenaõ a ſua proxima morte. Podendo-ſe tambem accreſcentar, que aquella palavra *Mors*, pronunciada depois do Canto do Martyrologio, ſignificava que a morte da Princeza ſeria precioſa;

porque, acabada a Calenda, ſe ſegue logo eſte Verſo: *Pretioſa in conſpectu Domini mors Sanctorum ejus.*

Outra Religioſa, tendo ficado huma noite depois de Matinas no Coro, para fazer Oraçaõ, ſorprendida de hum ligeiro ſomno, teve eſta appariçaõ: Repreſentou-ſe-lhe, que ſe preparava na cella da Santa Princeza hum cutélo da morte, e que todas as Religioſas eſtavaõ aqui juntas ao meſmo tempo, que a Princeza deſcançava ſobre o ſeu leito: vio mais entrar hum mancebo taõ brilhante, e taõ reſplandecente como o Sol, o qual mandou ás Religioſas, que ſe achavaõ preſentes, que ſe retiraſſem, para dar lugar a Santa Urſula, e ſuas Companheiras, que eſtavaõ para entrar naquella caſa, mandadas por Deos, para convidarem a Serva do Senhor aos eternos feſtins do Ceo. Deſtas Viſoens comprehendêraõ aquellas exemplariſſimas Religioſas, que a morte da Princeza eſtava imminente; e ella, quando

lhas

lhas referiaõ, naõ ſó naõ padecia alguma triſteza, mas com alegre ſemblante lhes rendia muitas graças pela goſtoza noticia, que lhe davaõ de ſer em breve tempo chamada pelo ſeu adorado Eſpoſo a celebrar as eternas bodas no Paraizo.

No fim do anno de mil quatrocentos e oitenta e nove ſe vio a Santa Princeza accommettida de huma febre ardentiſſima, que lhe occaſionou tal faſtio, que nada podia tomar para ſeu ſuſtento: com tudo iſto quiz aſſiſtir á ſolemnidade da Calenda, na qual ſe annunciava a grande feſta da Natividade do Redemptor a toda a Communidade Religioſa, que proſtrada por terra rende a Deos as graças de tanto beneficio: Aſſiſtio tambem na noite do Santo Natal a Matinas, e á Miſſa com huma devoçaõ taõ particular, que cada huma das Religioſas, que a via, naõ ſó eſtava attonita, mas tambem docemente no ſeu coraçaõ enternecida, e muito mais ou-

vindo-a cantar com certa ſuavidade de eſpirito, que parecia participada dos Anjos, que no portal de Belem, para applaudir ao naſcido Salvador, fizeraõ ouvir a Celeſtial melodia. Na manhãa ſeguinte commungou com as outras Religioſas; porèm com tanto fervor, e devoçaõ, que no pallido do roſto ſe diviſavaõ miſturadas as chammas dos Seraphins.

Eſta foi a ultima feſta, que a Santa Princeza pode celebrar com a ſua amada Communidade, e foi tambem a maxima entre as mayores conſolaçoens, que teve no Moſteyro; porque de nenhuma outra couſa mais ſe alegrava, que de intervir com as mais Religioſas ás ſagradas funçoens; porèm foi extrema a ſua afflicçaõ, por ſe ver privada do Religioſo exercicio pelo augmento do mal, que a obrigou a eſtar de cama, com ordem expreſſa dos Medicos, que lhe naõ foſſe permittido levantar-ſe della, empenhando emtanto toda a ſua arte, para lhe

lhe alcançarem a perdida ſaude, ainda que ſem algum proveito, experimentando que era tal a contumacia do mal, que quanto mais procuravaõ diminuîlo com remedios, tanto mais o meſmo mal ſe aggravava. Com tudo iſto, a Santa Princeza com exactiſſima obediencia tomava quanto lhe preſcreviaõ os Medicos, e á nauzea, que padecia, oppunha-ſe conſtantemente, reflectindo no fel, que deraõ na Cruz ao ſeu Eſpoſo.

Naõ tinha algum allivio a Santa Princeza, ſenaõ quando bebia alguma gotta de agoa; porque, abrazando-ſe-lhe as entranhas pela actividade da febre, ſentia nas fauces hum incendio intoleravel. Privarâõ-na tambem deſte refrigerio, e movia á mayor compaixaõ vêla entre as chammas, e naõ a poder ſoccorrer, nem ainda com huma limitada porçaõ de agoa. Augmentou-ſe tanto a ſeccura da garganta, que ſe lhe abriraõ na bocca doloroſiſſimas chagas;

motivo,

motivo, porque naõ podia tomar hum pouco de ſuſtento, ſem que com elle provaſſe juntamente hum martyrio. Opprimida de tantos males, naõ fazia mais que dar humildes graças a Deos pela atormentar no corpo, para a purificar na alma. Goſtoſiſſima acceitava todas as penas em ſatisfaçaõ das ſuas culpas, que as almas amadas de Deos ſe perſuadem commetter, naõ obſtante paſſarem huma vida innocente. As Religioſas emulavaõ-ſe em a ſervirem; e aquellas, que naõ podiaõ ſempre cumprir com eſta amante occupaçaõ, eſtavaõ no Coro diante do ſagrado Altar pedindo a Deos a graça da ſaude á enferma: outras, retiradas nas proprias cellas, ſe atormentavaõ com diciplinas, para que o ſangue, que das feridas cahia na terra, clamaſſe a Deos miſericordia, para que as preſervaſſe da imminente extrema calamidade, em que ſe conſideravaõ pela morte da Santa Princeza. Só niſto foraõ ouvidos os ſeus rogos, que á proporçaõ

porçaõ das penas creſceo na ſua Serva a paciencia em as ſopportar, deſorte, que nas mayores anguſtias naõ ouviraõ da ſua bocca outras palavras, ſenaõ aquellas do Santo Job: *Si bona ſuſcepimus de manu Domini, mala quare non ſuſcipiamus? Sit nomem Domini benedictum;* ou aquellas de outros Santos: *Auge dolorem, auge patientiam;* ou outras ſimilhantes de total reſignaçaõ na Divina Vontade.

Mas ainda que ſe achaſſe taõ penalizada, e debil de forças, no tempo da ſemana ſanta, ſendo-lhe mais ſenſiveis as crueis penas do Salvador, que as ſuas proprias, pedio inſtantemente ás Religioſas, que, ja que naõ podia aſſiſtir aos Officios Divinos, ſe contentaſſem de deixar as portas abertas, para que o ſeu eſpirito pudeſſe ter a conſolaçaõ de as ouvir; e foi completamente diſto ſatisfeita a ſua devoçaõ na tarde da Quarta feira de trevas: e na de Quinta feira ſanta, naõ podendo ſopportar as chammas

mas do Divino amor mais ardentes na alma, que a febre no corpo, ſe fez veſtir dos habitos Religioſos, e levar ao Coro, para eſtar preſente com a Communidade a todas as ſagradas Ceremonias daquella manhãa. As Religioſas, vendo a Santa Princeza quaſi moribunda naquelle lugar, naõ podiaõ ſuſpender as lagrimas, que derramavaõ em abundancia; parte por compaixaõ de a verem taõ deſmayada, parte por devoçaõ pela verem taõ fervoroſa, particularmente no acto da adoraçaõ da Cruz, no qual animada da virtude Divina ſe conduzio a fazê-la com tanta ternura, que como outra Magdalena poderia com as lagrimas lavar os Pés do Redemptor morto.

Parece que o eſpirito obrou nella o ultimo esforço, dando-lhe vigor para cantar com as outras Religioſas os Verſos do hymno: *Crux fidelis inter omnes, arbor una nobilis*, como ſe o eſtar abſorta na conſideraçaõ dos tormentos do ſeu Eſpoſo

Eſpoſo Crucificado, a tiveſſe feito inſenſivel á acerbidade das ſuas penas. No dia de Paſchoa ſe fez da meſma ſorte levar ao Coro, para ouvir a ſanta Miſſa, que celebrou o Prior do Convento, do qual recebeo a Communhaõ; e quando ſe auſentou do Coro para a cella, deſpedio-ſe com huma doce ſaudaçaõ da cadeira, em que coſtumava eſtar, e lhe deo com lagrimas o ultimo a Deos, em final da magoa, que ſentia de a naõ poder mais occupar, para dar com as outras Religioſas os coſtumados louvores ao Senhor.

Em todo o progreſſo deſta enfermidade fez bem notorio o Reyno de Portugal o grande affecto, que tinha á Santa Princeza, e a incomparavel eſtimaçaõ, que fazia das ſuas heroicas virtudes, unindo-ſe todos, tanto Eccleſiaſticos, como Seculares, Religioſos, e Religioſas, a offerecer a Deos fervoroſas preces pela ſaude da enferma, naõ ſó em particular, mas tambem em pu-

blico. Cada Communidade fez a ſua prociſſaõ com numeroſo concurſo de povo, apprehendendo por hum flagéllo imminente ao Reyno, que a Santa Princeza acabaſſe a vida. Perſonagens da primeira graduaçaõ a viſitaraõ, e entre outras ſua tia D. Filippa, o Arcebiſpo de Braga, e os Biſpos de Coimbra, e do Porto, os quaes confortaraõ muito a Santa Princeza com as ſuas viſitas; porque lhe naõ fallavaõ de outra couſa mais que de Deos, o que ſó agradava á enferma, parecendo-lhe entaõ mais que neceſſario ſeguir o exemplo do Apoſtolo, quando dizia: *Omnia arbitratus ſum ut ſtercora tantùm, & Chriſtum lucrifaciam.*

Aos ſeis do mez de Mayo, no qual dia a Igreja celebra a feſta de S. Joaõ Evangeliſta *ante portam latinam*, a enferma, que tinha grande devoçaõ a eſte Santo Apoſtolo, e amado Diſcipulo de JESU Chriſto, fez a ſua Confiſſaõ geral com extraordinario ſentimento, e incom-

incomparavel dor das ſuas culpas, ainda que ligeiras, batendo fortemente no peito, para alcançar de Deos com correntes de lagrimas, e inceſſantes ſuſpiros, miſericordia, e perdaõ. Depois fez erigir hum Altar na ſua camera, para que pudeſſe ouvir a ſanta Miſſa, que celebrou o Prior do Convento, no fim da qual deo á bõa Princeza a ſagrada Communhaõ por Viatico, recebendo a Sacroſanta Hoſtia por ſeu unico conforto em tantas agonias, e em tantos deſmayos, como padecia. Foi couſa paſmoza o ver os actos, que fazia, ou de profunda humildade, repetindo aquellas palavras de Santa Iſabel: *Unde hoc mihi, ut veniat Dominus meus ad me?* ou de ferventiſſimo amor, dizendo: *Ecce quod concupivi, jam video, quod optavi jam teneo;* ou de grande arrependimento, exclamando com innumeraveis lagrimas: *Miserere mei Deus miſerere mei; quia peccavi tibi.* As Religioſas, aqui preſentes, eſtavaõ traſpaſſadas de magoa, e naõ

faziaõ outra couſa, que deſaffogar o ſeu ſentimento com o pranto.

Conhecendo a Santa Princeza que ſe lhe aviſinhava o termo dos ſeus dias, quiz fazer o ultimo teſtamento: e aſſim como ſoube valer-ſe taõ bem das riquezas temporaes, diſpenſando-as aos pobres, ou empregando-as em ſagradas alfayas para o culto Divino; aſſim, achando-ſe moribunda, procurou diſtribuir aquelle pouco, que tinha reſtado á ſua piedoza liberalidade, com aquelles, que ſabia ſerem os mais neceſſitados, diſpondo particularmente, que foſſem bem remediados aquelles, que de hum, e de outro ſexo pela ſua diligencia ſe tinhaõ convertido da impia ſeita mahometana á noſſa ſanta Fé Catholica; e de tudo o mais, que ficava, intiſtuio herdeiro univerſal o ſeu Moſteyro de JESUS, parecendo-lhe que naõ podia diſpor melhor do que lhe ficava, que em proveito da ſua alma, entendendo por eſta alma o meſmo Moſteyro, do qual reconhecia

nhecia a vida eſpiritual por ella praticada por tantos annos, q̃ nelle ſantamente viveo.

Fez depois vir á ſua preſença D. Jorge ſeu ſobrinho, ao qual, aſſim como quando o educou na infancia, lhe tinha dado ſantiſſimos preceitos, aſſim naquelle ponto lhe pareceo conveniente deixar-lhe ao vivo dos mais piedoſos conſelhos. Vendo-o diante de ſi triſte, e lacrymozo, lhe diſſe: *Filho, naõ choreis; pois naõ he conveniente derramar lagrimas por quem eſtá para deixar a terra, para ir logo gozar o Paraizo. A eſtrada, que conduz á aquelle feliciſſimo termo, he a obſervancia exacta da Divina Ley; e como deſejais a ſalvaçaõ da voſſa alma, a qual ſobre tudo o mais vos deve importar, naõ vos deixeis induzir de máos companheiros, para deixares aquelle caminho, fóra do qual todo o paſſo, que déſſeis, vos conduziria ao precipicio da eterna condenaçaõ. Nas voſſas acçoens tende ſempre o cuidado de agradar a Deos, por naõ offenderes o Juiz, que vos ha de julgar.*

gar. Naõ vos deixeis enganar dos bens deſte mundo, que naõ ſaõ outra couſa mais, que fumo, que deſapparece em hum inſtante. Eſtimai ſobre todas as couſas a graça de Deos; e para que eſta permaneça em vós, naõ importa que tudo o mais ſe perca. Tende, filho, eſtes aviſos bem impreſſos na voſſa memoria, e Deos vos abençôe.

Feita eſta ſalutifera exhortaçaõ, com a qual foi deſpedido o menino D. Jorge, ſentindo-ſe a Santa Princeza cada vez mais attenuada, e debilitada de forças, ſe preparou para receber a Extrema-Unçaõ, em ordem a ſe diſpor á grande viagem para a Eternidade. Quando lhe pareceo opportuna a occaziaõ, com toda a inſtancia a pedio, e ſendo-lhe trazida pelo Padre Prior do Convento, precedido proceſſionalmente de todas as Religioſas, conforme o ritual da Ordem, antes de a receber, pedio humildemente perdaõ a todas aquellas Religioſas preſentes dos máos exemplos, que lhes tiveſſe

veſſe dado ; do pouco fructo eſpiritual, que tinha feito, aſſiſtindo em hum Moſteyro taõ ſanto, e em particular das tribulaçoens, e deſcommodos, que por ſua cauſa tinhaõ ſopportado. Pedio-lhes que a naõ abandonaſſem naquella extrema neceſſidade, confiando, que pelas ſuas Oraçoens alcançaria huma glorioſa victoria de todas as tentaçoens do inimigo : e finalmente as certificou, que no Paraizo, ao qual eſperava chegar antes de poucas horas, pediria ſempre a Deos que lhe concedeſſe a graça de as ver todas juntamente na Gloria.

Recebeo depois a Extrema-Unçaõ com huma compunçaõ de eſpirito admiravel, e com os olhos poſtos no Crucifixo proferia acada unçaõ aquellas palavras: *Peccavi, peccavi, Domine miſerere mei.* Pelo ardor da febre eſtava o ſeu corpo de tal ſorte conſumido, que naõ podia ſominiſtrar aos olhos o humor, de que ſe formaõ as lagrimas; e he inexplicavel a pena, que padecia, de ſe ver redu-

reduzida a eſtado de naõ poder chorar na occaſiaõ, em que mais que nunca lhe parecia neceſſario o pranto, para purificar a ſua alma de toda a reliquia de culpa; na falta porèm das lagrimas ſuppria com fervoroſos deſejos de ſe conformar com o ſeu Eſpoſo Crucificado, a quem todos os inſtantes beijava, e apertava entre o peito com hum terniſſimo amor, que parecia naõ queria morrer em outro leito, que na Cruz.

No dia antecedente á ſua morte deſpedio os Medicos com lhes dizer, que naõ ſe cançaſſem mais em viſitá-la; porque bem conhecia que para o corpo naõ havia remedio, o qual ſó eſperava para a alma, pela confiança que tinha no precioſo Sangue de JESUS Chriſto derramado por ella na Cruz. Fez logo chamar o ſeu Capellaõ, ordenando-lhe que diſſéſſe por ſua tençaõ huma Miſſa das cinco Chagas, dizendo, que dellas eſperava a unica medicina, que a podia ſoccorrer. Pedio tambem ao Padre Prior

do

do Convento, que ordenaſſe a todos os Padres, que celebraſſem a meſma Miſſa pela ſua alma. Fez logo chamar á Madre Prioreza, á qual, depois de lhe ter feito muitos actos de filial ſubmiſſaõ, diſſe: Que aſſim como eſperava que a ſua alma no Ceo ſe veria acompanhada das almas de todas as mais Religioſas, aſſim deſejava que o ſeu cadaver na terra naõ foſſe ſeparado das Religioſas defuntas, e quizeſſe mandar, que ſe ſepultaſſe na ſepultura ordinaria do Moſteyro.

Vendo que as Religioſas inconſolavelmente ſuſpirando naõ podiaõ deixar de lhe fazer amoroſa aſſiſtencia, lhes diſſe, que, ſe a amavaõ, deixaſſem de chorar, mas antes ſe alegraſſem; porque ſe achava junto do termo da ſua trabalhoza navegaçaõ, para chegar ao tranquîlo porto da Bemaventurança, e que entretanto foſſem deſcançar: mas, como quem ſabia a hora da ſua morte, accreſcentou, que aquella noite podiaõ deixá-la, para

ſe valer em occaſiaõ mais preciza da ſua eſtimavel aſſiſtencia. Com aquellas poucas Religioſas, que lhe ficaraõ aſſiſtindo, fallou ſempre da Gloria, que gozaõ os Bemaventurados, mas com tanta ſuavidade de eſpirito, que dava a conhecer, que ja principiava a goſtar daquella ineffavel felicidade.

Naõ perdia jamais nas extremas agonias os ſentimentos mais vivos: Muitas vezes perguntava que horas eraõ, deſejando com impaciencia chegar aos Braços do ſeu amabiliſſimo Eſpoſo. Quando lhe diſſéraõ que faltavaõ duas horas para a meya noite, fez chamar o Confeſſor, e avizar ás Religioſas, para que vieſſem; porque o ſeu tranzito era ja imminente. Chegado o Confeſſor, diſſe com voz expedita, e clara o *Confiteor Deo*, e pedio a abſolviçaõ geral, e applicaçaõ das Indulgencias, que tinha alcançado dos Summos Pontifices para aquelle ultimo artigo. Pedio depois o Crucifixo, e empregando nelle amoroſamente os olhos, dizia:

dizia: *Spes mea Domine à juventute mea, in te confidit anima mea.* A Madre Prioreza querendo dar-lhe hum precioſo licor, para a confortar, reſpondeo: *Naõ, may minha, o que me póde mais fortalecer he a liçaõ da Paixaõ de meu JESUS.* Principiou-ſe eſta a ler, dando a Serva de Deos muitos ſuſpiros, e quando ſe chegou áquelle paſſo, que ao Senhor em caſa de Annaz foi dada huma boſetada, pedio a Santa moribunda, que lhe levantaſſem o braço direito, e aſſim como eſtando ſaã, quando ouvia ler o meſmo paſſo, coſtumava maltratar o roſto, neſta occaſiaõ o fez tambem, da ſorte que lhe foi poſſivel, com a maõ, que tinha pedido lhe levantaſſem para eſte effeito, dizendo: *O' meu JESUS, ſe quizeſtes ſoffrer por amor de mim tantas penas, porque naõ as ſoffrerei eu tambem por amor de Vós?* Ouvindo depois ler os outros intolleraveis opprobrios feitos ao Senhor, dizia: *Ignoſce, Domine, ignoſce, & miſerere mei ancillæ tuæ.* Ouvindo finalmente

nalmente ler aquellas palavras: *Inclinato capite, tradadit ſpiritum,* deo terniſſimos oſculos no Crucifixo, parecendolhe que naquelle ponto queria expirar; porèm tornando logo a tomar algum alento, com voz clara, e diſtincta rezou o Pſalmo *In te Domine ſperavi,* O Symbolo da Fé, o Hymno *Ave maris Stella,* e tres vezes aquella eſtrofa: *Maria mater gratiæ, mater miſericordiæ, tu nos ab hoſte protege, & hora mortis ſuſcipe.* Depois diſto, ordenando que lhe déſſem a véla acceza, pedio que lhe leſſem o Officio da agonia, e lhe encommendaſſem a alma; e quando ſe chegou nas Ladainhas a dizer: *Omnes Sancti innocentes Orate pro ea,* abrindo os olhos, que parecerão duas luzidiſſimas Eſtrellas, e levantando-os ao Ceo entregou a ſua innocentiſſima alma ao Creador.

Foi de todos notado, como prodigio, que o ſeu roſto, que d'antes pela violencia do mal eſtava transformado em quaſi denegrido, naquelle ponto ſe vio tornar

tornar á ſua natural belleza, e com huma cor taõ encarnada, que parecia naõ ter paſſado da vida para a morte, mas ſim da morte para a vida: como ſe quizera Deos que aquelle corpo, que taõ bem tinha ſervido a alma, tiveſſe da meſma alma, quando delle ſe auzentava para o Ceo, por grata recompenſa, huma participaçaõ daquella Gloria, que gozaráõ os corpos dos Bemaventurados depois da univerſal Reſurreiçaõ.

A taõ prodigioſa viſta, naõ ſó as Religioſas, mas tambem o Arcebiſpo de Braga, os Biſpos de Coimbra, e do Porto, que quizeraõ aſſiſtir ao feliz tranſito deſta ſua taõ Venerada Senhora, ſe antecedentemente choravaõ ſem alguma conſolaçaõ, viraõ-ſe obrigados a miſturar com as lagrimas hum alegre ſorrizo de goſto: porque naõ ſe podia contemplar a belleza, a graça, e o reſplandor daquelle roſto, ſem ſe conceber, como certo, que huma alma taõ Santa ja eſtava na poſſe da Gloria; e

effectiva-

effectivamente, ao dar a Princeza a ultima reſpiraçaõ, ſe ouvio na cella hum ſuaviſſimo concerto, que cauſava a mais delicioza harmonia aos ouvidos: do que ſe póde com razaõ inferir, que os coros dos Anjos deſceraõ do Ceo para receberem, e tranſportarem ao Empyreo aquella alma, que pela pureza, guardada com taõ raro exemplo, era digna de ſe collocar entre elles. Foi a morte da Santa Princeza aos doze de Mayo de mil quatrocentos e noventa, tendo de idade trinta e oito annos, tres mezes, e quatro dias.

Foi de eſtatura alta, os cabellos, como de ouro, o nariz proporcionado, os olhos verdes, o beiço inferior hum pouco groſſo, a cor das faces branca, e encarnada como de roza, o roſto redondo, e em fim podia-ſe proferir della aquillo meſmo, que o Eſpirito Santo diſſe da Rainha Eſther, que *Erat formoſa valdè, & incredibili pulchritudine, omnium oculis gratioſa, & amabilis videbatur;*

batur ; acompanhando depois a belleza com a mageſtade deſorte, que baſtava vê-la, para ſe eſtimar digna de ſer Rainha.

Naõ ſe póde ter certa clareza do tempo, que a Santa Princeza aſſiſtio no ſeu taõ amado Moſteyro de JESUS de Aveyro: o que ſe póde ſeguramente affirmar, he, que deſde o primeiro ingreſſo, que a Santa fez, o qual foi no anno de mil quatrocentos e ſettenta e dous, tendo de idade vinte annos, ſe demorou nelle athé o anno de mil quatrocentos e ſettenta e nove, no qual foi obrigada por ElRey ſeu pay a ſahir da Clauſura por occaſiaõ da peſte, que produzia grandes eſtragos na Villa de Aveyro; e tambem he certo, que continuou a eſtar fóra do Moſteyro no anno de mil quatrocentos e oitenta, no qual na Villa de Abrantes, na Provincia da Eſtremadura, morreo a Madre Prioreza, e Fundadora do Moſteyro de JESUS de Aveyro, Soror Brites Leytôa, que ſahio do meſmo Moſtey-

Moſteyro para acompanhar a Santa Princeza. Depois da morte da dita Prioreza he neceſſario affirmar que a Santa Princeza tornou para Aveyro; porque ſe achou no ſeu Moſteyro quando falleceo ElRey D. Affonſo ſeu pay, que foi aos vinte e oito de Agoſto de mil quatrocentos e oitenta e hum; quanto mais que, no meſmo anno, e poucos mezes depois da morte do dito Monarcha, foi mandado entregar ao cuidado da Santa Princeza, quando eſtava actualmente no Moſteiro, D. Jorge, filho natural de ElRey D. Joaõ II., que naõ tinha mais que tres mezes. Sendo porèm certo, que depois deſta volta poucos annos aſſiſtio no Moſteyro; porque naõ ſe póde controverter, que no anno de mil quatrocentos e oitenta e cinco a Princeza ſe achava fóra delle na Cidade do Porto: Sendo tambem couſa conſtante, que da meſma Cidade do Porto foy chamada a Alcobaça por ElRey D. Joaõ ſeu irmaõ, aonde com tanta efficacia foi perſuadida por ElRey, para dar

dar a maõ de eſpoſa a Ricardo, entaõ Rey de Inglaterra, o qual no dito anno morreo aos vinte e dous do mez de Agoſto; e podendo-ſe calcular, que a peſte perſeverou em Aveyro por poucos mezes, racionavelmente ſe póde concluir, que a ſegunda volta da Princeza ao ſeu prezadiſſimo Moſteyro de JESUS de Aveyro foi no fim do dito anno de mil quatrocentos e oitenta e cinco; e naõ conſtando depois, que ſahiſſe outra vez, he forçozo dizer, que deſde aquelle tempo perſeverou nelle athé a morte.

Naõ ſe póde deixar de advertir aqui o erro de muitos Eſcritores, na vida da Santa Princeza, em naõ fazerem mençaõ ſenaõ de huma ſahida, que fez do ſeu Moſteyro de JESUS de Aveyro: e o que mais deve admirar, he, que cahiſſe tambem no meſmo erro hum Author muito verſado na hiſtoria, dizendo que a peſte em Aveyro deſde o ſeu principio, que foi no anno de mil quatrocentos e oitenta, ſempre continuou ſem ceſſar até

o anno de mil quatrocentos e oitenta e seis ; consequentemente deve dizer , que a Santa Princeza por todo aquelle tempo esteve fóra do Mosteyro, naõ sendo verisimil, que , se ella por determinaçaõ de El-Rey tinha sahido , para fugir ao perigo da peste, lhe fosse depois permittido o tornar, antes que cessasse; mas, que a Santa Princeza desde o anno de mil quatrocentos e oitenta, até o anno de mil quatrocentos e oitenta e seis estivesse sempre fóra do seu Mosteyro : o q̃ naõ tem apparencia alguma de verdade, antes concludentemente se prova ser falso, do que escreve a Madre Margarida Pinheira na sua vida , na qual no Capitulo IX. suppõem que a Santa Princeza, quando morreo D. Affonso V. seu pay , e quando, tres mezes depois da dita morte, lhe foi enviado o Infante D. Jorge, se achava no Mosteyro ; e he certo que hum , e outro accidente occorreo no anno de mil quatrocentos e oitenta e hum. Se pois neste tempo a Santa Princeza se achou dentro no seu Mosteyro , e no

anno

anno antecedente de mil quatrocentos e oitenta, e da meſma ſorte no anno de mil quatrocentos e oitenta e cinco ſe achou fóra do Moſteyro, como moſtra expreſſamente o Padre Papebrochio na annotaçaõ ſobre o Capitulo VIII., letra E; claramente ſe deixa ver, que a Santa Princeza, depois do primeiro ingreſſo no Moſteyro de Aveyro, que foi no anno de mil quatrocentos e ſettenta e dous, duas vezes ſahio por occaſiaõ da peſte, e duas vezes tambem tornou.

Para prova do que temos dito, baſtará referir o que diſſe a Madre Soror Margarida Pinheira, attentiſſima obſervadora de todas as acçoens da Santa Princeza, no Capitulo VIII. da ſua vida; no qual, fallando da ſegunda jornada, que fez de Coimbra ao ſeu Moſteyro de JESUS, deixou eſcritas eſtas palavras, conforme as trasladou o Padre Papebrochio: *Infanta regreſſa eſt ad hoc Averienſe Monaſterium, ubi omnis ejus requies erat. Receptaque fuit cum maximo gaudio à*

Matre Prioriſſa, totoque Conventu. Reduxit autem ſecum duas illas Religioſiſſimas Matres, quas habuerat vitæ comites, ſemperque habebat ſecum, tam intra Monaſterium, quàm duabus vicibus, quibus coacta fuit egredi, partim ex mandato Regis, partim ad preces Prioriſſæ, & Prælatorum ſui Ordinis. Aqui pois ſe moſtra claro, como o Sol no meyo dia, que foi obrigada duas vezes a Santa Princeza a auſentar-ſe do Moſteyro de Aveyro; e por legitima conſequencia ſe vem a inferir, que a peſte, depois de ter ceſſado a primeira vez na dita Villa, poucos annos depois ſe tornou a atear. Naõ ſe póde ſaber da Hiſtoria geral de Portugal quando cauſou mayor eſtrago, e quanto tempo perſeverou na ſua contumacia, tanto na primeira, como na ſegunda vez.

Do precedente diſcurſo ſe deduz, que a Santa Princeza, deſde o primeiro ingreſſo no Moſteyro, que foi aos quatro de Agoſto de mil quatrocentos e ſet-

tenta

tenta e dous, até o ultimo periodo da ſua vida, que foi aos doze de Mayo de mil quatrocentos e noventa, viveo no Moſteyro dezaſeis annos, ſuppondo, como muito provavel, que entre a primeira, e ſegunda vez, que ſahio do Moſteyro por occaſiaõ da peſte, eſteve fóra perto de dous annos, aos quaes ſe ſe ajuntarem aquelles dezaſeis, ficará perfeitamente completo o numero de dezoito annos, que com os vinte de idade, que tinha, quando entrou no Moſteyro, completarâõ os trinta e oito annos, que teve de vida, terminada com a precioſa morte acima narrada.

He tempo ja, depois deſta Chronologica digreſſaõ, de tornar á hiſtoria, occorrendo deſcrever muitos ſucceſſos maravilhoſos, acontecidos depois que a Santa Princeza deixou de viver na terra, para ſer coroada de gloria no Ceo. Em primeiro lugar ſe offerece huma Viſaõ prodigioza, que teve o Padre Pedro Lourenço, Sacerdote de rara virtude, o qual

qual tinha ſervido a Santa Princeza no officio de Capellaõ. Eſtando em Oraçaõ eſte Servo de Deos naquella meſma noite, e na meſma hora, em que a Serva de Deos eſtava em agonia, vio diante de ſi huma coroa de eſpinhos toda cercada de reſplandores, mas enſanguentada de tal ſorte, que parecia que de todas as pontas deſtillava gottas de ſangue. Atemorizou-ſe muito com taõ eſtranha Viſaõ; porèm o medo ſe converteo em jubilo, quando depois vio que a coroa com os ſeus reſplandores inſenſivelmente ſe elevava ao alto, e finalmente deſapparecia da ſua viſta, ouvindo ao meſmo tempo huma Angelica voz, que dizia: *Ja he morta*; á qual voz conreſpondendo logo o ſino do Moſteyro, fez-ſe o ſinal da feliz morte da Santa Princeza, a qual naõ podia melhor repreſentar-ſe, que com o ſymbolo da coroa de eſpinhos; porque eſta foi ſempre a diviza gravada nas ſuas Armas. Ouvindo pois o devoto Sacerdote o ecco do ſino, ſe confirmou no que ſignifi-

ſignificava a Viſaõ, e ſe convenceo, que a alma da Princeza logo depois da morte foi reveſtida com as luzes da Gloria, e elevada a gozar do eterno deſcanço no Paraizo.

Naõ faltaraõ outras Viſoens, com as quaes quiz Deos manifeſtar a gloria da ſua Serva. A Madre Prioreſa do Moſteyro, achando-ſe afflictiſſima por eſta morte, vio em ſonhos a Santa Princeza toda cercada de reſplandores, veſtida com o habito de S. Domingos, parecendo-lhe que a buſcava, e lhe fallava deſta ſorte: *Que motivo tendes, amada mãy minha, para tanto vos affligires, em lugar de vos alegrares pela minha ditoza morte? Certificai-vos que eſtou no Ceo, e vejo a Deos; e bem depreſſa conhecereis à mercê, que me diſpenſou a Divina Miſericordia em me naõ deixar viver mais annos no mundo.* Naõ paſſou muito tempo, que eſta predicçaõ da Santa Princeza ſe naõ viſſe verificada; porque poucos annos depois ſuccedeo a morte primeiramente

mente de Affonſo, filho, e herdeiro de ElRey D. Joaõ, e depois a do meſmo Rey, pela qual veyo a faltar a legitima ſucceſſaõ de Affonſo V.; e ſe a Santa Princeza viveſſe mais annos, naõ poderia evitar a neceſſidade do matrimonio, para conſervar a Coroa na Real Stirpe de Affonſo: quanto mais, que para o tal caſo deſde a infancia lhe foi jurada fidelidade por todos os Eſtados do Reyno, e pela meſma cauſa naõ lhe foi jamais permittido fazer a ſolemne profiſſaõ, a qual ſó pode conſeguir dos Prelados da Religiaõ, quando eſtava para expirar, por cauſa das apertadas ordens de ElRey D. Joaõ ſeu irmaõ a inſtancias de todo o Reyno. Foi ſem duvida diſpoſiçaõ da Divina Providencia, que aſſim como para preſervar na Princeza o virginal candor, faltou a vida a duas teſtas coroadas, quando a pertendiaõ para eſpoſa; aſſim a meſma Princeza deixaſſe com a vida o mundo, quando, ſobrevivendo, ſe acharia obrigada a tomar o eſtado do matrimonio,

monio, ao qual aborrecia mais, que a meſma morte, reputando ficar privada da vida por hum effeito muito propicio da Divina Miſericordia.

Outras duas Religioſas tiveraõ tambem revelaçaõ da Gloria da Santa Princeza, apparecendo-lhes, para as conſolar com o ſeguro da Bemaventurança, que gozava; e a huma dellas tirou certos eſcrupulos, que lhe perturbavaõ a conſciencia, e lhe deo ſalutiferas advertencias, para beneficio da ſua alma. Outra, vendo-a apparecer mais reſplandecente que o Sol, ſe lhe lançou aos pés para os beijar, mas a Santa Princeza a levantou.

Naõ contente da conſolaçaõ, que dava, hora a huma, hora a outra daquellas afflictiſſimas Religioſas com lhes apparecer em glorioſa ſimilhança, quiz tambem huma noite conſolar a todas, apparecendo-lhes illuſtrada de brilhantes rayos, vizitando a cada huma na propria cella. Na manhãa ſeguinte, achando-ſe

todas juntas, cada huma contava ás outras a fórma, em que lhe tinha apparecido, e as doces palavras, com que lhe tinha fallado, para a aſſegurar que gozava no Ceo da Gloria. Diſſe porèm a duas Religioſas em particular, que tinha alcançado de Deos, que algumas das ſuas companheiras de grande virtude bem depreſſa deixariaõ o mundo, para lhe fazerem companhia na Celeſtial Patria; e lhes fez tambem ver os ſeus nomes eſcritos em hum papel com letras de ouro. A eſte vaticinio conreſpondeo fielmente o ſucceſſo; porque no meſmo anno morreraõ ſette Religioſas, as mais virtuoſas, e exemplares, que tinha o Moſteyro.

Em quanto a alma da Santa Princeza ja gozava o feliz deſcanço no Ceo; ſe diſpôs na terra entregar á ſepultura o ſeu corpo, o que ſe executou, trazendoſe na manhãa depois da ſua morte o ſeu cadaver, veſtido com o habito de S. Domingos, da cella á Igreja, acompanhado naõ

naõ ſó da Communidade, mas tambem de todos os Religioſos da Ordem, com a aſſiſtencia dos Biſpos de Coimbra, e do Porto, e de outros muitos Senhores, e de quaſi todo o povo de Aveyro, por obrigaçaõ de obſequio, e eſtimulo de devoçaõ, para enterrarem a defunta Princeza.

Sendo neceſſario, quando o ſeu cadaver paſſava proceſſionalmente para a Igreja, ir por aquella parte do jardim, em que ſe coſtumava ſantamente divertir a meſma Princeza, fazendo-o cultivar, plantando talvez ella meſma com as proprias mãos muitas arvores, ſuccedeo hum prodigio, com o qual foy Deos ſervido illuſtrar a ſantidade da ſua Serva: eſte foy, que aquellas arvores, e todas as mais plantas começaraõ a diſtillar huma grande copia de humor, como querendo tambem chorar a morte da ſua diligente agricultora. Depois diſto, ſem algum intervallo, as arvores, as plantas, e as ervas ſe ſeccaraõ em hum inſtante, ven-

do-ſe, com paſmo, e admiraçaõ de todos aquelles, que eſtavaõ preſentes, cahir fructos, flores, e folhas, como ſe em hum momento a florida primavera ſe converteſſe no mais deſabrido inverno. Os circunſtantes, que viraõ hum prodigio taõ raro, formaraõ no ſeu entendimento eſte bem fundado conceito: que as creaturas inſenſiveis tambem ſentiaõ no modo poſſivel a morte da Santa Princeza, deixando aos oradores motivo, de hum ſucceſſo taõ admiravel, para dizerem que Santa Joanna foy naquelle Moſteyro, como hum Sol, que com os rayos das ſuas virtudes influia vida, e vigor ás meſmas plantas, e que auſentando-ſe, para naõ tornar mais, ceſſaraõ aquellas de viver.

Collocado na Igreja diante do Altar mayor o ſagrado cadaver, principiaraõ-ſe a celebrar com pompa funebre as exequias, cantando-ſe ſolemnemente a Miſſa de *Requiem*, para obſervar o rito da Igreja; ainda que por univerſal opiniaõ

opiniaõ dos circunſtantes, attenta a ſantidade, que piamente ſe cria na Princeza defunta, ſe aſſentou uniformemente, que antes ſe devia cantar a Miſſa com o introito *Gaudeamus*, appropriado ás Santas Virgens, a naõ ſer contra os Decretos Apoſtolicos. Finalmente, deo-ſe-lhe a ſepultura no Coro inferior, aonde as outras Religioſas ſe enterravaõ, conforme ella meſma, antes de morrer, tinha diſpoſto; por naõ admittir, nem ainda depois da morte, alguma ſombra de ſingularidade, que, por ſer filha de Rey, lhe foſſe devida.

A vida taõ ſanta, e a morte taõ piedoſa, qual foy a da Santa Princeza, naõ he maravilha que a Divina Omnipotencia illuſtraſſe com milagres, obrados por ſua interceſſaõ, para que naõ faltaſſe a Maõ de Deos em manifeſtar a ſantidade da ſua Serva, quando o Throno Apoſtolico, com a aſſiſtencia do Divino Eſpirito, quizeſſe deſcrevê-la, e collocá-la no Catalogo dos Santos. Para eſte effeito no

anno

anno de mil ſeiſcentos e vinte e ſeis foy fabricado hum proceſſo com authoridade Ordinaria do Biſpo de Coimbra D. Joaõ Manoel, por commiſſaõ do qual, tomados os depoimentos, jurados por muitas teſtimunhas, foraõ juridicamente approvados varios milagres, que aconteceraõ athé aquelle tempo, dos quaes faz diſtincta relaçaõ o Padre Papebrochio, depois da vida deſta Santa Princeza, na pag. 46., e nas ſeguintes; ſendo ſuperfluo referî-los todos neſte lugar, no qual ſó ſe pertende dar huma breve noticia das heroicas virtudes da noſſa Santa, a fim de inflammar o coraçaõ dos fieis para com ella: mas, porque todo o extremo he vicioſo, referirei alguns, que ſeraõ baſtantes a excitar a confidencia de quem quizer recorrer nas proprias neceſſidades á efficaz interceſſaõ da Santa Princeza.

Celebre ſobre todos he o milagre, que poucos annos depois da ſua morte continûa athé o dia de hoje, eſte he a multi-

multiplicaçaõ da terra, que ſe tirou da primeira ſepultura da Santa Princeza, quando ſe trasladou ao novo ſumptuozo Mauſoléo fabricado no meyo do Coro debaixo daquelle Moſteyro. Encheo-ſe daquella terra hum vazo, que poderá ter a medida, pouco mais, ou menos, de tres palmos de alto, e palmo e meyo de largo; continuamente ſe tiraõ porçoens della, repartindo-a com aquelles, que a pedem por devoçaõ, particularmente no dia, em que ſolemnemente ſe celebra o anniverſario da morte da Santa Princeza: e com tudo iſto, ſem que jamais ſe lhe lance outra terra dentro, ſempre o vazo ſe acha cheyo: a qual multiplicaçaõ he certo que naõ ſe póde fazer, ſenaõ por aquella infinita virtude, que pode ſuſtentar cinco mil homens com cinco paens. A devoçaõ, que move geralmente a piedade Portugueza a proverſe deſta terra, procede da experiencia, que tem da ſua efficaz virtude para effeitos milagrozos, os quaes quer Deos

obra-

obrar, mediante o uſo della, por interceſſaõ da Santa Princeza.

A Madre Soror Ignez de Louzada contrahio o mal contagioſo, no tempo, que em Aveyro ſe levantou a peſte, poucos annos depois da morte da Santa Princeza. Atormentada da febre ardentiſſima, que a conduzia irreparavelmente á morte, recorreo com viva fé aos merecimentos da Santa, e pedindo a terra da ſua ſepultura, depois de a ter applicada á peſtilente chaga, foi couſa eſtupenda, que em hum inſtante ceſſaraõ as dores, auſentou-ſe a febre, e deſappareceo a poſtêma, e ſem outro algum remedio ſe achou ſaã.

A Madre Soror Paula de S. Jeronymo achava-ſe gravemente enferma de huma febre, que, augmentando-ſe em gráo intenſo todos os dias, a atormentava, e tomando nas ſuas mãos a meſma terra, encommendou-ſe com grande fé á Santa Princeza: ficou logo livre da febre, e recuperou a ſaude, como ſe naõ

tiveſſe

tiveſſe padecido algum mal.

Gaſpar Rodrigues, por cauſa de huma febre continua, ſe achava reduzido ao ultimo termo da vida, por cuja cauſa tinha recebido a Extrema-Unçaõ; mas recorrendo com grande fé á Santa Princeſa, e tomando huma limitada porçaõ da ſua ſepultura, inſtantaneamente ficou ſaõ, paſſando de hum extremo a outro, com aſſombro dos Medicos, e conſolaçaõ dos ſeus familiares, que o lamentavaõ por morto.

No recurſo devoto á ſepultura da Santa ſe tem conſeguido effeitos milagroſos, conforme aconteceo á Madre Soror Luiza do Roſario, á qual, tendo naſcido nas coſtas hum cancro, que por quatro annos continuos cruelmente a atormentava, ſem receber algum allivio dos remedios, que ſe lhe applicavaõ, determinando-ſe em fim a deixar eſtes, como inuteis, deliberou recorrer ás interceſſoens da Santa Princeſa, continuando nove dias a reverenciar a ſua ſepul-

tura; o que executado com muita devoçaõ, ainda que naõ alcançaſſe logo ſaude, paſſados os nove dias, a recuperou inteiramente dous dias depois, e de tal modo, que lhe naõ ficou na carne ſinal algum daquelle pertináz tumor.

Foy tambem belliſſimo o milagre, que ſe admirou na peſſoa de Domingos Fernandes, o qual, ſendo de ſette annos, por attracçaõ dos nervos perdeo totalmente o moto progreſſivo, e naõ podia dar hum ſó paſſo nem ainda com as múletas; e poſtoque chegando aos quatorze annos adquiriſſe algum movimento, andando ſobre as muletas, com tudo iſto era verdadeiramente coxo; porque ſó hum pé podia pôr na terra, naõ tendo vigor algum no outro, para ter livre o movimento. Encommendou-ſe com grande devoçaõ á Santa Princeſa, e no dia, em que ſe celebrava a feſta anniverſaria da ſua morte, ſe encaminhou, da ſorte que

pode,

pode, á Igreja, para vizitar o ſepulcro da Santa: pedio que o tocaſſem na parte offendida com o cingidouro da Serva de Deos, que naquelle dia ſe dava a beijar: beijou-o com viva fé, e cingindo-ſe com elle, immediatamente recuperou a ſaude, e pode andar ſem o minimo impedimento. As muletas, que trazia debaixo dos braços, as pôs ás coſtas, e andava gritando pelas ruas de Aveyro: *Eſtou ſaõ, ja naõ ſou coxo, deo-me ſaude a Santa Princeza.* Eſte admiravel prodigio, aſſim como foy manifeſto a toda a gente, que tinha concorrido em Aveyro, para celebrar aquella feſta, aſſim mereceo que por elle ſe déſſem a Deos publicas graças, para mayor gloria da Santa, reconhecendo-ſe obrado pela ſua digna interceſſaõ.

Da geral fama deſtes, e de outros muitos milagres, que ſe viraõ logo depois da morte da Santa Princeza, ſe determinou a piedade da Naçaõ Luſitana a venerá-la com religioſo

culto, naõ ſó em particular, mas tambem em publico, e principalmente na Igreja de JESUS de Aveyro. Deſde eſte tempo no dia do anniverſario da ſua morte ſe lhe celebra huma feſta ſolemniſſima, expondo-ſe em hum Altar defronte do Tumulo a ſua imagem com muitas luzes; e formando as Religioſas huma devota prociſſaõ com vélas accezas, cantando Pſalmos, e hymnos em louvor da Santa, ſe termina a meſma prociſſaõ com o Verſo: *Ora pro nobis, Beata Joanna &c.*, e com a Oraçaõ de huma Virgem: *Exaudi nos, Deus ſalutaris noſter, ut ſicut de Beatæ Joannæ Virginis tuæ feſtivitate gaudemus &c.* Na manhãa da feſta ſe cantava a Miſſa ſolemne de Todos os Santos, no meyo da qual ſubia ao pulpito algum famoſo Orador a prégar os louvores, e as excellencias da Santa Princeſa, concorrendo a eſte plauſivel acto naõ ſó todos os moradores da Villa de Aveyro, mas tambem das povoaçoens circunviſinhas.

Sen-

Sendo pois celebre por todo Portugal o nome da Santa Princeſa, em varias partes do Reyno ſe via expoſta a ſua imagem juntamente com outros Santos nos Altares, com eſta inſcripçaõ: *Santa Joanna*, tendo na cabeça aureola, ou reſplandor de Beata, como ſe moſtra das diffuzas atteſtaçoens juradas nos proceſſos formados naõ ſó por authoridade Ordinaria no anno de mil ſeiſcentos e vinte ſeis, e depois no de mil ſeiſcentos e oitenta e ſette; mas tambem nos proceſſos, que ſe fabricaraõ por commiſſaõ Apoſtolica com letras remiſſorias aos Arcebiſpos de Lisboa, e Evora, e ao Biſpo de Coimbra.

Remettida finalmente á Curia de Roma pelos Poſtuladores a cauſa do Culto immemoravel da Santa Princeſa, authenticado com os maravilhoſos prodigios, que Deos foy ſervido obrar, para credito da ſantidade deſta ſua Serva, a inſtancias do Sereniſſimo Senhor D. Pedro II. Rey de Portugal, dos Arcebiſpos, e Biſ-

e Biſpos, Prelados das Religioens, e dos Magiſtrados, ſe alcançou na ſagrada Congregaçaõ dos Ritos o Decreto favoravel: *Conſtare de caſu excepto, & cultu immemorabili*, aos vinte de Dezembro de mil ſeiſcentos e noventa e dous. Foy depois confirmado eſte Decreto pela Santidade do Papa Innocencio XII. naõ ſó *per vivæ Vocis oraculum*, no meſmo anno a trinta do dito mez, mas tambem pela Bulla expedida a quatro de Abril do anno de mil ſeiſcentos e noventa e tres, a qual vai inſerta no fim deſte livro; e quizeramos que a leſſem com a devida attençaõ todos aquelles, que enganadamente imaginaõ, que a Santa Princeza naõ profeſſou ſolemnemente na hora da morte o Inſtituto de S. Domingos, para que vendo o Oraculo do Vaticano, cuja authoridade entre todas he a mayor, chamarlhe na meſma Bulla Religioſa deſte Eſclarecido Patriarcha, o que ſe naõ pratîca com as Santas, que naõ profeſſaraõ algum Inſtituto ſolemnemente, acabem

de

de conhecer a falſidade deſta inveriſimil opiniaõ.

Aſſim ficou a devoçaõ dos Portuguezes goſtoſamente ſatisfeita, vendo as heroicas virtudes da ſua Santa Princeza premiadas com o Culto concedido pelo Breve da ſua Beatificaçaõ a todo o Reyno de Portugal, e á Religiaõ dos Prégadores: mas como a fama das maravilhas da Santa Princeza ſe augmentava cada vez mais, a Madre Soror Archangela Maria do Baptiſta, zeloſiſſima Prelada do Moſteyro de JESUS de Aveyro, para ſatisfazer naõ menos os ſeus piedozos deſejos, que a devoçaõ do Reyno, e das ſuas dilatadas Conquiſtas, ſupplicou em nome daquella Religioſiſſima Communidade, igualmente empenhada nos Cultos da Santa Princeza, á ſagrada Congregaçaõ dos Ritos a expediçaõ das ordens neceſſarias, para ſe formar o proceſſo da ſua Canonizaçaõ. Tanto que chegou a Roma o requerimento das Religioſas, com eſpecial recommendaçaõ da Fideliſ-

ſima

ſima Mageſtade de ElRey D. Joaõ V., entaõ reinante, ſe paſſaraõ, ſem dilaçaõ alguma, letras remiſſorias, e compulſorias ao Biſpo de Coimbra, D. Miguel da Annunciaçaõ, por tempo de dous annos. Naõ ſe entrou neſta diligencia no tempo preſcrito pela Sé Apoſtolica, por graves, e juſtificados impedimentos daquelle Prelado; e como ſe tinha paſſado o termo prefixo, alcançou o Meſtre Geral da Ordem dos Prégadores, Fr. Antonio Bremond, proroga por mais tres annos no mez de Dezembro de mil ſettecentos e quarenta e nove. Principiou-ſe a formar o proceſſo, que continuou pelo eſpaço de quatro mezes, naõ podendo deixar de ſe notar, como prodigio da Santa Princeza, que naõ havendo dia, em que os Miniſtros, nomeados para eſta Canonica averiguaçaõ, deixaſſem de ter ceſſoens de manhãa, e de tarde, e o que mais he, ſendo alguns de debil conſtituiçaõ, naõ experimentaſſem em hum clima taõ pouco ſalutifero, como o de Aveyro, a mais leve moleſtia. Fal-

Faltava ainda, para ſe pôr o ultimo Remate a eſta grande obra, proceder-ſe ao exame das ſagradas Reliquias, e ſe determinou o primeiro dia de Junho. Deixo de referir aqui, como em proprio lugar, os jejuns, as diciplinas, e os devotos exercicios, com que antecedentemente ſe diſpuzeraõ aquellas devotiſſimas Religioſas para alcançar do Ceo algum evidente teſtimunho da ſantidade da ſua adorada Princeſa; porque bem ſe deixa ver da virtude hereditaria daquelle taõ exemplar Moſteyro. Entraraõ finalmente na Clauſura os Juizes Apoſtolicos, e o Prelado do Moſteyro, com todas aquellas peſſoas, q̃ por obrigaçaõ, e pelo officio deviaõ aſſiſtir a taõ pio, e ſagrado acto; e ſe encaminharaõ ao Coro debaixo, aonde ſe achaõ depoſitados os veneraveis oſſos da Santa Princeſa em hum tumulo naõ ſó baſtante a excitar a devoçaõ dos fieis, mas tambem digno das mayores admiraçoens pela arte, e pela materia: Obra em fim do Real, e generoſo animo de D. Pedro II.

Rey de Portugal, ſeu glorioſo deſcendente.

Mandou-ſe abrir o tumulo pelos architectos, que foraõ chamados para eſte effeito, e, extrahido hum caixaõ interior, foy cuidadoſamente examinado ſe teria algum cheiro artificial. Informaraõ-ſe todos, por ſi proprios, de que o naõ havia; e abrindo-ſe o meſmo caixaõ, ſe expuzeraõ as ſagradas Reliquias em hum Altar portatil á adoraçaõ dos circunſtantes, ancioſos por verem, e reverenciarem aquelle precioſo theſouro por tantos annos eſcondido.

Notou-ſe ao principio hum cheiro quaſi imperceptivel nas ſagradas Reliquias, mas naõ tardou muito o Ceo em manifeſtar mais o prodigio, com que queria acreditar a gloria, que gozava na Bemaventurança aquella ditoza alma, que na terra animara aquelles oſſos; porque, tanto que hum dos Cirurgicens os principiou a organizar, logo ſe diffundio por toda aquella grande caſa huma

huma fragrancia ſuaviſſima, com que naõ podiaõ competir os mais precioſos aromas. Lavaraõ-ſe os ſacroſantos oſſos huma, e muitas vezes, para mayor confirmaçaõ da ſobrenaturalidade do cheiro; porèm eſte cada vez mais ſe augmentava, naõ ſem copioſas lagrimas de goſto em todos aquelles, que teſtimunharaõ huma taõ rara maravilha.

Com eſte prodigio ſe finalizou o proceſſo da Canonizaçaõ da Santa Princeſa; e ſe póde com bom fundamento eſperar, que, continuando com o meſmo fervor quem com tanto zelo, e piedade ſe tem empenhado no Culto univerſal deſta Santa taõ prodigioſa, ſe alcançará brevemente o Breve da ſua Canonizaçaõ, para mayor gloria de Deos, de toda a Igreja Triunfante, e para beneficio univerſal da Militante Igreja, mediante a ſua digna interceſſaõ.

LAUS DEO.

INNOCENTIUS PAPA XII.

AD FUTURAM REI memoriam.

SACROSANCTI Apoſtolatûs cura, quam inſcrutabilis Divinæ Sapientiæ, atque bonitatis altitudo humilitati noſtræ, meritis licèt, & viribus longe impari, imponere dignata eſt, Nos urget, ut piis Orthodoxorum Regum magno in Eccleſiam Dei meritorum fulgore conſpicuorum votis ad augendam in terris Sacrarum Virginum cum Cœleſti Sponſo in beata æternitatc regnantium, illarum præſertim, quæ in diebus peregrinationis ſuæ, tametſi in rerum humanarum ſublimitate poſitæ eſſent, non ſperarunt in lubrico divitiarum, ſed Divini Spiritus depromptum infuſione Apoſtolicum

cum consilium secutæ, cogitarunt quæ sunt Domini, ut essent Sanctæ corpore, & spiritu, venerationem laudabiliter tendentibus favorabilem assensum libentissimè præbeamus. Cùm itaque aliàs, videlicet die 10. *Julii* 1688. *Congregatio Venerabil. Fratrum nostrorum S. R. E. Cardinalium Sacris Ritibus Præpositorum Processus super Sanctitate vitæ, & virtutibus Beatæ Joannæ cl. mem. Alphonsi V., dùm vixit, Portugalliæ, & Algarbiorum Regis illustris natæ, ac Religiosæ Ordinis S. Dominici, cognomento Sanctæ Principissæ die* 12. *Maii* 1490. *defunctæ, auctoritate Ordinaria confectos examinaverit, ac commissione introductionis causæ Beatificationis, seu Canonizationis ejusdem Beatæ Joannæ admissa, eaque subinde à fel. rec. Innocentio Papa XI. Prædecessore nostro signata, in illius executionem vigore literarum remissorialium, & compulsorialium, alij processus in Colymbrien. Elboren. & Ulyxbonen. respectivè civitatibus super Cultu immemorabili ipsi B. Joannæ præstito, &*

casu

casu excepto à Decretis rec. mem. Urbani Papæ VIII. Prædecessoris pariter nostri in Congregatione Sanctæ Inquisitionis editis Apost. auctoritate fabricati fuerint, ac Venerabil. Frater modernus Episcopus Colymbrien. prædictæ Congregat. Card. Judex delegatus super eisdem Cultu immemorabili dictæ Beatæ Joannæ cum scientia, & tolerantia Ordinariorum exhibito, nec non casu, ut præfertur, excepto sententiam protulerit; demùm verò ad enixas preces Charissimi in Christo Filij Nostri Petri Portugalliæ, itidem & Algarbiorum Regis illustris, accedentibus etiam supplicationibus Venerabilium Fratrum Episcoporum, nec non Dilectorum Filiorum Religiosorum, Senatuum, Collegiorum, Academiarum, Universitatum Regni Lusitanici, & ad iteratas instantias Dilecti pariter Filij Paulini Bernardinij Fratris expressè professi Ordinis Prædicatorum, in Sacra Theologia Magistri, causæ Beatificationis, seu Canonizationis hujusmodi Postulatoris in eadem Congregatione Cardinalium

lium propoſito Dubio, an ſententia ſupradicta eſſet confirmanda in caſu, & ad effectum, de quo agebatur, relatiſque contentis in dictis Proceſſibus, eiſque ſeriò, & diligenter diſcuſſis, atque examinatis, dicta Congregatio Cardinalium, audito pariter in ſcriptis, & in voce Dilecto Filio Promotore Fidei, de Cultu immemorabili conſtare, prædictamque Sententiam confirmandam eſſe cenſuerit. Hinc eſt, quòd Nos piis, & devotis dicti Petri Regis ſupplicationibus Nobis ſuper hoc humiliter porrectis favorabiliter annuere cupientes, Decretum à memorata Cardinalium Congregatione editum, ut præfertur, quod ſcilicet de Cultu immemorabili dictæ Beatæ Joannæ, & caſu excepto à Decretis præfati Urbani Prædeceſſoris conſtet, Apoſtolica auctoritate tenore præſentium confirmamus, & approbamus, illique inviolabilis Apoſtolicæ firmitatis robur adjicimus; ſalva tamen ſemper in præmiſſis auctoritate præfatæ Congregationis Cardinalium, Decernentes eaſdem præſentes literas

ras firmas, validas, & efficaces existere, & fore, suosque plenarios, & integros effectus sortiri, & obtinere, ac illis, ad quos spectat, & spectabit in futurum, plenissimè suffragari, & ab eis respectivè inviolabiliter observari; sicque in præmissis perquoscumque Judices Ordinarios, & delegatos, etiam causarum Palatii Apostolici Auditores, judicari, & definiri debere, ac irritum, & inane, si secùs super his à quoquam, quavis auctoritate, scienter, vel ignoranter, contigerit attentari. Non obstantibus Constitutionibus, & Ordinationibus Apostolicis, cæterisque contrariis quibuscumque. Volumus autem, ut ipsarum præsentium literarum transumptis, seu exemplis, etiam impressis, manu alicujus Notarij publici subscriptis, & sigillo personæ in dignitate Ecclesiastica constitutæ munitis eadem prorsus fides in Judicio, & extrà illud habeatur, quæ haberetur ipsis præsentibus, si forent exhibitæ, vel ostensæ. Datum Romæ apud Sanctam Mariam Majorem,

ſub annulo Piſcatoris die IV. Aprilis MDCXCIII. Pontificatûs Noſtri Anno II.

J. F. Card. Albanus.

PRO-

PROTESTATIO AUCTORIS.

QUAMQUAM nonnulla in hoc libello relata ſpectantia ad Cul. tum ab immemorabili Beatæ Joannæ exhibitum ex Decreto Sacræ Congregationis Sacrorum Rituum emanato die 20. Decembris 1692., confirmato deindè per Breve ad futuram rei memoriam Sanctiſſimi Domini Noſtri Innocentii Papæ XII. die 4. Aprilis 1693. conſtantia ſint. Attamen, quia reliqua, præſertim ſpectantia ad virtutem, hæroicitatem, & miracula, quæ in eodem libello narrantur, nondum per Sacram Congregationem approbata fuerint, ad effectum procedendi ad ulteriora. Idcirco Auctor præſentis vitæ Beatæ Joannæ, debitâ, quâ par eſt, reverentiâ ſervare Volens Sanctiſſimi D. N. Urbani Papæ VIII. in Sacra

Congretatione Sanctæ Romanæ, & universalis Inquisitionis Decretum emanatum die 13. Martij 1625., & confirmatum die 5. Julii 1634. juxta declarationem ejusdem Sanctissimi per aliud Decretum editum in eâdem Sac. Congregatione die 5. Julij 1631. ingenuè protestatur, ijs, quæ in hoc libello ab eo narrantur, se nullatenus intendere aliam fidem habendam præter humanam, quæ cæteris humanis Historijs adhiberi solet: ac propterea in eo statu ab Auctore præfata relinqui, quem, seclusâ suâ enarratione, obtinere noscuntur, non obstante quocunque longissimi temporis decursu. Quod tam sanctè, iterum atque iterum, profitetur, quám decet eum, qui Sanctæ Sedis Apostolicæ obedientissimus filius haberi exoptat.

RECO-

RECOPILAÇAÕ
DAS PRODIGIOSAS ACCOENS
DA
PRINCESA
S.ta JOANNA,
E DO MAIS, QUE SE CONTÊM neſte Livro.

NASCIMENTO, patria, e pays da Santa Princeſa. pag. 2.
Poucos dias depois de naſcida, he jurada Princeſa por todos os Eſtados do Reyno. pag. 3.
Priva-ſe, quando menina, de todos os divertimentos, ainda que innocentes, de Palacio, e pratîca os actos mais devotos, poſſiveis áquella idade. pag. 5.
Divulgada por toda a Europa a fama da incomparavel formoſura da Princeſa

ceza de Portugal, e das ſuas heroicas virtudes, pede-a, a ElRey D. Affonſo V. ſeu pay, Luiz XI. Rey de França, para eſpoſa de Carlos Duque de Orleans ſeu irmaõ, naquelle tempo unico herdeiro da Coroa, contando apenas doze annos de idade a Princeſa. pag. 7.

Inſtancias de ElRey D. Affonſo V., para que a Princeſa convenha neſte matrimonio. pag. 8.

Diſcretas, e ſábias razoens, com que illude as inſtancias do pay, e preſerva o ſeu virginal candor, que já meditava conſagrar em huma Clauſura ao Celeſtial Eſpoſo. pag. 9.

Entrega deſta occaſiaõ a Deos totalmente os ſeus penſamentos, e pratîca os mais rigoroſos exercicios de mortificaçaõ, e penitencia. pag. 11.

Singular devoçaõ da Santa Princeſa á Paixaõ de Chriſto, por força da qual toma por timbre das ſuas Armas a coroa de eſpinhos. pag. 15.

Ardente

Ardente caridade para com o proximo, assim em soccorrer a indigencia dos pobres, como em pacificar as discordias dos Grandes. pag. 18.

Chega á idade de dezaseis annos, em que ElRey seu pay pertende dar-lhe esposo, e ella determina professar o Instituto Religioso no Mosteyro de JESUS de Aveyro. pag. 19.

Descripçaõ deste Regio, e observantissimo Mosteyro. pag. 22.

Pede a Santa Princesa licença a ElRey para se recolher no sobredito Mosteyro, e lhe he negada, com notavel sentimento seu. pag. 35.

Fica a Princesa governando Portugal pela ausencia do pay, e do Principe D. Joaõ para a guerra de Africa; e pratîca as mais sábias, e prudentes maximas de governo. pag. 38.

Chega victorioso a Lisboa ElRey D. Affonso V. da guerra contra os Mouros, e por beneficio de huma discreta industria consegue do pay recolher-se em

em hum Moſteyro. pag. 41.
Novo embaraço aos ſeus ſantos projectos pela pertençaõ de Federico IV. Imperador de Alemanha, que a pede por eſpoſa do Archiduque Maximiliano ſeu filho. pag. 44.
Dá-ſe por convencido ElRey dos efficazes argumentos da filha, e diſſolve o tratado do caſamento com a Caſa de Auſtria. pag. 47.
Partida naõ eſperada da Santa Princeſa para o Moſteyro de Odivellas. pag. 48.
Demonſtraçoens de ſentimento do Principe D. Joaõ, e de toda a Corte, por eſta reſoluçaõ da Princeſa. ibi.
Inſtancias da Princeſa a ElRey para ſahir do Moſteyro de Odivellas, ás quaes elle ſatisfaz, determinando-lhe o Moſteyro de Santa Clara de Coimbra. pag. 49.
Alcança licença, na meſma jornada para Coimbra, de ſe recolher no ſeu ſuſpirado Moſteyro de JESUS de Aveyro. pag. 51.

Gene-

Generoza reſiſtencia aos combates do Principe D. Joaõ ſeu irmaõ, e de D. Filippa ſua tia, que a pertendiaõ apartar de ſeguir a jornada para o Moſteiro de JESUS de Aveiro. pag. 52.

Deſpede-ſe do pay, do irmaõ, e da tia, e de toda a Real comitiva com huma heroicidade verdadeiramente celeſtial, e entra no Moſteiro de JESUS aos quatro de Agoſto, dia do Patriarcha S. Domingos. pag. 53.

Prodigioſo ſinal, que ſe vio no Ceo athé entrar naquelle Moſteiro a Santa Princeza. pag. 55.

Naõ toma logo o habito, pela grande oppoziçaõ dos Eſtados Geraes do Reyno, o que ſó pode executar paſſados tres annos, aos vinte e cinco de Janeyro, dia da Converſâõ de S. Paulo. pag. 57.

Commoçaõ dos meſmos Eſtados Geraes pela ſanta determinaçaõ da Princeza, e proteſtos, que ſe fizeraõ em Aveyro, aonde ſe encaminharaõ para eſte

effeito. pag. 61.
Impaciente ardor, com que o Principe D. Joaõ parte da Corte de Lisboa, juntamente com o Biſpo de Evora, para a diſſuadir de ſer Religioſa. pag. 62.
Conſtancia inimitavel da Santa Princeza em reſiſtir aos carinhos, e ameaços do irado irmaõ. pag. 65.
Deixa immudecida toda a eloquencia do Biſpo de Evora, que ſe empenhou em orar a favor dos intentos do Principe. pag. 70.
Continûa a Santa Princeza o ſeu noviciado, e ſe deſcrevem os virtuoſos actos, que nelle praticou o ſeu grande eſpirito. pag. 74.
Nova tempeſtade, que os tres inimigos da alma movem contra a Santa Princeza pelos reiterados proteſtos dos Eſtados Geraes do Reyno, para naõ profeſſar, e pela ordem rigoroſa de El-Rey D. Affonſo aos Prelados da Religiaõ, para lhe tirarem o habito. pag. 79.

Enter-

Enternecida declaraçaõ, que fez, quando ſe vio obrigada a largar o ſagrado habito, e a fazer algumas declaraçoens contrarias á profiſſaõ ſolemne. pag. 82.

Véſte ſegunda vez o habito de Religioza, e continûa a ſervir ao ſeu Eſpozo. pag. 83.

Outro Decreto Regio perturba a tranquilidade da Santa Princeza, ordenando-lhe ElRey ſeu pay, que por cauſa da peſte ſe auſente de Aveyro. pag. 84.

Ordem admiravel, que obſervou a Santa Princeza na jornada, que fez para a Villa de Aviz na companhia da Prelada do Moſteiro, e das outras Religioſas, que levou em ſua companhia. pag. 86.

Morte de SororBrites Leitôa, Fundadora, e Prelada do Real Moſteyro de JESUS de Aveyro, e ſentimento da Santa Princeza pela ſua falta. pag. 88.

Parte a Santa Princeza, depois de ceſſar a peſte, para Aveiro, e lhe chega a noticia infauſta do fallecimento de ElRey

D. Affonſo ſeu pay. pag. 90.
Succede no throno o Principe D. Joaõ, que lhe promette em tudo a ſua Real aſſiſtencia, e o meſmo governo do Reyno. pag. 93.
He entregue o Infante D. Jorge á educaçaõ da Santa Princeza, á qual naõ ſó confirma ElRey D. Joaõ as rendas de Aveyro, que lhe doou ElRey D. Affonſo, mas lhe accreſcenta outras mais de novo. pag. 94.
Pede Luiz XI., Rey de França, por huma ſolemne embayxada, a Santa Princeza para eſpoſa do Delfim ſeu filho. pag. 96.
Revelaçaõ Divina, em que Deos lhe manifeſtou que Luiz XI. era fallecido; e reſpoſta, que deo a ElRey ſeu irmaõ pelo Enviado, que lhe mandou para dar o ſeu conſentimento a eſtes deſpozorios. pag. 98.
Impugna-ſe a opiniaõ de alguns Eſcritores, os quaes erradamente creraõ, que Luiz XI. pedio a Santa Princeza

za para propria eſpoza, e naõ do Delfim. pag. 101.

Goza por pouco tempo da bonança, que ſe ſeguio a eſta tormenta; porque ſe vê neceſſitada a ſahir ſegunda vez do Moſteyro por cauza da peſte. pag. 105.

Ordena ElRey D. Joaõ á Princeza, que ſe achava na Cidade do Porto, que parta ſem demora, nem replica, para a Villa de Alcobaça, e põem-ſe logo a caminho, para fallar ao irmaõ. pag. 106.

Diſcurſo de ElRey á Santa Princeza, para que dê a maõ de Eſpoſa a Ricardo, Rey de Inglaterra, que a pede anciozamente. pag. 107.

Rezoluta negativa da Princeza aos empenhos de ElRey. pag. 108.

Rigorozas demonſtraçoens de indignaçaõ em ElRey D. Joaõ por eſte motivo. pag. 109.

Recorre a Deos a Santa Princeza neſte aperto com huma fervoroſa, e enternecida oraçaõ, e lhe revéla o meſmo Se-

Senhor, que naõ terá effeito o pertendido matrimonio, pela morte de ElRey Ricardo. pag. 110.

Mostra-se com toda a evidencia ser Ricardo quem pertendeo a Santa Princeza para Espoza, e naõ Henrique VII. de Inglaterra, como affirmáraõ alguns Historiadores na sua vida. pag. 112.

Confuzo, e arrependido ElRey D. Joaõ pela impensada morte de Ricardo, Rey da Gram Bretanha, pede perdaõ á Santa Princeza do excesso passado. pag. 114.

Reconciliados desta sorte os Reaes animos, parte ElRey D. Joaõ para Lisboa, e a Santa Princeza para o seu Mosteiro, no qual só pode entrar alguns mezes depois, por cauza da peste, que ainda fazia grandes estragos em Aveyro. pag. 115.

Successo notavel, que aconteceo á Santa Princeza, no caminho de Coimbra para Aveyro, com certa dama, naõ menos nobre, que escandaloza. pag. 116.

Ex-

Extraordinario contentamento da Santa Princeza, quando ſe vio na companhia das ſuas amadas Religiozas. pag. 120.

Encaminha-ſe, logo que entra no Moſteiteyro, á Igreja a dar graças ao Senhor pela ter livrado de tantos perigos; e aqui faz voto publico de perpetua virgindade, proteſtando, que a ſua intençaõ era que tiveſſe a meſma validade, como ſe foſſe feito nas maons dos Prelados da Ordem, com a ſolemne profiſſaõ. pag. 121.

Santo, e inculpavel modo de vida, que obſervou a Santa Princeza deſde eſta ultima entrada no Moſteiro athé o tempo da ſua morte. pag. 122.

Revela Deos á Santa Princeza a brevidade, com que deixaria o mundo. pag. 127.

Revelaçoens, que tiveraõ algumas ſantas Religiozas da morte da Santa Princeza. pag. 128.

Deſcreve-ſe a enfermidade da Santa Princeza,

ceza, e a admiravel reſignaçaõ nas inſopportaveis agonias, que padeceo. pag. 131.
Amorozos extremos, que obrou pelo ſeu celeſtial Eſpozo neſta penoza, e dilatada enfermidade. pag. 133.
Sentimento univerſal, e devotas preces, que ſe fizeraõ por todo o Reyno pela ſaude da Santa Princeza. pag. 137.
Recebe os Sacramentos da Igreja com huma incomparavel ternura, e diſpõem de todos os ſeus bens em beneficio das peſſoas mais neceſſitadas, e do ſeu Moſteiro. pag. 139.
Exhortaçaõ, que fez ao Infante D. Jorge, a quem mandou chamar á ſua prezença, e piedozas maximas, que lhe deixou. pag. 141.
Enternecida deſpedida da Santa Princeza das ſuas amadas Religioſas. pag. 142.
Actos devotiſſimos, com que aos doze de Mayo deo os ultimos alentos da vida ao ſeu Creador, e prodigios, extraordinarios, que ſe admiráraõ na ſua

ſua morte. pag. 146.
Deſcripçaõ da eſtatura, feiçoens, e rara belleza, de que o Ceo dotou eſta perfeitiſſima creatura. pag. 150.
Forma-ſe o mais ajuſtado calculo do tempo, que a Santa Princeza viveo no Moſteyro de JESUS de Aveyro. pag. 151.
Moſtra-ſe tambem que ſahio duas vezes do Moſteyro por cauſa da peſte, contra alguns Eſcritores da vida da Santa. pag. 153.
Maravilhoſas appariçoens, com que o Ceo quiz moſtrar cá na terra a gloria, que a Santa Princeza eſtava gozando no Ceo, logo depois do ſeu fallecimento. pag. 157.
Conſola a Santa Princeza á aquellas afflictas Religioſas, apparecendo-lhes illuſtrada de reſplandores, e vizitando a cada huma na ſua propria cella. pag. 161.
Solemne enterro da Santa Princeza, a que aſſiſtem os Biſpos de Coimbra, e

do Porto. pag. 162.
Choraõ as arvores, e ſecçaõ-ſe repentinamente as flores, quando paſſava por junto do jardim para a Igreja o Sagrado Cadaver. pag. 163.
Referem-ſe alguns dos innumeraveis prodigios, que Deos foy ſervido obrar pela poderoza interceſſaõ da Santa Princeza. pag. 166.
Immemoravel culto da Santa Princeza em Portugal, e particularmente no Moſteyro de JESUS de Aveyro. pag. 171.
Beatificaçaõ da Santa Princeza no anno de 1693. á inſtancia do Senhor Rey de Portugal D. Pedro II. pag. 173.
Da-ſe principio ao proceſſo da Canonizaçaõ da Sãta Princeza no anno de 1752. e ſe refere o grande prodigio, que o Ceo obrou no exame, que os Juizes Apoſtolicos fizeraõ das Sagradas Reliquias. pag. 175.

BRE-

BREVE NOTICIA dos Escritores da vida da Santa Princeza.

A Madre Soror Margarida Pinheyra foy a primeira, que escreveo a vida da Santa Princeza em lingua Portugueza: e sendo coetanea, e indivisa companheira da Serva de Deos no Mosteiro de JESUS de Aveyro, pela observar continuamente em tudo, que dizia, ou obrava, naõ se póde duvidar que puzesse todo o possivel cuidado para compor a sua vida completamente verdadeira, como ella muitas vezes affirma tambem com juramento.

Esta vida foi ja produzida, e compulsada no processo, que se formou no anno de 1626. sobre a fama da santidade, e sobre os milagres da Serva de Deos, pelo Bispo de Coimbra, como Juiz ordinario; no qual processo se vê a sentença proferida pelo dito Bis-

po, que ao livro da ſobredita vida convem dar, em Juizo, e fóra delle, plena, e indubitavel fé.

Da vida eſcrita por eſta Veneravel Religioza dimanaraõ, como de clariſſima fonte, os copiozos rios de outras vidas, que ſahiraõ á luz por ſujeytos celebres, aſſim em doutrina, como em virtude.

Eſcreveo a vida da Santa Princeza, Garcia de Rezende na Chronica de ElRey D. Joaõ II. em lingua Portugueza, aqual foy impreſſa em Evora no anno de 1554.

Eſcreveo-a depois o Padre Meſtre Fr. Antonio de Sena, da Ordem dos Prégadores, inſerta nas Chronicas da meſmaOrdem por elle compoſtas na lingua Portugueza, e dadas á luz no anno do Senhor de 1585.

Eſcreveo-a da meſma ſorte em lingua Portugueza o Padre Meſtre Fr. Nicoláo Diaz, que a eſtampou no anno de 1594.

El-

Eſcreveo-a o Padre Fr. Jeronymo Romaõ, da Ordem de Santo Agoſtinho, Hiſtoriador Regio, e a deo á luz em lingua Heſpanhola no anno de 1595.

Eſcreveo-a o Padre Meſtre Fr. Joaõ Lopes, da Ordem dos Prégadores, que depois foy Biſpo de Monopoli, e a deo á eſtampa em lingua Heſpanhola no anno de 1613.

Eſcreveo-a S. Pio V., da Ordem dos Prégadores, no terceiro Tomo das vidas dos Santos, e Beatos da meſma Ordem, em lingua Italiana, impreſſo no anno de 1620.

Eſcreveo-a em lingua Portugueza o Padre Fr. Luiz Cacegas, da Ordem dos Prégadores, no livro das *Hiſtorias de S. Domingos*, impreſſo no anno do Senhor de 1623.

Eſcreveo-a em lingua Latina o Padre Antonio de Vaſconcellos, da Companhia de JESUS, no livro, que compôs, intitulado: *Anacephalæoſis Regum Luſitaniæ*, que foy dado á luz no anno de 1621.

Eſ-

Eſcreveo-a em lingua Latina o Padre Meſtre Fr. Abraham Bzovio, da Ordem dos Prégadores, Annaliſta Pontificio, no continuaçaõ dos Annaes do Cardeal Baronio, no Tomo 18. impreſſo no anno do Senhor de 1627.

Eſcreveo-a Mons. Caramuel no livro intitulado: *Philipus prudens*, impreſſo em Anvers no anno de 1639.

Eſcreveo-a em lingua Portugueza o Padre Fr. Luiz de Souza, da Ordem dos Prégadores, na ſegunda parte da hiſtoria da Provincia de Portugal, impreſſo em Lisboa no anno de 1662.

Eſcreveo-a em lingua Italiana o Padre Pedro Franciſco Treſileo, da Companhia de JE US, no ſeu livro impreſſo no anno de 1664.

Eſcreveo-a Jorge Cardozo em lingua Latina no ſeu *Agiologio Luzitano*, no anno de 1666.

Eſcreveo-a em lingua Italiana o Padre Meſtre Marchezi, da Ordem dos Prégadores, que foy depois Biſpo de Pozzuolo

zuolo no terceiro Tomo do seu *Diario Sacro Dominicano*, dado á luz no anno do Senhor de 1670.

Escreveo-a em lingua Portugueza D. Fernando Correa de Lacerda, Bispo do Porto, impressa em Lisboa no anno de 1674.

Escreveo-a Manoel de Faría e Souza, em lingua Hespanhola, no segundo Tomo da Europa Portugueza, impresso em Lisboa no anno de 1679.

Escreveo-a em lingua Franceza o Padre Fr. Thomaz Sovegio, da Ordem dos Prégadorcs, no terceiro Tomo do *Anno Dominicano*, dado á luz em Amiens no anno de 1686.

O Padre Daniel Papebrocchio, da Companhia de JESUS, em hum livro separado dos outros volumes deo á luz em lingua Latina, traduzida com as suas eruditas annotaçoens, a vida da Santa Princeza, escrita na lingua Portugueza pela Madre Soror Margarida Pinheira, no anno do Senhor de 1688.

Es-

Eſcreveo-a o Padre Fr. Lucas de Santa Catharina, Chroniſta da Ordem dos Prégadores, nas ſuas *Eſtrellas Dominicas* impreſſas em Lisboa no anno de 1709.

Eſcreveo-a o Padre Fr. Manoel de Lima, da Ordem dos Prégadores,no ſegundo Tomo do *Agiologio Dominico* impreſſo em Lisboa no anno de 1710.

Eſcreveo-a finalmente o Padre Fr. Diogo do Rozario,da Ordem dos Prégadores, no primeiro Tomo do ſeu *Flos Sanctorum* impreſſo em Lisboa no anno de 1741.

FIM.

8690881
22 Se 2020

1312c5060